



BICHOS

EM PROSA E VERSO



BICHOS EM PROSA E VERSO

Livro compilado, organizado e editado por **Elidiomar Ribeiro da Silva**

Componente de avaliação de estudantes das disciplinas de graduação **Ensino de Técnicas de Zoologia** (curso de licenciatura em Ciências Biológicas) e **Técnicas de Trabalho em Zoologia** (cursos de bacharelado em Ciências Ambientais e em Ciências Biológicas), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Baixe gratuitamente em www.revistaabruxa.com

Parte do evento:

Encantos culturais da Zoologia



IX MOSTRA VIRTUAL DE TTZ E ETZ



No Instagram de A Bruxa: <https://www.instagram.com/revista.a.bruxa/>

Nas disciplinas **Ensino de Técnicas de Zoologia (ETZ)** e **Técnicas de Trabalho em Zoologia (TTZ)**, ambas da graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (a primeira, da licenciatura integral; a segunda, do bacharelado - e, pela primeira vez, oferecida também para o bacharelado em Ciências Ambientais, no segundo semestre de 2023), o trabalho final proposto às(aos) alunas(os) versa sobre algum tema específico que associe Ciência e Cultura. Para esta edição, batizada de **IX MOSTRA VIRTUAL DE TTZ E ETZ - ENCANTOS CULTURAIS DA ZOOLOGIA**, tivemos uma alteração significativa em relação às edições anteriores. Nelas, cada estudante apresentou, dentro do tema pedido, um resumo junto com pôster (*banner*), nos moldes de um congresso científico. Desta feita, com o muito bem-vindo acréscimo de discentes do bacharelado em Ciências Ambientais, o número de estudantes aumentou muito, chegando a em torno de cem. Assim, propôs-se uma atividade completamente diferente: a publicação e disponibilização de um LIVRO, em que cada um teve até uma página (ou um pouco mais) para desenvolver algum texto cultural. Pôde ser relato, crônica, conto, caso, poema ou qualquer outra produção cultural, desde que, obrigatoriamente, tivesse menção a bicho.

Então, no dia 14/12/2023, a partir das 14:00h, o link para este livro, publicado na revista **A Bruxa**, passou a ser disponibilizado. Participantes do evento puderam ler o livro em modo on-line ou até mesmo baixar. Em caso de interesse, foi possível interagir com autoras e autores dos textos constantes no livro, mediante comentários. Certamente, as alunas e alunos ficaram felizes ao dirimir dúvidas e interagir com os presentes. Como se trata de uma jornada virtual, você ainda é nosso convidado. Liberte a imaginação, apure o senso científico e interaja com as autoras e autores através dos comentários – isso no Instagram da revista **A Bruxa** - <https://www.instagram.com/revista.a.bruxa/>.

Se quiser ver as edições anteriores do evento, os links são:

2017/2: <https://www.facebook.com/events/146937242541958>

2020/1: <https://www.facebook.com/events/425593958878194>

2020/2: <https://www.facebook.com/events/289593319479310>

2021/1: <https://www.facebook.com/events/557994888752445>

2021/2: <https://www.facebook.com/events/283065627230090>

2022/1: <https://www.facebook.com/events/382640360652468>

2022/2: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLVk9Yf7CmhR0mF7YMmjJeHISITV0nvC-D>

2023/1: <https://www.instagram.com/revista.a.bruxa/>

Voltando à presente edição. Os textos estão agrupados em **relatos romanceados**, que são baseados em fatos reais, mas narrados com fantasia; **relatos verídicos**; **crônicas**; **contos**; **poemas**. Não houve qualquer instrução para que se incluíssem informações zoológicas ou científicas reais, ao contrário do que foi feito nas edições anteriores do evento. Trata-se de uma atividade experimental – aliás, como quase tudo na vida real – e de configuração preliminar. Não foi nossa preocupação apontar a Ciência nas narrativas, até porque ela, muitas vezes, já está ali, nos personagens e situações. Há os bichos, é claro, o que já traz a Zoologia para a conversa. Mas há também preocupações conservacionistas e questionamentos quanto ao futuro que queremos.

O primeiro texto apresentado é de minha autoria, enquanto professor das disciplinas, e que serviu de exemplo para a compreensão do espírito da proposta. Após meu relato, seguem-se os da monitora, Amanda, e dos(as) estudantes das disciplinas que enviaram dentro do prazo estipulado (lembrando que se trata de uma atividade acadêmica avaliativa).

Algumas ilustrações que enfeitam a obra foram feitas por autores e autoras dos relatos, sempre com a devida creditação. As demais foram produzidas a partir de comandos no Novo Bing,

Por ter como objetivo o encantamento, esperamos que a leitura seja interessante e atraente, cooptando mais aliados à defesa da biodiversidade, que é (ou deveria ser) uma prioridade de todos. Se você gostou do que viu aqui, considere mostrar para mais pessoas, especialmente as de fora do circuito Ciência, universidade, academia. É ao público externo que dedicamos esta empreitada, buscando atraí-lo com o que temos de melhor: os bichos e suas histórias.

Que você se divirta e se emocione como nós nos divertimos e nos emocionamos na elaboração. E que tenha uma boa leitura.

Elidiomar Ribeiro da Silva
14 de dezembro de 2023



Fotos de Mayara Gonçalves Aires



ENCANTE-SE COM OS BICHOS E AS PALAVRAS

DEFENDA A BIODIVERSIDADE
E OS RECURSOS NATURAIS

ELIDIOMAR RIBEIRO DA SILVA

O ENCONTRO DO SACI COM A MULA-SEM-CABEÇA

Acordei cedo naquele dia e tomei café rapidamente. Na véspera, havia chegado à cidade após longa jornada e, depois do almoço, começariam as atividades na universidade local. Assim, eu tinha poucas horas para conhecer a região, talvez a única chance para tal, pois sabe-se lá se eu teria outra oportunidade de retornar.

Ainda que nem bem tivesse passado das oito da manhã, já estava um calor do cão. Comecei a perambular pela cidade e percebi que não havia muito mais do que a praça central com uma igreja católica no centro, como em todo interior que se preza. Frustrado por ter tão pouco a ver, andei a esmo rumo à periferia da cidadezinha e logo as casas começaram a dar lugar a terrenos vazios. Em um deles, um idoso de baixa estatura, usando um chapéu de couro vermelho, roupas de roceiro, encostado no muro que separa o terreno da casa vizinha e escorado por uma bengala alta, por lhe faltar parte da perna, me acenou. Quando atendi e cheguei mais perto, ele perguntou:

- *“Moço, você sabe o que essa sua camisa quer dizer?”*

Eu gosto muito de usar camisas com estampas com bichos. Zoólogo, observar os animais faz parte de minha profissão, bem como o gosto por eles. Além disso, me interessa bastante pela força narrativa do nosso folclore e é comum que eu leia textos sobre encantados e entidades brasileiras ligadas aos bichos, como Lobisomem, Boitatá, Mapinguari, Caipora, Anhangá, dentre tantas outras. Eu estava usando exatamente uma camisa com um desses encantados zoológicos, a Mula-Sem-Cabeça. Sim, mesmo do alto de meus privilégios de homem branco, hétero, com educação formal e morador de cidade grande, eu sabia o que a minha camisa queria dizer.

A Mula-Sem-Cabeça é um dos mitos mais misóginos do folclore. Na maioria dos contos, diz-se que ela é a alma penada de uma mulher amaldiçoada por ter se relacionado a um padre. Assim, ela foi condenada a se transformar numa mula que tem chamas no lugar da cabeça, galopando por cidades na madrugada de quinta para sexta-feira. Já li de alguns folcloristas que esse mito é cheio de simbolismos. Como, por exemplo, o fato da mulher, que tecnicamente não fez qualquer traição, ter sido punida, enquanto o padre, esse sim o traidor (de sua fé e de seus votos de castidade), não. Bem como o fato da ausência de cabeça da besta-fera representar a falta de um controle intelectual e racional sobre a bestialidade. Mas, do meu ponto de vista favorito, o da Zoologia, o simbolismo mais legal é o uso da mula, um bicho tido como “impuro”, por representar o produto do cruzamento entre duas espécies diferentes, o jumento e a égua.

Quando eu ia começar a responder ao velho, ele me interrompeu, dizendo:

- *“Nem precisa responder, eu sei que o moco sabe das coisas. Eu só queria puxar assunto pra saber se o moço tem aí um cigarro pra me dar. Tem?”*

Falei pra ele que, por não fumar, eu não tinha cigarros, e ele fez cara de aborrecido, rosnando que agora estava cada vez mais difícil, pois quase ninguém fumava. Despedi-me e segui a caminhada, não sem antes escutá-lo dizer que, apesar da falta de fumo, eu encontraria o que vim procurar, ainda que eu não soubesse.

Nem deu tempo de refletir sobre essas palavras, pois, ao virar a esquina e chegar numa ribanceira, escutei um som que me deixou tão feliz que até demorei a acreditar: o canto de uma ave que eu nunca havia ouvido em campo. Uma ave chamada saci.





AMANDA CARDOZO DOS SANTOS

O LOBISOMEM DO CACHAMBI

Minha avó sempre contou para minha mãe e para nós (eu e minhas irmãs) que quando ela era criança tinha um vizinho que era lobisOMEM (essa história é muito engraçada inclusive). Pelo o que ela conta, o cara vivia sozinho, era misterioso e não falava com ninguém, só saía em noite de lua cheia, ficava uivando e sempre que voltava na manhã seguinte, voltava com as roupas rasgadas. Todo mundo tinha muito medo dele e quando era Lua cheia e anoitecia, ninguém saía de casa (as pessoas que moravam na vila).

O lobisOMEM nas lendas é descrito como um homem que é misturado com um *Canis lupus*, o lobo, ou até mesmo um grande cão negro, assumindo suas características principais como: uivar, caçar, ter hábitos noturnos, possuir pelos ao redor do corpo e até correr em quatro patas. Então, talvez pelo homem ser um pouco "cabeludo" e viver de um jeito meio estranho (de acordo com a rotina do pessoal da época), as pessoas uniram essas características aos contos de Folclore.



FERNANDO ALVES DA SILVA

ALMA DE GATO

A lenda da Alma de Gato é sobre um gato de olhos vermelhos e às vezes, por outros relatos, olhos com chamas de fogo bem vermelhas. De dia, ele é invisível e se esconde no quintal da casa da criança desobediente, para poder assustá-la com barulhos e miados assustadores. Já à noite, toma forma de um gato preto com olhos com chamas de fogo bem vermelhas.

Dizem que seu fogo não queima, mas sim eletrifica como um choque. Ao perceber que sua presença foi notada e que todos ficaram em silêncio e obedientes novamente, ele desaparece. Nunca se ouviu falar que ele fez mal a alguém. Também nunca ninguém desafiou a sua macabra presença.

A lenda do alma de gato é muito contada pelas minhas tias aqui na Paraíba, na cidade de Areal. Até hoje minha tia, que agora é avó também, conta a história para seus netos, principalmente mais teimosos, brigão e desobediente, que se chama Gustavo é muito arteiro.

A minha tia fala para ele:

- *“Se desobedecer a mim ou a seus pais, o Alma de Gato, o gato preto de olhos de fogo, vai aparecer na sua casa à noite e te procurar! Não adianta chorar, ele vem atrás de você. Se você parar de molesta, de arroteio, parar de mau comportamento, começar a obedecer, ela não irá vir”.*

Gustavo logo fica quieto e começa a ficar mais calmo e sem implicações com os outros primos, parando com a pirraça. A todos que olham o Gustavo, é muito nítido em seu olhar o medo que tem do gato preto de olhos vermelhos de fogo, o tal Alma do Gato, que também aqui na Paraíba é conhecido pelos nomes Tinguauçu e Atinguacu.

Minha tia Cuca sempre contou muitos contos, mas essa do gato preto de olhos de fogo vermelhos sempre deixava muitos dos seus netos com medo, principalmente quando aparecia um gato no quintal fazendo barulho ou brigas de gatos durante a madrugada. Era um falatório de manhã no café da manhã dizendo: vocês ouviram e escutaram o gato preto? O tal de Alma de Gato.

- *“Quem foi que desobedeceu, hein?”*, minha tia falava para todos. *“Fala logo! Se não ele não vai embora e vai atrás de quem desobedeceu e também de todos vocês”.*

A história marca tanto do Alma de Gato, por ele ter as características de um gato da cor preta e olhos vermelhos de fogo, que quando vejo - e meus primos também - um gato preto, lembramos da lenda e contos do Alma de Gato. E até hoje isso marca, apesar de eu ter uma gata preta, não associo tanto ela com a lenda, mas às vezes lembro da família e minha tia.

Essa história é bem conhecida na cidade de Areal, quanto em outras regiões do estado da Paraíba. Eu, sendo do Rio de Janeiro, conheci essa história quando fui em uma das minhas viagens para lá.



KARINE ANGELO DE AZEVEDO**ÁGUAS NOTURNAS**

Existe uma lenda antiga que diz que os pescadores noturnos do rio Paraíba do Sul, que passa por Barra Mansa, são levados à noite por um peixe desconhecido. Seu Antônio, um pescador antigo e sábio, temia a lenda mas sempre desafiava os medos e passava as madrugadas pescando na beira do rio, nunca vendo o tal peixe matador de homens. Até que em uma madrugada Antônio resolveu sair da beira do rio e pegar um barco, para poder pescar no meio do rio onde era mais calmo e as capivaras não espantavam seu alimento com seus banhos noturnos.

Já a boas horas em seu barco e já tendo pego uma variedade de peixes, resolveu ir embora. Puxando a linha para fora d'água sentiu ela mais pesada e puxada com força para o fundo do rio, puxou de volta e sorriu com o pensamento de que voltaria para casa com um peixe grande para a família. Antônio não sabia quantos minutos se passaram enquanto ele lutava com a criatura, só percebeu quando suas mãos ficaram vermelhas pela força e o barco começou a se mover... Não para frente e nem para os lados, mas sim para o fundo da água escura.

Pânico tomou seu corpo e alma, mas não desistiria! Foi criado à beira do rio, era sua casa, não iria desistir sem lutar. A ponta do barco já estava quase toda mergulhada na água, seu corpo se projetava para frente e com medo de cair apoiou as pernas no banco, sua mão em um vermelho vivo pelo sangue que fugia dos cortes que a vara de bambu fazia e sua vista embaçava pelo suor escorrendo para seus olhos, mas Antônio não foi criado para desistir.

As pontas dos pés começaram a ser abraçadas pelo rio e algo se acendeu em sua cabeça. A lenda. O que estava lutando não era um peixe normal, mas sim o devorador de homens que temia desde que pegou seu primeiro lambari. Iria morrer como todos os outros pescadores que desafiavam as águas noturnas antes dele, o rio estava tomando o que era seu. O puxão diminuiu até parar totalmente, seu barco voltava para a superfície aos poucos, era um milagre? Se fosse, Antônio acreditava que suas preces foram ouvidas pelo lado errado, porque bolhas de ar começaram a estourar na água, uma por uma, indicando que algo estava subindo. Antônio segurou o bambu com mais força, pronto para o que veria. E ele viu. Escamas douradas subiram à superfície por alguns segundos, como se para verificar o que estava levando consigo. Os olhos do velho senhor brilharam com a luz da Lua refletindo naquelas lindas e assustadoras escamas e nem sentiu quando a criatura desceu novamente levando o sonho e a vida daquele velho pescador destemido.

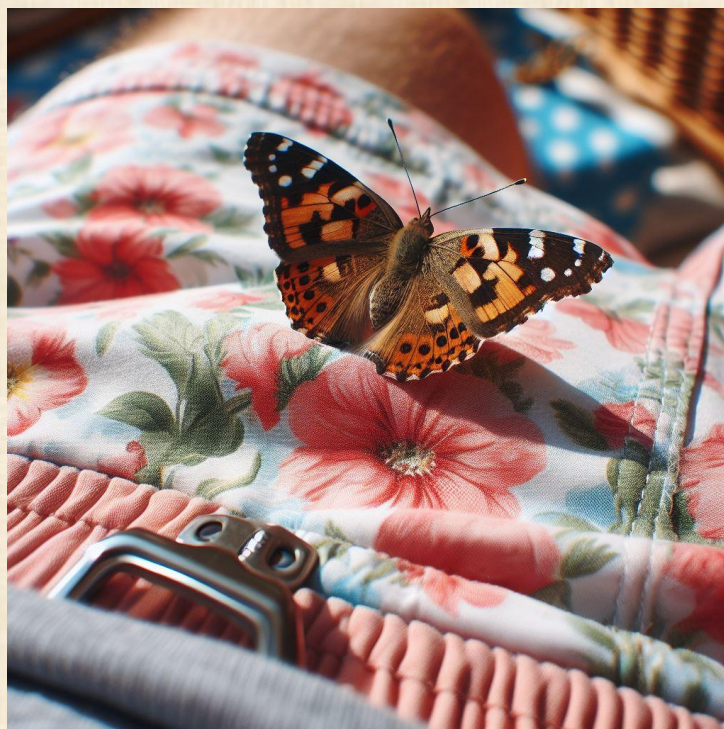
VINICIUS VERAS E SILVA

VISITANTE FLORAL

No lugar onde nasci, cresci e vivo até hoje, meu avô sempre fez questão de ter seu quintalzinho com árvores e pequenas vegetações, tais como gramíneas, pés de limão, pé de louro, mangueira, entre outros. Esse ambiente levemente arborizado cria um cenário muito favorável para a presença dos mais variados insetos, sendo as borboletas as que mais me chamavam a atenção por conta de sua beleza e elegância desajeitada em seu voo.

Quando mais novo, eu tinha costume de usar bastante shorts floridos, alguns com estampas de flores bem grandes. Lembro-me que, em um de meus momentos de brincadeira no quintal, sentei na sombra para descansar e fiquei contemplando o ambiente, prestando atenção nos detalhes ao redor e só curtindo o momento. Passado alguns minutos, curiosamente uma borboleta muito linda, com um amarelo vibrante, foi se aproximando de mim, de forma quase que desconfiada e pousou na minha perna, bem em cima de um dos desenhos de flor, me deixando encantado enquanto eu observava sua delicadeza de perto.

Gosto de pensar que a aproximação desses animais indica, de alguma forma, um tipo de benção, seja de Deus, dos Orixás, dos Santos, da própria Mãe Natureza, ou de qualquer fé existente. Naquele momento, me senti contemplado com um ser tão delicado confiando em mim sua aproximação, se dando o direito de descansar sobre meu corpo. Porém, quem sabe né, às vezes ela só confundiu a flor desenhada em meu short com uma real e se aproveitou para tentar fazer um lanchinho, sem muito sucesso infelizmente.



GIOVANNA DE OLIVEIRA SAMPAIO

PATAS ENTRELAÇADAS

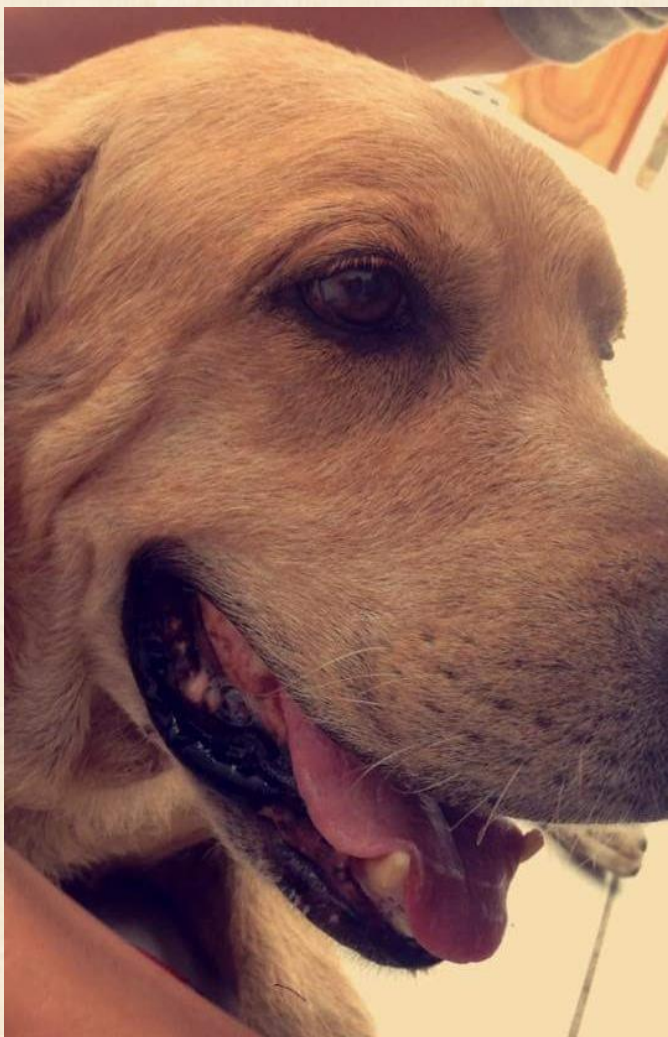
Em uma humilde casa no bairro de Realengo, viviam o labrador Jack, a cadela vira-lata Kyma e um gato também vira-lata, batizado de Douglas, com sua família humana.

Jack, um cachorro já de idade avançada, mas que viveu com sua humana Giovanna desde que ela estava na barriga, sendo 6 meses mais velho que ela e, mesmo com seus atuais 12 anos, continuava achando brechas nos descuidos de dona Zuleika, de 94 anos, com o portão aberto e fugindo sempre para a padaria mais próxima, roubando pão dos vizinhos que iam ali se deliciar com as massas fresquinhas.

E Kyma, uma cadelinha brincalhona de olhos amendoados de apenas 2 anos, que adorava perturbar seu irmão 1 ano mais velho, Douglas, um gato muito bonito, que acabava entrando sempre na brincadeira e correndo atrás dela.

Em uma tarde ensolarada, os humanos decidem aproveitar o sol para limpar o quintal, mas os três animais não poderiam estar presentes nesse momento, visto que os vira-latas tinham pavor de água, ao contrário de seu irmão de pelos dourados, que adorava brincar de escorregar com água e sabão na companhia de seus donos. Então, os três foram colocados no terraço da casa, no quarto andar.

Enquanto aproveitavam o começo do pôr do sol juntos, o labrador começa a "fungar" o ar, logo Douglas e Kyma perceberam e exibiram feições preocupadas. Eram 17:00h, horário em que a padaria começava a fazer os pães fresquinhos. Fazia dias que a bisavó da família não dava mole em deixar o portão aberto e ele estava sedento pelos pães, não muito apreciados pela cadela e o gato.



Jack

Jack tenta abrir a porta, mas não conseguia mover a maçaneta com suas patas deslizantes, então a única saída que vê é fazer um *parkour* de vizinho em vizinho para conquistar seu objetivo. Não comunica nada aos irmãos, pois sabia que seria repreendido pelo do meio, então apenas corre para pegar impulso, pulando a mureta que dividia a casa dos Sampaio com a de seu Zé, e se “estrambelhando” em casas vizinhas até enfim chegar ao térreo.

Mesmo com a boca toda ensanguentada de dentes quebrados, continuou sorrindo com aquela cara de bobo e língua de fora, a procura de assaltar sacos de pães dos moradores do bairro, e a fêmea que não perdia oportunidade de diversão, pulou junto, porém como era mais nova, possuía mais agilidade para não se machucar, e o felino, mesmo relutante, foi atrás por senso protetor à caçula e ao mais velho.

Quando a família Sampaio estava indo buscá-los no terraço, o vizinho avisa que avistou o de labrador correndo atrás de seu coelho no quintal e fugindo em direção à esquina, logo, quando chegam, avistam os três deitados dormindo na calçada apoiados uns nos outros.

À medida que os anos se passavam, Kyma e Douglas percebiam os sinais de envelhecimento do irmão mais velho, diminuindo sua velocidade e a frequências de suas escapadinhas, e aos quase 15 anos de vivência, se deitou na sala ao lado de toda sua família e partiu serenamente.

Mesmo com todos lamentando muito, se apegam às memórias felizes que Jack deixou e todos os amigos e animais próximos da família se despediram do corajoso labrador, que teve uma vida digna, feliz e cheias de travessuras. Ele deixou um legado de muitas aventuras, que continuam inspirando os irmãos mais novos até os dias de hoje.



Douglas

Kyma

LUÁ JÚPITER RIBEIRO DOS SANTOS PORTES DA SILVA

No CORAÇÃO DO OCEANO

Minha rotina é o que alguns definiriam como monótona, tediosa. Todos os dias me encarrego de uma série de tarefas para assegurar o funcionamento do farol. Monitoro os equipamentos, eventualmente efetuando reparos, opero a buzina de nevoeiro em dias que nem mesmo a mais forte das luzes seria capaz de atravessar a densidão embaçada. Limpo os espelhos, lentes, para manter a luz nítida, e ao cair do Sol retiro o cobertor de proteção e efetivamente ligo o farol.

Minhas atribuições não se limitam à manutenções na torre do farol, preciso verificar o volume da cisterna se não quiser ser pego desprevenido e morrer de sede. Cuido da horta e circulo pela ilha para me certificar que não há nenhuma irregularidade. Limpo minhas acomodações assim como qualquer outro adulto e cozinheiro minha comida.

Em alguns episódios infelizes tive também que prestar socorro a náufragos que não conseguiram escapar à fúria do oceano, mesmo com o auxílio do farol. Alguns sobreviveram, outros retornaram ao mar como navegantes eternos.

A cada seis meses uma embarcação me abastece de água e outros mantimentos, além de combustível para o farol. O único contato humano em semanas são as chamadas via rádio que faço, nas quais forneço informações valiosas sobre as condições climáticas aos pescadores e outros embarcados passantes.

O único inconveniente da minha ocupação são as raras vezes em que algum mecanismo dos equipamentos apresenta um defeito que eu não consigo reparar facilmente. Nesses casos sou forçado a rodar manualmente o fecho de luz durante a noite toda.

Igualmente incômodo é passar a noite tocando o sino de nevoeiro, quando a buzina para de funcionar.

Apesar do que possa parecer, o isolamento não me deprime ou angustia, me pergunto como outras pessoas vivem em cidades abarrotadas - de outras pessoas, de sons, luzes e estímulos sem fim. As tempestades não me assustam, tampouco a solidão, a vastidão do mar me faz companhia. O mar nunca é o mesmo, e muito menos os animais.

Passo horas observando as gaivotas. As considero pássaros muito intrigantes, talvez até um pouco estúpidos. Os biguás me fascinam mais, quando consigo ver algum mais de perto tento registrar seus detalhes com meus olhos, como uma fotografia, para mais tarde transferir ao papel. A ilha em si é carente de habitantes, acho que a ocupação humana erradicou a fauna nativa faz algumas boas décadas, então me resigno a admirar os seres marinhos. Os meus preferidos são as baleias.

Tenho sorte de trabalhar em uma área privilegiada, rota de migração de baleias-jubarte e baleias-francas. Durante algumas semanas todos os anos eu consigo avistar baleias em migração passando em todas as direções. Nessas ocorrências preciso me atentar para não me deixar dispersar completamente e acabar negligenciando minha função.

Quando o universo sorri para mim, aparecem mães com um filhote nadando ao seu lado, sempre cobertos por uma nadadeira protetora e atenciosa. São difíceis de distinguir, mas possuo olhos treinados por anos de prática, atentos a qualquer indício de jatos d'água lançados por espiráculos.

Definitivamente o grande espetáculo são os saltos das jubartes para fora da água, já assisti centenas e nunca me canso de vê-las. Gostaria de um dia visitar uma zona de alimentação. Já li inúmeros livros que mencionam seus hábitos de caça, mas é um dos poucos comportamentos que nunca presenciei.



CAMILIA FERREIRA PARCIAL

PRAIA VERMELHA E SEUS ENCANTOS

Mais um sábado começava, era dia de treinar no mar com meu pai, acordamos às 6:00h, tomamos um café e partimos para Praia Vermelha, em torno de 20 min de onde morávamos. Acordei super animada para aquele treino, tinha ganhado um novo óculos de natação e iria estreiar junto com minha lente de contato, era alto verão e o mar estava perfeito. Meu pai é mais animado que eu, chegamos na hora de começar mas ele saiu na minha frente, as uns 100 m eu entrei naquele mar, e que mar... Eu não sabia que estava nadando há meses com 1) um óculos velho e embaçado ou 2) sem lentes de contatos (4,5 grau de miopia) mas sei que foi o melhor treino que já tive, minhas braçadas entre tartarugas-marinhas e algas vivas era surpreendente - Como elas sempre estiveram ali e eu não tinha notado? O sol brilhava nas profundezas da praia, refletindo na areia uma enorme luz dourada. Às 8:00h só escutava o mar, e minha segunda mente dizendo, "*Mas que mundo é esse aqui em baixo?*" e segui, duas horas nadando, fascinada com toda beleza que me rodeava, apaixonada em tartarugas-marinhas e, apesar de sair pinicada das águas-vivas, amei vê-las também.



JULIA ELEUTÉRIO FERREIRA

Trata-se de um relato romanceado, baseado nas visitas de diversos gambás e seus filhotes no quintal da minha casa. Esse relato em específico foi baseado no dia em que um deles, para fugir de um dos cachorros aqui do quintal, da raça yorkshire, subiu em um dos meus cactos e o quebrou devido a um susto que minha mãe deu ao bater na janela em que o gambá estava de frente pendurado na planta. Boa leitura!

A GAMBÁ CURIOSA

Minha casa, uma árvore de jambo, foi derrubada pelos humanos estranhos que agora compartilham o mesmo espaço que eu. A vida nas alturas era tranquila e repleta de frutos, mas, à noite, eu gostava de explorar a terra dos humanos estranhos, evitando fazer barulho para não acordar a fera. No entanto, um dia a árvore foi derrubada sem motivo aparente. Será que meus pulos ou minha presença os incomodavam? Agora, vivo entre eles, tentando passar despercebida.

Desesperada para encontrar um lar para meus filhinhos, descobri um buraco sob algo alto por onde os seres estranhos circulavam constantemente. À noite, a fera me impedia de explorar, gritando sobre minha cabeça. Mesmo assim, não permito que o medo vença e alguns episódios divertidos já aconteceram.

Durante uma exploração em busca de comida para meus filhotes, me deparei com um local escuro cheio de coisas verdes e espinhosas. A fera me encontrou, forçando-me a subir em uma planta verde, alta e cheia de espinhos. Uma luz forte surgiu, revelando um humano. Entre ele e a fera, escolhi a tática de meu tataravô:

- Não se mexa!

No entanto, o ser estranho me assustou com um clarão, fazendo-me cair da planta verde. Cheguei a ouvir uns gritos depois que a planta se quebrou, espero que não tenha causado intriga, mas precisava salvar minhas crias.

Corri com meus filhotes para um local seguro, questionando se o movimento deles em minha barriga assustou o ser estranho, mais conhecido como humano. A fera tentou me atacar, mas, para proteger meus filhos, rosnei e corri. Acabei em um lugar alto, inacessível para a fera. Tentando acalmá-la, percebi que a família é minha maior defesa. A fera desapareceu, levada pelos seres estranhos, mas fui expulsa com um banho de água.

De volta ao meu buraco, fiz uma nova descoberta: não suba em plantas com espinhos. Mas me impressionei com a nova vista desse outro lugar alto, lugar dos humanos.

Falando neles, ainda não sei se posso confiar, pois às vezes jogam água, mas também fazem a fera desaparecer. Enfim, continuarei explorando para entender melhor esse mundo desconhecido e, para isso, espero não ter que subir em outra planta verde que espeta.



JULIANA DE OLIVEIRA CORRIÇA

BEM-TE-VIU CHEGAR E PARTIR

Acordou e fazia sol. Dia azul, quente e iluminado como gostava.

Os bem-te-vis, repousados sobre a árvore em frente à janela, cantavam como se estivessem prenunciando o que estava por vir.

- *Talvez saibam que ele vem* - Maria pensou.

A jovem, que era bióloga, mas que também gostava de romantizar o mundo à sua volta, esperava o amado regressar à casa com a ansiedade de um filhote no ninho à espera de sua mãe. Amor era o que a mantinha viva e a esperança de encontrá-lo novamente a confortava apesar das inconveniências da vida. Um beijo, um abraço e, quase que como a natureza em estágio de clímax, o equilíbrio tomava conta.

- *Que saudade!* - exclamaram ao mesmo tempo, eufóricos, assim que se viram.

Mais tarde, aninhada ao peito dele, permaneceu, e, no fundo, já sofria sabendo que a hora do adeus enfim chegaria.

- *Será que amanhã cantarão a tua partida ou estarão tristes demais para isso?*



PEDRO HENRIQUE KIRALYHEGY PAVÃO

O HOMEM-GATO

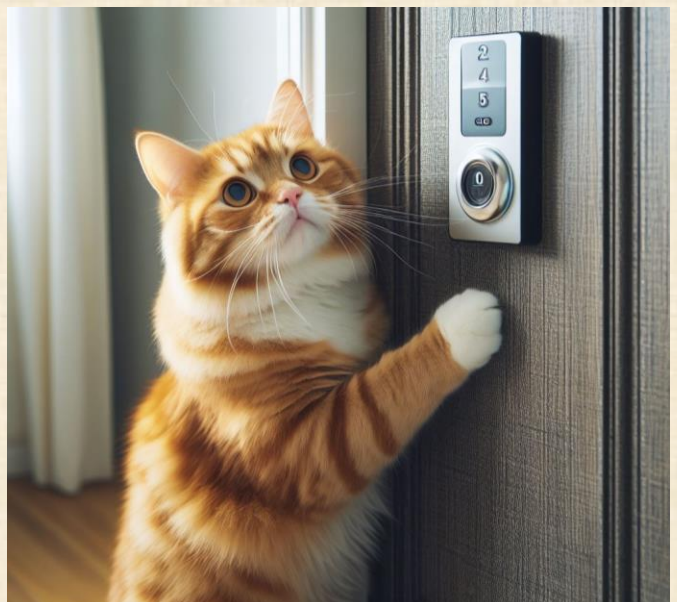
Desde muito pequena minha irmã sempre teve uma relação de fascínio com gatos, inicialmente foi de uma conexão meio inexplicável, passou por uma reviravolta devido ao fato que irei narrar, mas foi superado e hoje convive harmonicamente com nossos dois gatinhos.

Uma das minhas primeiras lembranças da infância é de assistir ao espetáculo “Saltimbancos” no teatro com minha irmã, sem dúvidas a origem desse fascínio e fator determinante que atuou no seu imaginário para o fato em questão. Após algumas idas ao teatro para assistir à peça e incontáveis noites dormindo ao som do CD das músicas do espetáculo, nasceu uma obsessão nela pelos felinos. Em qualquer lugar que nós íamos ela ficava atenta e precisava mexer com todos gatinhos que cruzassem nosso caminho, o que se tornou até um motivo de preocupação nos meus pais, que por vezes precisavam tirar os coitados dos seus braços, o que rendeu inúmeros arranhões.

Após algum tempo nós nos mudamos para uma vila e, mesmo essa sendo repleta de gatinhos domésticos e “de rua”, a obsessão dela por gatos foi sendo substituída por outros interesses, como as inúmeras brincadeiras com os amigos da vila. A essa altura, morávamos eu, meus pais e minha irmã em uma casa de dois andares e tínhamos um cachorro, dois periquitos e um peixe-beta (somente para contextualização, não são personagens importantes da história).

Em determinada noite de domingo, minha irmã havia descido para o primeiro andar buscar alguma coisa qualquer, enquanto todo o resto da minha família estava no segundo andar, quando somente ela escutou tocar a campainha. Ela, no auge dos seus 7 ou 8 anos, foi até a janela que dava para ver quem estava na porta. Foi quando ela diz que olhou para a porta e estava um gato do tamanho de um homem, em pé, com as pupilas verticais como as de um felino e então o gato olhou no fundo dos olhos dela, deu um miado assustador e desapareceu.

Eu sou dois anos mais novo que minha irmã e não lembro com detalhes desse momento, mas não esqueço o choro apavorado da minha irmã nesse dia. A partir daí ela desenvolveu um pavor de gatos, que só foi curado depois de alguns anos, quando ela já estava mais velha e adotamos nosso primeiro gatinho. Para os meus pais toda essa história não passou de um sonho muito vívido, misturado com algum episódio de sonambulismo da minha irmã. Fato é que até hoje ela conta essa história com certeza do que viu, o que sempre rende muitas risadas.



JOÃO VICTOR RODRIGUES MENDES

A VIDA DA ÚNICA SOCIEDADE HUMANA VIVA NO PLANETA TERRA 50 MILHÕES DE ANOS NO FUTURO

(Baseado nas teorias de evolução especulativa do livro *After man: A zoology of the future*, de Dougal Dixon)

O que nos resta para o futuro? Após 50 milhões de anos, não existem mais os animais que conhecemos como eram no século XXI. Nosso planeta já não é mais o mesmo, sua vegetação mudou bastante, seus continentes já não são mais os mesmos e a essa altura os oceanos continuaram a se fechar e abrir, à medida que o anel de fogo do Pacífico se tornou uma imensa cordilheira, em resultado das placas oceânicas foram empurradas para baixo das rochas continentais mais leves. Nossos climas já mudaram devido à mudança brusca de localização dos continentes, onde estações estão mais definidas e extremas. A Terra ainda é a que conhecemos de forma visual. Redonda. Porém, sofreu transformações dentro dela, e principalmente, na vida que tem nela. Nesse futuro atual, uma pequena e única sociedade sobrevivente no mundo é um povo indígena que se formou onde antigamente era o arquipélago de Fernando de Noronha, localizado antigamente em Pernambuco, quando o Brasil ainda existia. Esse povo cresceu e viveu isolado, de maneira em que seus recursos eram eficientes e suficientes para sua sobrevivência. O que não se imaginava era como a vida dos seres vivos no planeta Terra teria mudado e como o homem sobreviveria na dependência de caça e sobrevivência. A sociedade, chamada Abaeté, nome diretamente do Tupi-Guarani, hoje vivem na região coberta e tomada por uma fauna que evoluiu de forma esplêndida.

No século XXI, os herbívoros mais comuns eram os ungulados, como cervídeos e bovídeos, porém, com a expansão exponencial da agropecuária, os angulados sofreram uma pressão ecológica da qual os mesmos jamais poderiam superar, onde os domésticos dependiam da existência humana, fazendo com que os selvagens perdessem seu espaço na Terra. Assim, com o sumiço em grande escala dos seres humanos, os ungulados se extinguíram e outros grupos de herbívoros tomaram poder no planeta Terra. Dessa vez, devido à falta de competição, o espaço agora era dos lagomorfos, que evoluíram e se expandiram de forma descontrolada ao ponto de se desenvolverem em espécies maiores de seres vivos, se tornando os herbívoros mais abundantes do planeta Terra. E claro que os mesmo seriam presas alvos dos seres humanos. Sendo os mais abundantes, eram animais com hábitos e comportamentos já estudados e foi assim que a sociedade Abaeté sobreviveu, estudando esses animais que cada vez mais se desenvolviam e se tornavam mais e mais especializados para diversas outras funções antes inimagináveis. E, claro, como todo bom herbívoro, tem seu predador e principais competidores nos seres humanos. Os seres humanos disputam a carne dos herbívoros com mamíferos que agora são os roedores, que antes eram pequenos, mas o papel de carnívoros foi ocupado por eles, esses roedores se espalharam por toda parte do mundo e, sem terem predadores, se desenvolveram e adquiriram mais e mais especialidades para se tornarem grandes predadores.

Uma fauna diversa, como um futuro evolutivo distópico, onde áreas em que o homem hoje não habita mais apresentam animais incríveis, como um grupo de aves marinhas descendentes dos pinguins, do tamanho de baleias, e roedores que superaram os pinípedes atuais e se tornaram completos reis dos polos gelados. Como será que deve ser em volta desses animais? Onde o ser humano mudou tanto a fauna presente que hoje o que nos resta é imaginar, as mudanças químicas e físicas nos oceanos fizeram com que cetáceos sumissem. Em diversos outros continentes, grupos diferentes de herbívoros foram extintos e substituídos por grandes antílopes, que evoluíram e se desenvolveram com muita eficiência, primatas não humanos se desenvolveram e viraram ainda mais especializados em caça e, principalmente, na sobrevivência. Imagine viver em um mundo com esses animais. Animais com graus elevados de adaptações ao mundo em que agora vivem. O ser humano desse mundo futuro está longe de entender o potencial de desenvolvimento e vida de uma fauna que, infelizmente, se perde e é devastada dada à pegada humana.



JOÃO GUILHERME TAVARES TARTARUGA

A LENDA DO CAPA PRETA

Uma vez meu pai me contou sobre uma lenda que existia em um dos quartéis nos quais ele serviu na juventude. A lenda dizia que uma figura completamente vestida de preto rondava pelo quartel à noite, esperando o momento que alguém estivesse sozinho na guarita para atacar, envolvendo-o em sua capa preta e o levando para uma floresta que tinha ao lado do quartel. Alguns levavam essa lenda muito a sério, outros diziam que era bobeira e a maioria não queria arriscar, mas toda noite de serviço havia ao menos um relato de avistamento do temível Capa Preta. O medo de alguns era tanto que preferiam ser punidos do que servir à noite, ou arriscavam ser descobertos por subornar alguém para ficar no seu lugar.

Meu pai e um amigo dele eram dois dos que não acreditavam na lenda e não tinham problemas de servir à noite, mas não por ceticismo, e sim porque os dois eram os únicos que sabiam o que de fato era o Capa Preta e qual era a sua origem. Tudo começou com a mente entediada de dois encenqueiros que estavam sem supervisão uma das noites. Estando munidos de uma vontade de fazer besteira, procuraram o alvo mais fácil: tinham acabado de ouvir sobre um coitado que estava de serviço sozinho na guarita.

Com o alvo escolhido, precisavam pensar de que forma iriam traumatizar essa pessoa; rodaram o quartel inteiro procurando algo que poderiam usar mas não encontravam nada de interessante, até que um deles lembrou que em um dos blocos mais reclusos tinha um gato preto de rua, meio arisco, que entrava no quartel e ficava por ali, sendo alimentado ao ponto de ficar enorme, mas poucos sabiam da sua existência. Enrolando o gato em um lençol, também preto, para que ele não os arranhasse, seguiram em direção à guarita para executar o plano: se aproximaram por trás, fazendo o mínimo de barulho possível, e arremessaram o gato com lençol e tudo para dentro da guarita, ele se agarrou nas costas do cara e o cobriu com o lençol.

Aterrorizado, ele pulou pela janela da guarita e caiu da altura de uns 2 metros, nem deu tempo de sentir a dor da queda e já estava de pé de novo correndo e gritando em direção ao dormitório, acordando todo mundo. Ao tentar se explicar, já com as calças molhadas, só conseguiu dizer essas palavras, ofegante: “uma capa preta...” e desmaiou.

Se livraram do lençol, mas já não se via mais o gato. Os dois amigos já haviam voltado para as posições que deveriam estar de serviço originalmente, e foi nesse momento que convocaram todos os que estavam acordados para entender o que tinha acontecido. Acostumados a passar por esse tipo de situação, os dois saíram ilesos, e sem culpados para o acontecimento a história se espalhou como vento, ganhando cada vez mais capítulos conforme as mentes medrosas avistavam um vulto preto à noite (o gato, que agora já não sabia voltar para o bloco que antes ficava).



ARTHUR DOS SANTOS COSTA

LIBÉLULAS E LEMBRANÇAS

Aquela manhã começou normal, como de costume, onde eu demorava a acordar e meu pai, como sempre, não desistia de me chamar para ir comigo para a escola. Era uma manhã tranquila na pequena comunidade onde morava e cresci. O sol quente e o sereno gelado sempre me faziam caminhar lento, com sono e preguiça de ir estudar. Porém, naquele dia, meu pai, sr. José, decidiu compartilhar comigo uma história especial que seu próprio pai costumava contar.



Imagem do autor

Caminhando pela rua, paramos na beira do cercado do antigo colégio, meu pai começou a contar enquanto olhávamos vários animais voadores tocarem na água diversas vezes. Comecei a lembrar dessa história quando comecei a ter aula sobre insetos e relembrei com carinho o passado.

- *Arthur, meu filho, seu avô costumava me contar uma história mágica todas as manhãs antes de eu ir para a escola - começou ele, olhando para as águas que eram tocadas pelos animais.*

- *Ele dizia que as libélulas eram criaturas muito especiais. Antes de voarem pelo ar, elas tocavam na água para saber se estava fria. Se a água estivesse fria, elas evitavam tomar banho naquele dia, pois não gostavam de água gelada, continuou sr. José, sorrindo ao recordar as palavras do pai.*

- *Eu, como você agora, achava isso engraçado e encantador. Toda manhã, antes de eu ir para a escola, meu pai me lembrava disso, e eu ficava imaginando as libélulas testando a temperatura da água, disse José, com os olhos brilhando em forma de nostalgia.*

Os anos se passaram e Arthur cresceu. As libélulas continuavam pelo mundo e em seu subconsciente, a história compartilhada de geração a geração. Após o falecimento de seu pai, as libélulas se transformaram em uma das formas de mantê-lo vivo e eternizado na lembrança que ele transmitiu. Um dia, enquanto observava as libélulas dançando sobre a água e juntamente com as aulas que teve, percebeu algo incrível.

Arthur descobriu que as libélulas não tocavam na água para testar a temperatura, como seu avô havia imaginado e seu pai sucessivamente. Na verdade, elas depositavam seus ovos na superfície da água. Entretanto, ao invés de se sentir desiludido, ele abraçou a verdade com ternura.

Ele percebeu que a história de seu avô era mais do que uma simples explicação científica. Era uma maneira amorosa de seu pai compartilhar momentos especiais e criar memórias inesquecíveis. Assim, Arthur guardou aquela recordação com carinho, apreciando não apenas a beleza das libélulas, mas também a magia das histórias transmitidas de pai para filho.

MARIA EDUARDA DE SOUSA MONTEIRO

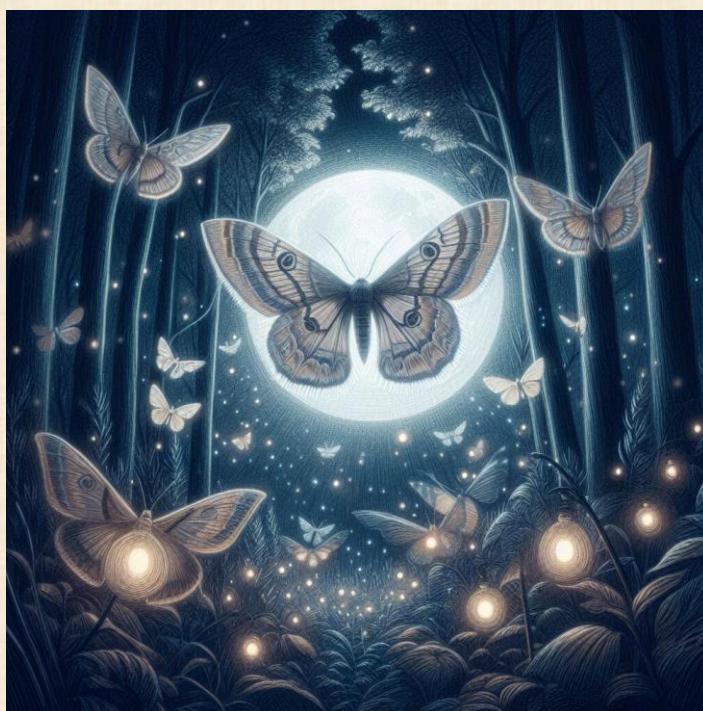
O BALÉ DAS MARIPOSAS

Meu propósito com esse texto é criar dúvidas no leitor, já que o escritor e narrador (eu) não é uma pessoa confiável e/ou totalmente são

Eu sou uma pessoa extremamente melancólica e gostaria muito que minha arte transmitisse isso, inclusive, um dos motivos de eu ter escolhido estudar mariposas é devido à minha melancolia, acho que esses animais têm algum poder de refletir o meu luto. Não gosto de dar relatos pessoais ou fazer coisas do tipo, tudo que eu produzo sempre foi mórbido demais para aqueles à minha volta, além de eu nunca apreciar os frutos do meu trabalho e da minha mente, uma vez que acredito que tudo que produzi ao longo da minha vida é pesado e insuficiente frente à realidade que me rodeia.

O balé dessas mariposas me deixa louca, poderia dizer que as mariposas voam como as coisas que eu perdi e nunca mais irão voltar, eu espero conseguir saber para onde meus pensamentos vão, assim como esses insetos sabem onde vão através do brilho da lua. Várias vezes eu quis que as escamas das asas dos lepidópteros realmente tivessem a capacidade de me cegar para que eu não pudesse enxergar o mal que essa sociedade me causa.

Eu por muitas vezes ouvi a voz da minha própria loucura no farfalhar das asas das mariposas e esperei com que as borboletas levassem toda essa insanidade embora. Ainda espero que meus delírios sumam tal qual o bater colorido de asas de uma bela borboleta.



RAQUEL DE SOUZA FRANCISCO

MAS QUE RAIOS SÃO ZOOPLÂNCTON?

Durante as férias de verão, enquanto a maioria dos meus colegas relaxava ou viajava, eu decidi aproveitar o tempo livre para cursar a disciplina Zoologia de Zooplâncton oferecida pela universidade. Apesar de inicialmente pensar que frequentar a aula durante janeiro não seria tão ruim, esqueci que esse período não era apenas de férias para os estudantes da minha universidade, mas para todas as escolas do Brasil. Indo para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) com minhas amigas, pegar o ônibus para Urca se tornou uma aventura constante, incluindo o relato engraçado de uma delas sobre uma boia de unicórnio surpreendentemente grande dentro de um ônibus lotado. Mas é como dizem, “viver no Rio de Janeiro não é para amadores”.

Uma coisa interessante ao cursar Biologia é que, em determinado momento, passamos a olhar a natureza com novos olhos. Um biólogo, ao adentrar uma floresta para fazer uma trilha, por exemplo, não observa apenas o que seus olhos podem ver; ele mantém os ouvidos atentos para escutar a vocalização dos animais ali presentes. Outro exemplo é quando um biólogo vai à praia: ele não apenas admira a bela natureza, o mar e a areia, mas observa se há sinais de presença de algum organismo na areia, ou se a coloração do mar pode indicar a existência de microrganismos. Uma das propostas da disciplina do curso de férias era justamente realizar saídas de campo na praia. A proposta seria comparar a diversidade de zooplâncton na praia da Urca e na Praia Vermelha. Agora, imagine-se indo com diversos equipamentos para fazer uma coleta em uma praia cheia de banhistas. Resultou em diversos olhares curiosos tentando entender por que estávamos nadando com um balde e uma rede no mar. Até que uma das pessoas curiosas resolveu perguntar o motivo de estarmos ali pegando água da praia.

Tratava-se de uma moça já com uma idade avançada, talvez chegando aos seus 60 anos, apresentava um sorriso simpático e a curiosidade em seu olhar era visível. Uma das minhas amigas presentes ali na saída de campo respondeu educadamente de forma que a moça pudesse compreender do que se tratava aquela coleta. A cena me fez refletir o quanto é importante mantermos a linguagem adequada para cada público que divulgamos o nosso trabalho. Um pouco de perto pude escutar o que minha amiga falava:

– *Estamos fazendo uma coleta para uma disciplina na faculdade, somos estudantes de Biologia. Estamos analisando a diversidade de zooplâncton na Praia Vermelha e na praia da Urca.*

Com um pouco de vergonha a moça perguntou que raios seriam zooplâncton. Minha amiga, depois que percebeu que a senhora não estava familiarizada com o assunto, respondeu de forma animada sobre esses animais tão interessantes e tão pouco conhecidos.

– *Zooplâncton são organismos microscópicos ou pequenos animais que vivem em corpos d'água, se movem de forma passiva ou ativa pelas correntes aquáticas, são classificados em grupos variados, podendo ser protozoários, larvas de crustáceos e outros invertebrados. São importantíssimos para a ecologia, pois desempenham um papel crucial nas cadeias alimentares aquáticas, servindo como alimento para diversos*

organismos marinhos, além de contribuir para processos como a ciclagem de nutrientes e a regulação do fitoplâncton, que são as algas e cianobactérias. O zooplâncton é sensível às mudanças ambientais, sendo assim é utilizado como indicador da saúde dos ecossistemas aquáticos.

Após ouvir a breve explicação da minha amiga, a moça agradeceu e foi em direção às crianças que estavam brincando na beira do mar. E assim repassou a informação, deixando as crianças com um olhar curioso e ouvidos atentos durante toda a nossa coleta.



JOÃO SIMÃO SILVA GONÇALVES

A INESPERADA BATALHA EM UMA NOITE DE VERÃO

Em uma noite quente de verão, a Lua cheia lançava sua luz suave sobre uma pequena casa numa cidade interiorana de poucos habitantes. Enquanto todos dormiam, uma sinfonia irritante ecoava pelos corredores da choupana: o zumbido persistente de dezenas de pernilongos. À medida que as cortinas balançavam, graças à brisa noturna, os mosquitos dançavam ao redor de suas vítimas, desafiando a tranquilidade de uma boa noite de sono.

Em um dos quartos, que dava direto para um dos rios do local, dormia Luiza, a matriarca da família que ali habitava. Ela tentava afastar os intrusos sem qualquer tipo de sucesso, o que podia ser notado pela sua dança desajeitada sob o lençol. A batalha silenciosa travada entre ela e os mosquitos parecia não ter fim, cada picada doía como uma pequena traição e perturbava seus esforços para descansar.

A noite se estendia e os insetos persistiam, desafiando qualquer tentativa de paz no cômodo de Luiza. Ela, cansada, irritada e com o sono perdido, refletia sobre como algo tão pequeno poderia ter tanto poder sobre seu sossego. Em contrapartida, os animais pareciam celebrar sua vitória, com zumbidos que pareciam cada vez mais altos.

A dança continuou noite adentro e, antes do raiar do sol, Luiza, embora exausta da noite de sono que acabara de perder, levantou-se com determinação para um novo dia que estava prestes a começar. As marcas de picadas que adornavam sua pele eram suas únicas testemunhas da batalha recém perdida que havia ocorrido enquanto todos tinham seu momento de descanso.

Enquanto ela saía, os insetos finalmente voaram para longe, deixando para trás uma trilha de coceira e lembranças incômodas, finalizando sua saga noturna e a dança interminável entre eles e aqueles que buscavam uma noite tranquila.



KARINE LEONARDO PINHEIRO

O SACI DA FEDERAL

Naquela tarde tudo ia como de costume: fim das aulas do dia, no aguardo do transporte escolar e aproveitando para colocar os assuntos em dia com os amigos do transporte. Apesar de tudo parecer normal, aquele dia o transporte demorou mais do que o comum, mas nada com que devêssemos nos preocupar.

O problema da demora do transporte era que as luzes da escola já estavam sendo apagadas e funcionários indo embora. Aguardamos então no refeitório próximo ao portão de saída. As luzes começaram a se apagar, tendo apenas poucos pontos de iluminação, quando se ouve um barulho e todos se entreolham. Um amigo logo diz:

- *Vocês viram aquela sombra lá atrás?*

Sempre tive muita crença de que alguns seres mitológicos ou *aliens* pudessem existir. Mas, apesar disso, nunca pretendia ficar frente a frente com um. Então logo respondi que ele pode ter visto apenas um funcionário passando ou que estaria vendo coisas demais. Com o coração já acelerado e se perguntando o que alguma criatura ia querer num colégio que está fechando e uma hora dessas?

Pois bem, não sei o que a criatura queria, mas ela estava meio atrapalhada porque novamente ouvimos um barulho e, dessa vez, foi minha amiga que viu a tal criatura.

- *Parece um homem!* - afirmou ela.

- *Mas parece ter algo vermelho na cabeça...* - disse meu amigo.

Não pensei duas vezes e falei para aguardar o transporte do lado de fora do colégio, pois seja lá quem fosse não queria encontrá-lo. Enquanto caminhamos para fora da escola, meu amigo afirma que é um homem de uma perna só. Minutos depois, nosso transporte finalmente chega e decidimos relatar o ocorrido para os outros colegas que afirmam não ser a primeira vez que escutam esse relato e que já era normal os alunos relatarem a presença de uma pessoa com essas características dentro do campus e que, inclusive, já o viram com um mini porco, talvez de estimação.

Nossa transportadora, com seus anos de experiência e de relatos de estudantes, logo brincou:

- *Na minha época, o Saci só era um menino arteiro e travesso, pelo menos agora ele está querendo estudar e tá querendo até uma vaga em colégio federal!*



GABRIEL GRASSO LIMA RIBEIRO

O VISITANTE ALADO

Nas manhãs de uma cidade que não dorme, eu descobri um pequeno segredo que a vida me reservara, um passarinho que se tornou o visitante alado de minha janela.

Esse pequeno amigo emplumado, que batizei carinhosamente de Píu, trazia consigo uma sinfonia matinal, um tanto quanto chamativa, que me acordava indiscretamente. Seu canto, um arranjo de notas musicais, era um convite para começar o dia e dançar com os primeiros raios de sol.

Cada manhã se tornou única, uma apresentação particular, uma serenata personalizada, regida pelo maestro emplumado que escolheu minha janela como seu palco. Píu, com suas plumas e cor verde reluzente, trazia consigo não apenas a melodia dos pássaros, mas também a promessa de um novo dia repleto de esperança, energia e possibilidades.

Em dias chuvosos e melancólicos, ele se esquivava pela janela em busca de abrigo, com o ruído da chuva caindo no asfalto e entre as árvores, juntamente com sua sinfonia, ele transformava o ambiente em um coro persistente, mostrando que até em dias nublados a música e a vida continuam.

Com o passar do tempo nossa relação se aprofundou, mesmo com minha rotina agitada, aguardava ansiosamente para o seu show matinal, enquanto ele nunca deixava se intimidar e se refugiava em minha janela.

Certo dia, comecei a notar sua ausência, os intervalos de sua apresentação começaram a aumentar até que se tornaram inexistentes.

Entendi que Píu, o qual eu tinha criado muito afeto, havia cumprido sua missão de me tornar seu admirador e que agora estava em outras janelas, em outros lares, em busca de novos ouvintes para sua serenata alada. Ele acabou se tornando, para mim, o símbolo do quão importante são as conexões que formamos, mesmo que breves.

Assim, enquanto minha janela agora permanece vazia das notas melodiosas de Píu, carrego comigo as lembranças das manhãs sinfônicas que compartilhamos.



KAUAN ROGERIO DOS SANTOS GOMES

O PARDAL COMEDOR DE JABUTICABAS

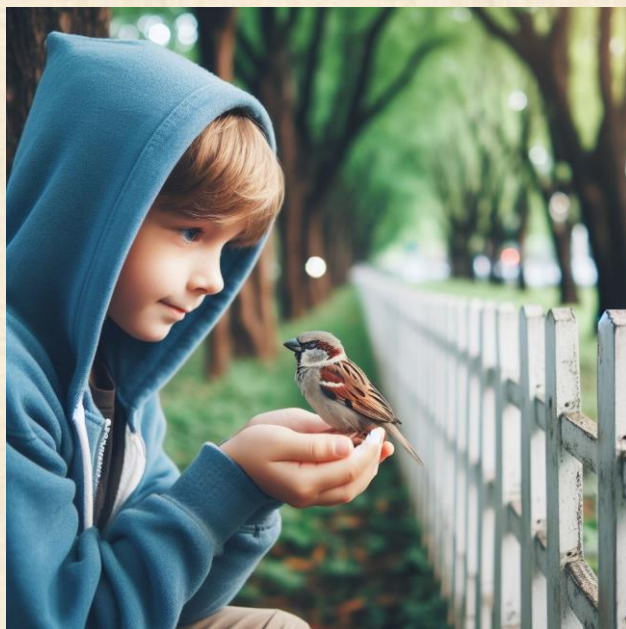
Dona Marlinete, uma senhora sábia e querida, tinha seu sorriso marcado pelas dores que escondia todos os dias. Seu neto, mesmo adulto, conhecia bem a morte, perdendo a mãe ainda menino. Um dia, a velha senhora não suportou as dores e partiu, encontrando descanso ao lado da filha amada.

O neto, devastado pela perda, chorou aos pés da antiga jabuticabeira do quintal, onde teve tantas memórias felizes ao lado da avó e da mãe. No meio de seu lamento, os pios de um passarinho chamaram sua atenção. Era um filhote, um pardal, cujo ninho estava acima de sua cabeça.

Lembrando das palavras da avó sobre o pardal "comedor de jabuticabas", o neto procurou pela mãe do filhote, mas só encontrou no chão, seu corpo sendo devorado por formigas. Movido por um impulso, ele pegou o filhote com o ninho e o levou para casa. Naquele pequeno ser, viu a si mesmo.

Nos dias seguintes, o neto cuidou do passarinho, o alimentou e ajudou a se recuperar. Quando, finalmente, o pássaro voou sozinho pela janela, o coração do neto transbordou de alegria. Ele tinha feito por outro ser o que desejava que tivessem feito por ele.

Minutos após o voo, o pássaro retornou, trocando olhares com o rapaz antes de voar para longe, desaparecendo em meio às árvores. E assim, após muitos anos, as memórias daquele dia permanecem vivas em mim, aquele pequeno pássaro sem mãe. Um simples ato de compaixão salvou a minha vida e deixou uma marca para sempre nos nossos corações.



JULIA MARIA RODRIGUES DE ANDRADE SALLES

O GRITO DA NOITE

Eram as férias de verão.

Sexta à noite pegamos a estrada, eu e meus pais estávamos indo mais um fim de mês viajar para o meu lugar favorito, a fazenda que nossa família tem na região da mata de Minas Gerais. Amo muito aquele lugar e, como uma boa adolescente, estava muito empolgada para finalmente ver meus primos novamente e poder curtir uma piscina, pois estava com previsão de sol. Amanheceu no sábado e já estávamos todos prontos com roupas de banho.



- *Anda logo, Júlia, termina de tomar seu café se não a gente vai perder o sol!*

Eram 9 da manhã e a Luísa, minha prima, já estava me enchendo, mas tudo bem, pois eu queria mesmo ir logo.

Estávamos eu, minhas primas Luísa e Gabriela e meu primo João. Chegando na piscina, a gente brincou de tudo que se possa imaginar, fazer correnteza, pique e pega, quem ficava mais tempo sem respirar debaixo d'água e até competição de natação.

Foi entardecendo e o João teve a brilhante ideia de começar a contar histórias de terror, e como a piscina era rodeada por mato e floresta em todo canto, ficou um clima perfeito. Eu particularmente sou bem medrosa e quando junto com minhas primas já era, pânico generalizado. Não deu outra, depois de contar diversas histórias sobre espíritos que assombram as florestas da região, nós saímos correndo da água antes que ficasse escuro de vez.

Nove da noite e já de banho tomado, nós todos fomos sentar na sala para jogar um baralho, quando escutamos um grito vindo lá de fora. O desespero se instalou automaticamente e a Gabriela gritou:

- *Ai meu deus, João, você ouviu isso? Tudo porque você contou aquelas histórias! São os espíritos! Eles vieram assombrar a gente!*

- *Calma, Gabriela, você deve estar ouvindo coisas...*

Novamente soaram os gritos, dessa vez até mais perto. Ao mesmo tempo que eu estava morrendo de medo, inspirada pela curiosidade falei:

- *Gente, vamos pegar uma lanterna e ir lá fora ver o que é!*

Receosos, fomos todos juntos com uma mísera lanterna enfrentar o breu da noite à procura do tal espírito que tanto gritava. Olhamos ao redor e não encontramos nada (ainda bem!), apenas uma coruja branca e marrom numa árvore e vários besouros e vagalumes. Deixamos isso para lá e fomos dormir.

No dia seguinte, indo embora para casa, nós descobrimos uma coisa muito interessante, quem havia feito esses barulhos de grito não eram pessoas ou espíritos e sim a própria coruja que vimos na árvore, a famosa coruja rasga-mortalha ou coruja suindara, que possui essa vocalização que chega a amedrontar. Alguns possuem medo dela justamente por acreditarem que esse som é sinal de mau agouro, já eu e meus primos ficamos muito intrigados em como a natureza pode ser tão misteriosa e fascinante.

MARIA FERNANDA HASSELMANN LOBATO

LIMITES DA IMAGINAÇÃO: LOBO OU LOBISOMEM

Aos finais de semana, Abelard e seus companheiros iam caçar na floresta. Cada um levava suas armas, um maço de cigarros e bebida para compartilhar. Em um sábado frio, tudo parecia normal. Os companheiros seguiam mata a dentro, cada um deles com a ideia de se divertir e jogar um pouco de conversa fora. Os dias de caça eram marcados por aventuras que não passavam da captura de uma cobra ou de uma raposa. Os amigos tinham uma regra: voltar antes do sol se pôr. Mas nesse sábado frio, no dia 20 de julho de 1947, os companheiros de caça se perderam no tempo e, talvez por beberem demais ou por estarem cansados demais, acabaram perdidos no meio da floresta. Os companheiros, tentando achar o caminho, apenas se perdiam mais e mais da saída. A noite esfriava como nunca. O medo se misturava com o cheiro do cigarro aceso. Abelard não sabia ao certo da hora, mas em um momento observou algo. A coisa estava estática, mas um brilho vermelho se realçava aos olhos. Abelard não conseguia se mexer, ficou paralisado, imóvel como uma pedra. A coisa se mexeu e parecia estar chegando mais perto de Abelard. Com um salto no chão, ele chamou os outros companheiros, que também assustados, decidiram permanecer imóveis. Eles perceberam, porém, que além do que Abelard havia visto, tinham mais duas coisas e pareciam se aproximar deles. Sem saber do que se tratava, os olhos dos companheiros se encheram de lágrimas. As mãos começaram a tremer. Com os monstros cada vez mais perto foi possível observar silhuetas que pareciam ter um tamanho considerável. Depois de um tempo de tensão, os monstros finalmente chegaram bem próximo. Eram altos, com olhos vermelhos brilhantes, possuíam pelos de animal por todo o corpo. Se pareciam com lobisomens. Abelard não podia acreditar nisso, para ele era impossível existir essa criatura mitológica. Os amigos correram, com tanta força que foi possível sentir as respirações ofegantes. Depois de estarem longe o suficiente dos monstros, os companheiros perceberam que já estava amanhecendo. Com a penumbra do sol, Abelard conseguiu distinguir o caminho para sair da floresta e, passado algumas horas de caminhada, os amigos saíram da mata. Apavorados, pálidos, tremendo. Depois desse sábado frio, os amigos nunca mais foram caçar. Após ter passado o efeito do medo, da bebida e do cigarro, os companheiros chegaram a uma conclusão lógica: apesar de terem se assustado, os lobisomens não passariam de lobos* comuns, embora esse bicho não ocorra na região em que eles moravam, Pirassununga, São Paulo. A verdade até hoje ainda é um mistério, mas de acordo com os relatos dos amigos, ninguém nunca mais caçou na mata.



*Não há lobos (*Canis lupus*) no Brasil. Porém, como os cães domésticos pertencem à mesma espécie do lobo holártico, foi mantida a narrativa como licença-poética.

ANA CRISTINA FERREIRA DA SILVA

APATIA CINZENTA

Mudanças podem ser difíceis, mas por vezes são inevitáveis. Mudar-se da casa onde cresceu e viveu 21 dos seus 22 anos, por exemplo. Difícil, mas inevitável.

A adaptação no novo local, encontrar-se num bairro cinzento, cercada por lojas de material de construção e lubrificante para carros é um choque para quem antes estava a apenas três minutos a pé da praia, mas a apatia gerada pela correria do dia a dia impede o choque de realidade, porque há tanto mais para se preocupar não é mesmo?

De manhã, trabalho. À noite faculdade, no meio tempo estudar e se profissionalizar, porque todos os dias você vai no transporte público em pé, apertada na porta e talvez isso seja apenas uma fase, mas você precisa continuar porque só assim, talvez, consiga algo melhor depois. Seja pontual e cumpra com excelência demandas que fogem do seu setor. Entregue trabalhos no limite dos prazos, mas prove que é capaz! Se à noite dorme apenas cinco horas, tudo bem, o fim de semana já está chegando e dormir o sábado inteiro e se alienar aos domingos é a solução, mesmo que isso limite seu contato com sua própria família. Afinal, segunda-feira começa tudo de novo e você precisa estar preparada.

Mas e ontem, quando voltou para casa e viu que a Lua estava cheia? Aquilo foi realmente muito bonito e, por um momento, senti saudades de... de estar em contato com a natureza. Sinto falta das árvores, aqui não têm muitas, não há pássaros, nem ao menos pombos. As janelas vivem fechadas, porque perto tem obra e ao longo do dia entra muita poeira. Acho que conseguiram, nos separaram da terra e esse não é um bairro para animais, apesar de vivermos como um.



GABRIELLY SANTOS DE SOUZA

OMISSÃO?

Será que é pura coincidência quando escutamos conversas aleatórias ligadas a nós? Em uma manhã normal no transporte público aconteceu uma pura coincidência comigo, estava a caminho do trabalho, que, por acaso, tem a ver com animais silvestres, quando escutei uma conversa com o tema bicho, acho que as pessoas conversando moram em regiões próximas a mata, pois estavam discutindo os bichos que já tinham espantado ou matado. Lembro que uma delas se gabava de ter matado uma cobra jiboia, a outra se mostrou impressionada porque aquele era um bicho perigoso. Queria ter falado algo, mostrando que estavam errados, mas não falei, desci na próxima estação, cheguei no trabalho e segui meu dia normalmente.

Em certo ponto do dia, decidi fazer uma trilha com alguns colegas de trabalho, nesse dia vimos uma jiboia enrolada em um tronco sob o sol, lembrei da conversa que ouvi e fiquei feliz por esse bicho não estar próximo à casa dessas pessoas. Mas também não deixei de pensar, será que se eu tivesse falado algo mudaria alguma coisa?



Ilustração enviada pela autora

PAULO HENRIQUE DUARTE

OS NEGUINHOS

Na primeira vez que conheci o avô da minha namorada, seu José, ele me contou que o passarinho que ele cuidava se chamava “Neguinho” porque era esse o nome de todos os animais de sua casa; independente de seu sexo. Isso porque na primeira casa que morou no estado do Rio, logo assim que saiu da Paraíba e veio para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições financeiras para a família, teve como vizinho uma irauína-grande, que seu José denominou da mesma forma que o gritavam no trabalho: “Neguinho”.

O apelido, retrato do racismo no país, foi transformado por seu José em demonstração de carinho para, naquele momento, seu pássaro favorito. Esse que, pela descrição que seu José fez para mim em nossos bons papos, provavelmente era um *Molothrus oryzivorus oryzivorus*, uma ave que, assim como o Rio, era tão desconhecida para ele quanto encantadora.

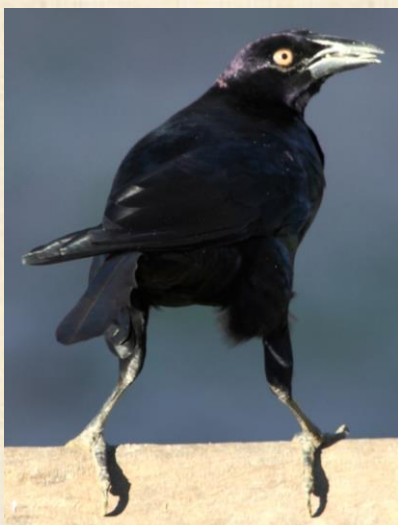
Ao voltar de um grande dia, o nascimento da primeira filha, o pássaro não estava onde costumavam se encontrar. E seu José, que prezava mais pelo ninho da irauína que pelos tijolos de sua própria casa, não dormiu esperando seu “Neguinho” voltar.

Os anos passaram e, ainda que cada animal que tinha em casa carregasse o nome daquela irauína, eu percebi desde aquele nosso contato inicial o quanto ele sentia falta do seu pássaro, do verdadeiro Neguinho.

Isso só até três anos atrás, quando o primeiro neto nasceu e, na volta da maternidade, uma irauína-grande parou em sua garagem. E seu José, na frente de toda família, gritou:

- *Neguinho, você voltou!*

O pássaro voou, assustado e até hoje não consegui descobrir se aquela era, de fato, uma irauína. E sempre que nos encontramos, seu José reconta essa história. Não com a saudade da nossa primeira conversa, porém cheio de alegria e com a mesma homenagem para todos os seus animais, para todos os seus “Neguinhos”.



Irauína-grande.
Fonte: Wikimedia Commons.



Seu José. Foto do autor.

LUISA DE ARAUJO CARDOSO

BICHOS ESCROTOS?

Parece besteira, mas após a morte de Miltinho e Shygirl, eu me sinto sozinha nas madrugadas que passo no meu quarto. Eram meus pets e por mais que pequenos e silenciosos na maior parte do tempo, suas ausências ainda me pegam um pouco.

Meus animais de estimação não eram os animais que se pensa normalmente quando falamos de pets sabe, não eram os *mainstream* como gatos, cachorros ou passarinhos.. Tampouco eram exóticos como quem tem uma cobra, lagarto, chinchila ou um mini porco.

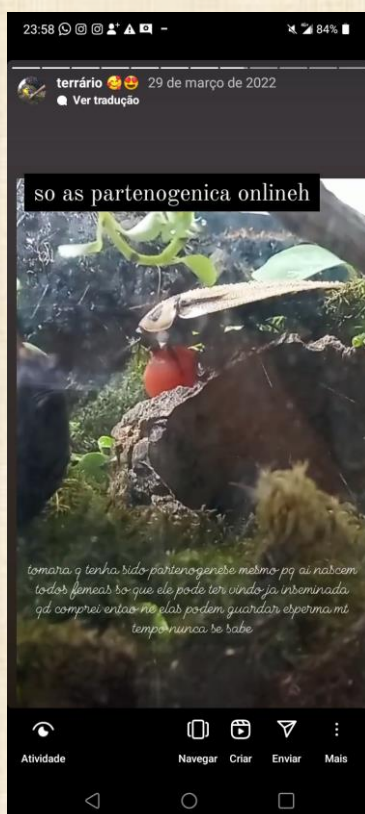
Meus pets eram daqueles que causam medo, nojo e desgosto na esmagadora maioria das pessoas. Que todo mundo associa com sujeira, doenças e esgoto. Que acham horrorosos e desprovidos de qualquer beleza ou graciosidade.

Para mim, são seres belos e delicados apesar da carapaça dura e olhos inexpressivos. Miltinho por diversas vezes me parecia um gatinho tomando banho, quando levava suas antenas até o aparelho bucal para higienizá-las. Shygirl, que a princípio foi batizada de Shyguy por eu quase nunca conseguir avistar o bicho dentro do terrário, era uma *Eublaberus giganteus* que eu tinha certeza que era macho até começar a ver o que eu a princípio achei que eram isópodes mais rápidos que o normal... Shyguy era Shygirl e foi uma mãe que mesmo apresentando zero cuidado parental, achei fofa.

Miltinho chamava-se Miltinho devido a um meme de uma barata morta sentada numa mesa de papel usando uma gravata e um notebook também feitos de papel e uma plaquinha "reclame com o Milton". E pior que agora enquanto escrevo isso percebo que foi o que fiz a maior parte do tempo, tadinho... Ainda bem que a *Gromphadorhina portentosa* macho confinada

nas paredes de vidro do terrário que, diga-se de passagem, tinha uma *escape* de causar inveja em qualquer ser rastejante do local, não estava nem ciente das besteiras que eu reclamei com ela horas a fio, nem estava escutando enquanto eu cantava aleatoriamente. Mas tava ali comigo, independente de estar ciente disso ou não.

No final, morreram de velhice e deixaram saudades na humana que os "paquerava" enquanto faziam seus afazeres baratais. Preciso de mais baratas.



Shygirl e Miltinho. Capturas de imagens feitas pela autora



Meme que motivou o nome do Miltoninho. Imagens enviada pela autora.



YASMIN DIONISIO DE CARVALHO

A OBSERVADORA DE PÁSSAROS



Em uma tarde quente de primavera, resolvi colocar em prática um hobbie que não fazia há certo tempo: contemplar em silêncio a natureza. Natureza essa que se encontra no terreno atrás da minha casa, localizado na Baixada Fluminense e composto principalmente por acácias (*Acacia auriculiformis*) e paus-formiga (*Triplaris americana*), duas árvores que dão muitas sementes em determinada época do ano. Admito que é lindo observar, até o dia de ficarem secas e caírem para continuarem o seus ciclos. Sempre gostei de admirar o verde das árvores e os animais que elas atraem, principalmente os insetos polinizadores, até aquele dia.

Anteriormente não me atentei a isso, mas naquela tarde percebi o fato das árvores estarem fartas de sementes e que, com isso, atraíam uma companhia inesperada para mim, pelo menos de ser vista tão de perto quanto vi no dia: as maritacas, mais especificamente o maracanã (*Psittacara leucophthalmus*). Para quem estava acostumada a ouvir somente o canto estridente dessas amiguinhas barulhentas numa revoada, ver um grande grupo (de aproximadamente 10 indivíduos) de muito perto, foi emocionante. O jeito que as pequenas aves verdes se escoravam umas nas outras era de aquecer o coração.

As penas esverdeadas num tom estratégico para se camuflar na folhagem, com um branco que dá o contraste em volta dos olhos e o vermelho presente, ora nas asas, ora nas bochechas ou em ambos, dá um ar de “fofura” nesses animais como se eles estivessem continuamente ruborizados

A melhor parte de observar sem conhecimento básico sobre a espécie são as especulações. No começo achei que era uma grande família, se camuflando entre as folhas que tinham um tom de verde incrivelmente semelhante ao tom das asas das minhas novas amigas. Depois percebi um canto diferente e uma pequena dança de sinalizações com as cabeças, onde dois indivíduos faziam um para o outro, mas um parecia não gostar muito e trocava eventualmente de “parceiro de dança”. E depois dessa breve demonstração de balé coletivo, deduzi que poderia ser uma tentativa de acasalamento. E nada mais justo do que fazerem isso protegidos no meio de árvores com folhagem densa devido à época do ano e carregadas de sementes para servirem de alimento.

Infelizmente o encontro não durou mais do que cinco minutos, talvez porque os sons de caminhões que entram e saem do terreno afugentaram o bando e provavelmente esse momento requer certa privacidade. Para elas, com certeza foi questão de procurar outras árvores mais calmas, mas para mim foram minutos marcantes, onde contemplar a interação entre esses pequenos indivíduos foi algo que fez o meu dia.

ROSEMARY DE FÁTIMA TURQUE IMPRONTA

O GATO E A MENINA

Há 50 anos a relação da família com o animal doméstico era muito diferente. A família adotou o gato, mas o gato escolheu como dono a menina.

Dentre as crianças que compunham a família, o gato escolheu dormir na cama da menina. Isso não era aceito:

- *Lugar de bicho é no quintal, não dentro de casa e na cama!*

O gato estava presente em todas as horas e participava das brincadeiras, das aventuras do dia. A menina brincava de dar aulas às bonecas e ao gato. O gato movimentava a cabeça, acompanhando a mão da menina ao escrever na lousa. Será que ele queria aprender o que estava escrito?

- *Que dó dele...*

Então ela trazia o gato no colo e colocava o giz em uma das patas para ensiná-lo a lição de casa. Novamente, os familiares da menina a repreendiam:

- *Gato não aprende a escrever!*

A menina se preocupava em tudo sobre o gato. Não lhe era fácil perceber que mesmo as bonecas tinham roupas e agasalhos e o gato não. Desta feita, um dia, ela pegou a roupa da boneca e vestiu o gato com a dignidade que ele merecia. A família da menina indignada com o fato chamou-lhe a atenção:

- *Gato não usa roupa! Você já viu animal usando roupa?*

As refeições da menina eram compartilhadas com o gato e a família não suportava a presença do animal e expulsava o felino da cozinha:

- *A cozinha não é lugar de bicho. Fora!*

Um dia o gato não mais apareceu para dormir, para aprender, para se aquecer e para se alimentar. Sumiram com o gato. Um dos familiares entendeu estar fazendo um favor para a saúde da menina. Nada perguntaram a ela. E ela notou a ausência, mas entendeu a “escolha” do animal:

- *Ele às vezes sumia mesmo, gostava de liberdade. Era independente - percebia.*

O tempo passou. a relação da família com os animais domésticos mudou e a menina cresceu.

O gato (*Felis catus*) chamava-se Mimoso. A menina sou eu.



JÚLIA RODRIGUES DE XEREZ

A VIDA QUE SE PODE TER

Outro dia um amigo de infância perguntou pra mim o porquê das abelhas morrerem depois que perdem seu ferrão, no sentido de que seria o desperdício de uma vida. Achei aquela pergunta muito interessante, pois mostra como nós, seres humanos, gostamos de humanizar praticamente tudo ao nosso redor, como os primeiros deuses que surgiram, em forma de humanos, é claro, apenas para explicar por que coisas como o trovão, o amanhecer e o fogo existiam.

Expliquei pra ele que aquela ação da pequena abelha é por um motivo muito maior, só que, na nossa visão, aquele inseto estaria apenas nos sacaneando e nos machucando. Na visão daquela pequenina abelha com ferrão, ela está salvando toda sua colônia, um ato de heroísmo e sacrifício em prol de algumas outras milhares de suas companheiras. E ela ainda faz o trabalho de liberar um feromônio de aviso caso outras abelhas estejam por perto para se juntarem à causa de defender a colônia.

Para mostrar que essas situações são só a vida como ela é, falei do comportamento visto nos polvos depois da reprodução, em que o macho morre e a fêmea simplesmente para de comer e apenas vive para proteger os ovos e manter oxigênio circulando perto dos mesmos. E, como a natureza pensa em tudo, a fêmea morre logo depois que o primeiro filhote sai do ovo. Pensando em uma visão humanística, essa seria uma história muito triste, porque os filhotes nunca conhecerão seu pai e a mãe já estaria praticamente morta assim que eles nasceram.

A natureza é assim e está tudo bem. Nós temos a chance de ter uma vida um pouco diferente das abelhas e dos polvos, mas também temos algumas coisas em comum com todos os animais. Uma delas é a efemeridade da vida, não importa se é defendendo uma colônia, protegendo seus filhotes ou lidando com outras dificuldades. Cada um aproveita a vida que se pode ter.



LUISA DE CAMPOS BRANCO HORTA SANTOS

SERES MISTERIOSOS

Na penumbra das ruas estreitas, onde o murmúrio noturno ecoa suavemente, há uma presença que se move com elegância e mistério. São os gatos, seres que deslizam como sombras, carregando consigo uma aura enigmática e um encanto peculiar.

Num desses bairros silenciosos, existe uma esquina onde os gatos parecem se reunir. É como se ali, entre o piscar das luzes dos postes, se desenhasse um palco sutil para suas danças noturnas. As histórias sobre esse local se espalham entre os moradores, criando uma auréola de fascínio em torno dos felinos.

Há quem diga que esses gatos têm segredos guardados em seus olhares. Que eles conhecem os cantos mais escondidos da cidade, onde o tempo parece desacelerar e os sonhos se entrelaçam com a realidade. São seres sábios, que percorrem os telhados e vielas como guardiões de uma sabedoria ancestral.

Certa vez, testemunhei essa magia ao me deparar com uma cena inusitada: um gato de pelagem negra, de olhos dourados e porte majestoso, parecia liderar uma espécie de cortejo felino. Outros gatos, de diversas cores e tamanhos, o seguiam em uma dança silenciosa, seus passos cadenciados como uma coreografia mística.

Aquele espetáculo noturno me fez refletir sobre a natureza dos gatos. Eles são criaturas independentes, mas também guardam um espírito de comunidade entre si. Seus miados e ronrones são como uma linguagem secreta, uma forma de comunicação que transcende o simples som.

Os gatos parecem ser mestres na arte da contemplação. Passam horas observando o mundo ao redor, como se absorvessem cada detalhe com uma sabedoria tranquila e contemplativa. Enxergam além das aparências, mergulhando nas entrelinhas do que está além do óbvio.

Além disso, sua presença traz uma serenidade especial aos lugares que habitam. É como se, ao cruzar com um gato, uma calma suave e reconfortante se instalasse no ambiente. Eles têm o dom de transformar o caos em harmonia, acalmando corações inquietos com sua simples presença.

Assim, os gatos seguem deslizando pelas ruas, carregando consigo mistérios, histórias e uma essência que desperta a imaginação. São seres que, mesmo mantendo um ar de mistério, nos ensinam valiosas lições sobre sabedoria, contemplação e a beleza sutil da vida noturna.

Naquela esquina onde os gatos se reúnem, a atmosfera continua impregnada de magia. E, à medida que a noite cai, o espetáculo secreto dos felinos segue, encantando aqueles que têm a sorte de presenciar a dança silenciosa e etérea dos guardiões da noite.



MARCOS VINICIUS S. FIDELIS

SOB A SOMBRA DO PÂNTANO

(Crônica baseada em uma experiência que eu tive jogando “Red Dead Redemption II”).

Em uma noite de Lua cheia, onde o céu estava bordado de estrelas cintilantes, um *cowboy* solitário, conhecido pelos seus feitos obscuros, se encontrava encurralado nas entranhas de um pântano traiçoeiro. As águas lamacentas ocultavam segredos sombrios e o uivo distante dos lobos ecoava na vastidão silenciosa.

Esse indivíduo, cujo nome se perdera na poeira dos caminhos que trilhara, estava sendo caçado como um animal. Caçadores de recompensas, ansiosos por sua cabeça, quente ou fria, buscavam uma gratificação generosa, perseguiram-no sem trégua. Porém, o *cowboy*, com seu chapéu abaixado e olhos sombreados pela escuridão, conhecia os segredos do pântano melhor do que qualquer um.

A luz prateada da Lua filtrava-se entre as copas das árvores e lançava sombras dançantes sobre a paisagem pantanosa. O *cowboy*, ágil como uma serpente, movia-se furtivamente entre as folhagens espessas, mantendo-se oculto dos olhares indesejados. Seus passos eram silenciosos, como se ele se misturasse com as sombras noturnas.

Além do perigo dos caçadores de recompensas, o *cowboy* tinha que enfrentar um inimigo mais primal: os jacarés que ali viviam em águas turvas. Cada passo dado era calculado, cada respiração contida, pois um descuido poderia significar não apenas a sua cabeça, mas também a voracidade dos predadores à espreita.

O pântano, por sua vez, não se rendia facilmente aos invasores. Os caçadores, em sua ganância, haviam subestimado a astúcia dos jacarés que habitavam aquelas águas turvas. Alguns, sedentos pela recompensa, caíram vítimas das mandíbulas afiadas que espreitavam abaixo da superfície. Os murmúrios sombrios do pântano contavam a história de caçadores que ousaram desafiar não apenas o *cowboy*, mas também a natureza impiedosa do lugar.

Enquanto se esgueirava pelo pântano, o *cowboy* refletia sobre as escolhas que o levaram a esse triste destino. A fuga era sua única salvação e cada momento naquele labirinto de águas turvas poderia significar a diferença entre a liberdade, a captura, ou pior, a morte.

E, assim, naquele pântano escuro e perigoso, o homem marcado pela vida tentava desesperadamente escapar do passado, enquanto o brilho frio da lua iluminava seu caminho incerto sob a sombra da perseguição implacável, onde caçadores imprudentes arriscavam mais do que podiam perder.



Captura de tela do jogo, feita pelo ator

ANNA DANDARA AMORIM SOARES

PONTO DE EBULIÇÃO: A METÁFORA DA PERERECA FERVIDA

Na narrativa dos mitos contados pela minha cidade, frequentemente ouvimos a história da perereca na panela de água quente, uma adaptação da descrita Síndrome do Sapo Fervido. Segundo esse mito, ao colocar uma perereca numa panela de água fria e aquecer gradualmente, o animal não sentiria o incômodo do aumento de temperatura. À medida que a temperatura aumentasse, a perereca gastaria mais energia para se adaptar ao ambiente. Isso se repetiria até que a água estivesse perigosamente quente, e a perereca, sem energia para sair da situação, morreria fervida. Essa história nos leva a refletir: por que a perereca se mostra tão complacente diante das mudanças sutis?

Sob uma análise biológica, a perereca provavelmente não agiria como descrito no mito. Na verdade, os anuros, devido à pele permeável e ao ciclo de vida em ambientes aquáticos e terrestres, são bastante sensíveis e suscetíveis a alterações físicas e químicas no ambiente, incluindo variações de temperatura. O mito da perereca na panela de água quente é mais uma metáfora do que uma representação precisa do comportamento animal.

Transpondo essa narrativa fictícia para o nosso mundo, deparamo-nos com o desafio do aquecimento global, um fenômeno que avança gradualmente, intensificando-se desde a Revolução Industrial. Todos nós, seres vivos pensantes ou não, estamos sendo afetados por suas fortes consequências, como o aumento contínuo da temperatura média anual e fortes ondas de calor, que batem recordes ano após ano. O planeta está gradualmente aquecendo, assim como a panela de água. Ignoraremos os sinais, assim como a perereca supostamente ignoraria a temperatura ascendente? Gastaremos toda nossa energia com adaptações, até que seja tarde demais?

Talvez seja hora de refletirmos sobre o paralelo entre o mito da perereca e nossa relação com o planeta. O aquecimento global é uma realidade latente, e cada um de nós tem um papel importante a desempenhar. Não podemos nos permitir permanecer na água fervente da inação. É hora de agir antes que o planeta alcance um ponto sem retorno.

Este texto é uma crônica que usa de elementos narrativos e reflexivos para abordar o mito da perereca na panela de água quente, relacionando-o a questões atuais, como o aquecimento global.



Ilustração da autora

WELLINGTON DA CONCEIÇÃO BISPO DOS SANTOS

UM ENCONTRO INESPERADO

Era uma tarde tranquila de domingo, um daqueles momentos em que o tempo parece prolongar-se lentamente e acompanhar o ritmo da vida no campo. Resolvi fugir da rotina e caminhar pelos caminhos que atravessam a área verde da fazenda. A natureza se desdobrou diante de mim, revelando seus segredos em cada recanto.

Ao virar a esquina da trilha, deparei-me com um encontro inusitado: uma majestosa coruja, pousada em um galho baixo, observava a cena com seu olhar curioso e penetrante. Seu olhar parecia transcender o tempo e carregar consigo a sabedoria de séculos. O contraste entre suas penas brancas imaculadas e as sombras da floresta conferia-lhe uma aura mágica.

A coruja não se assustou com a minha presença. Pelo contrário, como se me encorajasse a partilhar aquele momento único. Sentei-me num tronco caído, hipnotizado pela cena diante de mim. Era como se a coruja fosse uma guardiã de histórias esquecidas, pronta para revelar segredos antigos.

Enquanto observava, um raio de sol passou pelas folhas e iluminou a coruja, acentuando ainda mais sua elegância. Me senti parte de algo maior, conectado à natureza de uma forma que não vivenciava há muito tempo. Naquele momento percebi que a vida pulsa em todos os cantos, até nos lugares mais simples e inesperados.

A coruja, como se entendesse meu devaneio, decolou em voo silencioso e desapareceu entre as árvores. Fiquei ali, atordoado, refletindo sobre o vazio que ela havia deixado para trás. A natureza, com a sua capacidade de surpreender, proporcionou-me um capítulo inesperado na minha viagem.

Ao continuar minha jornada, levei comigo a lembrança desse encontro fugaz, sabendo que, de alguma forma, eu fazia parte de algo muito maior do que minha compreensão poderia abranger. A vida, assim como a crônica que escrevemos todos os dias, traz surpresas e delícias nos lugares mais improváveis. E ali, naquela floresta tranquila, encontrei uma inspiração que mudou minha visão de mundo.



REGINALDO DO NASCIMENTO SOARES SANTOS

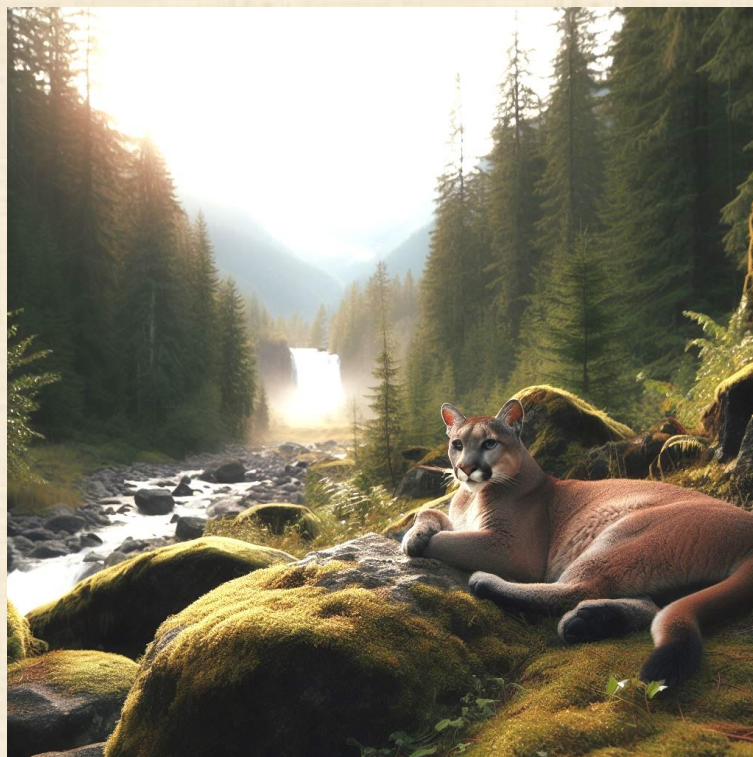
ONÇA-PARDA ATACA SERVIDOR PÚBLICO; ENTENDA O CASO

Queimadas, tráfico de animais, seca extrema e tantos outros ataques à biodiversidade causados pelas ações do homem. Pergunto eu, e se os animais juntos decidissem intervir diante da irracionalidade humana?

É o que ocorreu em uma cidade no município de São José do Belmonte, interior do estado de Pernambuco. Rodrigo Farias, um servidor público de 34 anos, foi atacado ao sair da prefeitura municipal por uma onça-parda, espécie ameaçada na região, que o aguardava no estacionamento do prédio, na última segunda-feira (27/11). Segundo informações de amigos e familiares, o rapaz, que trabalhava em parceria com o Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) - São José do Belmonte, foi surpreendido pelo animal que já vinha rodeando a prefeitura há dias em busca de seu filho, Diego, que ainda filhote foi levado para o CETAS, onde vem recebendo cuidados de uma equipe de biólogos, veterinários e outros profissionais e aguarda até ganhar musculatura para enfrentar a vida na caatinga.

Rodrigo Farias cuidava da papelada que avaliava o melhor local para soltar o filhote. Com ferimentos no braço e na barriga, o servidor foi encaminhado para a Unidade Mista Leônidas Pereira de Menezes para atendimento de urgência. Apesar do susto, o agente municipal passa bem.

Conversamos com a mãe do filhote, Daniela, onça-parda de 29 anos que nos forneceu uma entrevista exclusiva:



- *Estão tentando me taxar como louca, eu perdi meu filho com 5 anos de idade. Estávamos pela caatinga como sempre, dois caçadores nos abordaram, achei que só estavam procurando mais um ponto focal para colocar fogo com todo esse avanço de agro e pecuária, mas não, foram em busca do meu filho e não tive forças para impedir. Rodrigo não é santo, ele sabe de todo o esquema de queimadas e desmatamento para a preparação do solo para outros usos, já fizemos diversas denúncias e nada acontece. Me ameaçaram uma vez e agora pegaram meu filho, tudo que quero é ele de volta, nada mais importa* - disse Daniela.

Avaliamos a situação e fomos informados que Rodrigo Farias possui antecedentes com vandalismo e seu irmão, Marcelo Farias, latifundiário, possui inúmeros processos judiciais em aberto de comunidades indígenas denunciando a demarcação irregular de território. Daniela se encontra livre e Rodrigo se manifesta:

- *Não vou abrir um boletim de ocorrência, conheço Daniela há anos e nada do que ela diz é verdade, seu filho se encontra sob guarda do CETAS por viver de forma irregular, ela não tinha estrutura para cuidar de Diego.*

Com toda a repercussão do episódio, Daniela espera receber apoio de instituições jurídicas para tratar de forma definitiva a situação. Até o momento, Sapó Cururu, amigo da família e advogado de Daniela, com 12 anos de profissão na área de Direito Ambiental, toma a frente do caso. De qualquer maneira, pode-se dizer que o assunto é complexo, delicado e muitos atores estão envolvidos.

Se os animais pudessem ser ouvidos e entrevistados eles seriam desmoralizados.

Comunidades indígenas, população de baixa renda e minorias são excluídas todos os dias, nosso atual sistema político e econômico permite isso. Quais ações são feitas hoje para mudança de cenário? Qual o papel do leitor ao abraçar a temática? Cada história carrega consigo uma lição, um ensinamento, que, aplicados de maneira adequada às próximas gerações, devem aprender e respeitar ao longo de suas vidas.



MARCELLO SANTOPIETRO GODART

LOBONÇA

Nas montanhas de Yellowstone vivia a família de Draco, um lobo negro selvagem vivendo com a sua matilha. Feroz. Caçador. Um lobo. Certa noite, uivando pelas montanhas à procura de vestígios, Draco percebe algo incomum. São pegadas. Mas não são de lobo, nem de lebre, nem de esquilo. São pegadas que Draco nunca viu antes. Ele já ouvira falar de outros animais, imponentes como ele, que rondavam as noites das montanhas de Yellowstone, que viviam à espreita, com garras e dentes, como as de Draco, ou até piores.

Ele então farejou, tentou encontrar mais vestígios do ser que teria autoria daquelas pegadas, mas sem sucesso. Voltou para o abrigo, intrigado com aquele formato de pegada e aquele cheiro inconfundível, porém desconhecido.

Na manhã seguinte, Draco guiou seus companheiros para perto do local onde havia achado as pegadas, mas seus iguais pareciam não entender ou se interessar pela origem daquele enigma. Ele, então, tomado pelo instinto, resolveu investigar por si, numa jornada própria. Sentia que algo o chamava. Para o bem ou para o mal, Draco saiu em sua procura.

Quando, depois de quase três noites vagando pelas planícies e montanhas, Draco sentiu um cheiro que o fez parar. Entre duas árvores, estavam dois olhos fitando os olhos dele. E o cheiro, inconfundível.

Ele percebeu que a natureza quase igual, era quase oposta. Uma onça-parda o ameaçava, furiosa. Ela, assustada, sabia que por ali poderia estar no território de um inimigo. Ele, acostumado, jamais esperava encontrar tal fera rondando por ali.

Os dois olhos ferozes se estranharam, se assustaram, se questionaram e, por fim, se entenderam. Eram duas criaturas, duas vidas que sempre lutam por sua sobrevivência com garras e dentes. E naquela montanha, naquele pedaço de floresta, se encontraram.

Quando Draco pensou em atacá-la, a onça também pensou. E em um segundo, a decisão mudou, a onça deu um passo, com a intenção de ir embora. O lobo, ainda investigando aquela criatura inédita, esperou o próximo movimento para entender melhor.

Momentos passaram e, depois de mais de dez passos, a onça, ao longe, olhou para trás. De dois arbustos, três filhotinhos de onça-parda a seguiram. Draco observou e então deu sua jornada como concluída. Ele entendeu o que percebeu de semelhante, o que o chamava para conhecer aquela criatura. Conheceu o instinto protetor e ainda respeitoso de outra fera. Semelhante, porém completamente diferente.

Nesse dia, em Yellowstone, foi como se o lobo e a onça pudessem ser amigos.



PAULO ROBERTO GOMES DA SILVA

TATUÍ, O EXPLORADOR DAS TRILHAS INVISÍVEIS

Numa floresta densa, onde a luz do sol mal conseguia romper a barreira das folhas, vivia Tatuí, um tatu curioso e destemido. Seu casco era uma armadura impenetrável, mas seu espírito inquieto ansiava por desvendar os mistérios da floresta. Tatuí era um sábio nas trilhas invisíveis da etnobiologia, uma ciência que conecta os seres vivos em intrincadas teias de interdependência.

Tatuí começava suas jornadas noturnas no exato momento em que a Lua lançava seu manto prateado sobre a floresta. Suas patas fortes e garras afiadas o tornavam um mestre na arte de escavar, revelando os segredos enterrados sob a terra. Seus olhos, pequenos mas perspicazes, detectavam nuances de cores e padrões que escapavam à visão de outros habitantes noturnos.

Numa noite estrelada, Tatuí encontrou uma planta exótica com folhas luminescentes. Fascinado, ele tocou suas garras na folhagem brilhante, desencadeando uma reação bioquímica que iluminou sua toca escondida. A floresta ganhou vida sob aquela luz etérea, revelando padrões e conexões antes invisíveis.

A jornada de Tatuí o levou a interagir com criaturas noturnas, como o sapo que cantava melodias que apenas os ouvidos atentos de Tatuí podiam discernir. Ele aprendeu com as aranhas tecelãs, mestres na confecção de intrincadas teias que capturavam histórias deixadas pelo vento. Tatuí compreendeu a linguagem das árvores, que sussurravam segredos ancestrais através de suas folhas.

Em suas explorações, Tatuí encontrou uma comunidade de formigas que cultivava fungos para alimentar a colônia. Fascinado pela cooperação entre as formigas e os fungos, ele percebeu que cada ser na floresta desempenhava um papel crucial na harmonia do ecossistema.

Tatuí se tornou um sábio entre os animais noturnos, compartilhando seus conhecimentos com outros seres da floresta. Sua toca se transformou em um centro de aprendizado, onde criaturas de todas as formas e tamanhos buscavam sabedoria sobre as trilhas invisíveis da etnobiologia.

E assim, sob a luz da Lua, Tatuí desvendou os segredos da floresta, conectando os pontos entre as criaturas e as plantas, entendendo que todos eram elos vitais na grande corrente da vida. Seu casco, agora marcado pelas histórias da floresta, era uma testemunha silenciosa das incríveis descobertas feitas nas trilhas invisíveis que ele ousou explorar. Tatuí, o explorador destemido, deixou um legado de compreensão e respeito pela complexa teia da vida que ecoaria na floresta para sempre.



Ilustração do autor

IGOR OLIVEIRA DOS SANTOS

O CANTO DA CIGARRA

Já fazia tempo que não se ouviam as cigarras.

“*Por que?*”, era o que as crianças perguntavam. Ora, eu não tinha como responder. Fazia décadas que eu mesmo não via algum inseto que não fossem pequenas moscas tortas ou deformadas baratas. A única lembrança que eu tenho de ver um inseto de verdade foi com meus 5 anos, com uma pequena cigarra, sem força alguma, fazendo seu belo cântico, procurando alguma parceira. Uma pena que ela nunca veio.

Talvez tenha sido o último, mas não importa pensar nisso agora. Estão me contratando de novo, querem outro autômato. Parece algo diferente, eles não querem somente algo que faça barulho ou que comprimente. Parece que querem algo vivo.

Isso é loucura, já fazem anos que eu trabalho produzindo títeres, fantoches, autômatos, e sempre perguntam quando algo que eu vou fazer vai ser realmente vivo. Inferno, se eu soubesse, teria feito a anos atrás.

Sento-me em uma cadeira, dou a última tragada no que parece ser o último cigarro que eu vou ter em um longo tempo, sabe-se quando haverá mais tabaco crescendo ou se alguma carga desviada vai cruzar o meu caminho. O homem já destruiu o mundo o suficiente pra ainda ter tempo de fumar, vai ver isso sobrou apenas para os artistas velhos e solitários, talvez a fumaça seja minha única amiga de verdade e talvez o fumo seja o último vislumbre de tempos bons que eu vou ter.

Levanto-me e olho na janela - se é que dá pra chamar um buraco na parede de janela - e vejo que o mundo parece mais cinza do que ontem, se isso é possível, talvez seja poeira, talvez seja impressão, não importa. Como eles querem algo vivo? Mal consigo me considerar vivo, meu corpo ingere tantos químicos há tanto tempo que eu não consigo me diferenciar de uma das coisas que eu produzo.

Ao meu redor só vejo falhas. Reproduções sem alma do que um dia já foi a vida, cachorros de engrenagem, pássaros de manivela, ratos de mola. E eu sou mais ou menos humano que todos eles? Estou tão travado que não parece que existem veias e músculos no meu corpo, mas polias e cordas que movem cada apêndice meu. E essas criaturas que há tanto tempo me cercam? Eram realmente do jeito que eu as reproduzo? Não sei, apenas li em livros apagados pelo tempo, em grandes *outdoors* rasgados e acinzentados pelo tempo.

Como botar alma em algo que não existe mais? Como encher de vida aquilo que há muito se fez vivo, mas agora é sombra distorcida? Eles querem que eu faça milagre. Volto ao centro do meu quarto e no caminho a me por para pensar eu ouço um som. Não é um som de escombros caindo que há tanto eu estou habituado, muito menos o tintilar de sinos do homem que passa vendendo coisas que se parecem com alimentos, é algo, diferente.

Pode ser invenção da minha cabeça, já não me sinto são há muito tempo, todo artista fica louco, é o que dizem, não sei como tenho coragem de me chamar de artista no final disso tudo.

Não é sobre mim, de qualquer jeito, é sobre esse som, não sei se existem palavras – e possivelmente se existissem, foram perdidas pelo tempo - para explicar como ele era, foi um lampejo.

Estridente, sonoro, forte. Eu estou delirando? Não, já tomei todos aqueles placebos que o dito “governo” fala que fazem bem para nós e combatem o ar tóxico ao redor de nós, engraçado. E eu lembro das árvores terem folhas para limpar o ar acima de seus troncos, não cinzas.

O som parece que se repete. Mais confiante, corajoso e mais prolongado. Sim, agora eu já não acho ele estranho e diferente, mas desperta em mim imensa curiosidade. Estou inquieto e esse som não vem de muito longe.

Volto-me mais uma vez para a janela, com o ímpeto de criança, perguntando aos pais “*como era o mundo antes disso?*”; talvez nem os pais saibam responder mais essa pergunta.

Meus olhos deslizam de um lado para o outro, o som é confiante, alto, alguém mais está ouvindo ele? Não vejo ninguém na rua e nem nas outras “janelas”. Não, é único demais para ser fruto de insanidade minha.

O tronco! Ó Deus, na carcaça oca do que um dia já foi vida. O que era aquilo? O som vinha de lá. Junto meus trapos, visto rapidamente uma jaqueta desgastada e saio ignorando qualquer proteção facial, quero ouvir isso com meus próprios ouvidos descobertos. Tampo meu rosto com a mão, não criava tamanha coragem desde que eu era jovem.

Vejo, por fim, diante do tronco, quase como se prostrado, o dono do som. Tão pequena, como era capaz de produzir tamanha sinfonia? Uma cigarra. E como cantava! Imóvel, linda. Como da última vez, era tão belo, tão inovador, tão cheio de vida.

Com a outra mão, coço meus olhos - pois não se pode aguentar mais do que alguns minutos o ar tóxico sem proteção - e sinto eles queimando como chamas, quando olho novamente, a cantoria já não esta mais lá, como se nunca estivesse. Mas sua essência, sua forma, ainda estava. Que sorte! Tenho ela na frente de minha casa há tanto tempo e como nunca reparei o seu canto? Talvez sejam esses comprimidos. Malditos! Eles querem nos tornar bonecos e nos limitam de sentir o mundo ao redor, agora eu sei a verdade.

Volto correndo para meu quarto, agora, banhado de inspiração, eu sei! Mais do que nunca eu sei o que é a vida, eu sei como reproduzir e eu tenho a minha musa inspiradora em frente a minha janela sempre que eu precisar, não tenho motivos para adiar meus trabalhos.

Junto minhas ferramentas e me ponho a trabalhar. Que emoção! É um fervor que eu não sentia há tantos anos, parece que é a primeira vez. Molas, engrenagens, faço a planta do meu autômato de cigarra com uma precisão e detalhamento que nunca tive, parece até que eu invento.

Sigo meu trabalho, durante semanas e me afasto daquelas malditas pílulas, parece que consigo sentir melhoras, é como se eu ouvisse pela primeira vez o seu canto e cada experimento, cada vez mais, eu sinto que alcanço a verdadeira essência da vida com esse pequeno animal.

Faltam apenas alguns dias e apenas falta reproduzir o som, ah, o tão estimado som daquele belo animal. Que seria a cigarra sem seu belo canto?

Entretanto, o canto não vem. E meus dias vem se acabando, por quê? Em que momento eu errei? Por que ela não canta para mim? Paciência, não se pode atrapalhar a natureza, nem a vida, esperemos.

Meu tempo está acabando e ela não canta, não sei mais o que fazer, eu tento inutilmente reproduzir o canto de minha musa sem voz, não tenho êxito, o que hei de fazer? Não é nem mais pelo trabalho, mas pela honra de reproduzir a vida que há tanto foi perdida! Corro para janela, e encaro-a em tom de súplica, em tom de desespero, por favor, cante! Cante! Cante! Eu preciso te ouvir uma última vez.

Silêncio. Apenas o batimento acelerado do meu coração e o fluxo interminável de pensamentos, viro-me de costas, com as mãos na cabeça, e ouço outro som. O som de algo caindo, torno a olhar novamente para a janela e olho para aquele monólito amaldiçoado de cascas que um dia já foi lar de vida, e não vejo mais a cigarra. Me debruço sobre a janela e vejo ela no chão. Antes de ter tempo de qualquer reação, ouço o som da porta batendo, incessantemente, com fúria, com fervor, com desespero. Sinto meu coração pular para fora do corpo, não tenho aonde me esconder, quem há de ser? Por que batem com tanta força? - *Não está pronto! Não está pronto!* Eu grito, em pleno desespero, mas é tudo em vão.

A porta se escancara e eu ouço pela última vez o canto da cigarra, como da primeira vez que eu ouvi.



Ilustração do autor

ANA CLARA MARTINS GAMA

A ÚLTIMA VOADORA

Já fazem cinco anos desde a última vez que aquela televisão funcionou. Na ocasião, eu estava cortando os últimos tomates da colheita. A praga tinha atingido toda a plantação, então tínhamos que aproveitar ao máximo os últimos espécimes do fruto vermelho. Normalmente, mantínhamos a televisão desligada, já que a energia era racionada e ninguém se importa com entretenimento quando se está tentando sobreviver, nem mesmo as grandes emissoras. Mas por algum motivo a Bó, minha avó paterna e último parente vivo, decidiu ligá-la antes do almoço. E, para a surpresa de ambos, alguém estava ao vivo.

O homem era magro, quase esquelético, como todos os que ainda lutavam para se manter vivos, seu cabelo era opaco e longo, e seus olhos, aqueles olhos grandes e assustados, ocupavam quase toda a face magra enquanto ele dizia, em voz tão baixa que precisávamos aumentar o volume.

- Foi decretado, na reunião emergencial da noite passada, o fim das transmissões televisivas e de rádio. A racionalização de energia não tem se provado suficiente para abastecer o país, e todos os esforços devem ser direcionados para o cultivo de alimentos e os treinamentos biomédicos. - Seus olhos acompanhavam o texto escrito a lápis em suas mãos, que tremiam.

Algo naquela voz me lembrou a época em que acreditávamos que seríamos substituídos por robôs. *- Há rumores de que alguns países da Europa possam ter encontrado o tratamento para a contaminação por consumo de água proveniente da chuva ácida, mas não sabemos se haverá previsão de importação.*

Aquela mensagem era semelhante a todas as outras que estávamos recebendo nos últimos anos. Todos os serviços, pouco a pouco, parando de funcionar, como um corpo próximo à morte que desliga suas funções principais para tentar durar mais, nem que seja um dia. E falsas esperanças, vindas de supostas pesquisas em países estrangeiros, mas que todos sabíamos que, mesmo se fossem reais, não seriam suficientes.

Bó estava prestes a desligar a televisão, preocupada com o consumo de energia, quando o jornalista tirou os olhos do papel. Ele olhava para a câmera, diretamente para nós, como se pudesse enxergar a alma de cada um daqueles que ainda lutavam. Depois de segundos que pareceram anos, ele retornou a falar.

- Não há mais esperanças. A vinte anos atrás, fiz um juramento, onde prometi entregar verdade e informação, em qualquer que fosse o cenário. Hoje venho aqui, ao vivo, informar-lhes que falhamos. Falhamos com o meio ambiente e falhamos com nós mesmos. As previsões são ruins, e não acredito termos mais escapatória. Espero uma morte em paz aos que a merecem.

A transmissão foi cortada, até hoje não sei se propositalmente ou não, mas foi ali que soube. Não adiantava. Os sistemas de captação de água, a racionalização de energia, os agrotóxicos (porque entre ter câncer daqui a vinte anos e comer mais uma refeição, escolhemos refeição - ninguém vai sobreviver mais vinte anos), nada disso serviria. Estávamos assistindo o fim da raça humana de camarote, e não havia mais tempo.

Durante os últimos cinco anos, vivi momentos que, a pouco tempo atrás, não imaginaria estar vivendo. Perdi as últimas galinhas quando uma tempestade arrancou o

galinheiro do chão no meio da noite, vi os animais se tornando cada vez mais escassos, até por fim até mesmo os mosquitos se tornarem raros, pois não havia água para que se reproduzissem, vi a colheita pegando fogo, secando, morrendo, até sobrar apenas milho, batata e água suja. Bó morreu dois anos após o último pronunciamento, depois que falhei em mantê-la forte o suficiente para sobreviver a um simples resfriado. Hoje acordei mais tarde que o comum, o Sol já estava alto no céu. Cresci com todos me dizendo como a vida na fazenda era de muito trabalho, acordar juntos com o Sol e fazer mais antes das nove da manhã do que fazemos em todo o dia na cidade. O que ninguém pensou é que, quando todos os animais estão mortos e toda a plantação secou, não há motivo para acordar cedo.

Continuei na cama, olhando pela janela uma nuvem pesada de tempestade se aproximando, calculando mentalmente quanto dessa água poderia consumir sem que afetasse minha saúde além do que ela já está prejudicada. Foi quando eu a vi.

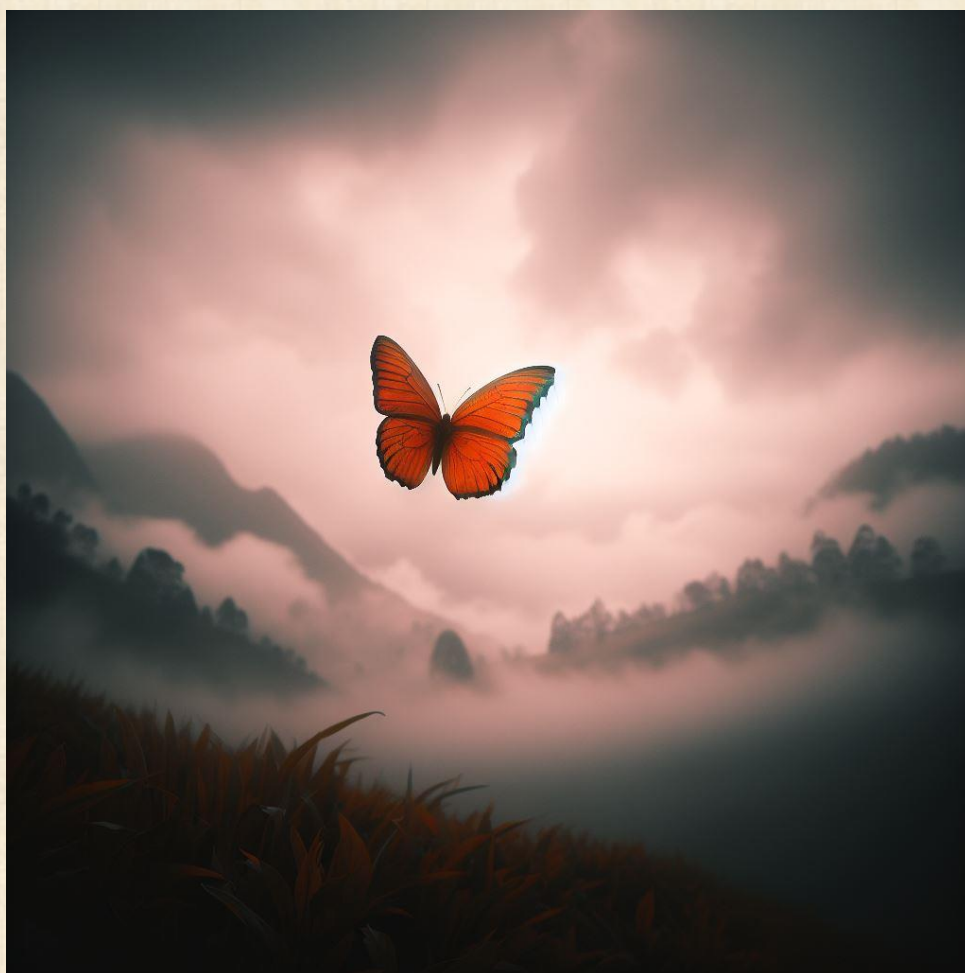
A princípio, achei que fossem meus olhos, ou lixo. Fazia cerca de quatro anos desde que deixamos de ver insetos polinizadores rodeando as plantações. Já tinha me acostumado com o silêncio, com a ideia de ser a única coisa viva ao redor. Mas lá estava, uma borboleta laranja brilhante, voando em meio aos restos da colheita de batatas, sua cor fazia parecer ser uma faísca de fogo, flutuando antes de tocar o solo. No mesmo instante me levantei, tentando correr para alcançá-la, antes que sumisse na minha imaginação, mas precisei sentar na beira da escada enquanto minha pressão arterial caía drasticamente.

Quando cheguei à varanda, a princípio, acreditei ter sido refém de uma miragem causada pelo calor e pela desidratação. Não serei inocente de dizer que não vinha sentindo a morte chegando nos últimos dias, então qualquer coisa seria esperada. Eu sabia que meu fim estava próximo. Mas quando vi aquelas pequenas asas batendo próximas ao lado leste da casa, tive um pouco de esperança. Talvez, pensei comigo, não seja tão ruim assim. Talvez a batata me sustente mais um pouco, talvez a água não esteja tão contaminada, talvez meu corpo tenha se acostumado ao calor, talvez, talvez.

Aquela glamurosa faísca de fogo, flutuando na minha frente, parecia dançar. Me fez querer dançar, mas eu achava que não me lembraria como. Fiquei por um tempo que parecia incrivelmente longo com o corpo congelado, esperando, analisando, apreciando. Tentava não piscar, com receio de que cada vez que minhas pálpebras se fechassem, ela desapareceria, e eu estaria só novamente. Mas então, ela começou a se afastar. Suas asas batiam de forma rápida, como se, ao contrário de mim, ela tivesse toda energia do mundo para gastar. Me peguei pensando em como seria essa sensação.

Pensando em retrospecto, não me lembro de desencostar do portal da porta de entrada, nem de andar até a beira do campo de batatas. Não me lembro do momento em que cheguei tão perto daquele fogo flutuante ao ponto de estender a mão, de tentar alcançá-la. Eu sentia meu corpo perdendo as forças, não me lembrava quando tinha sido minha última refeição, mas eu corria. Sentia o vento batendo no meu rosto, minhas mãos roçando nas folhas secas da vegetação, minha respiração dura e ofegante, e aquelas pequenas asas laranja cada vez mais perto.

Por um instante, eu não estava mais só. Não sentia fome, não sentia sede, não estava lutando pela minha vida. Por um instante, eu tinha sete, e corria por um campo de morango, meus pais ao meu lado, a gargalhada grave do Pai e o perfume doce da Mãe



se misturando ao vento. Talvez, pensei, se eu correr o suficiente, posso voltar à época em que não sentia medo... Mas eu não estava mais correndo. O vento tinha parado, a borboleta tinha sumido, e minha cabeça latejava. Sentia meu corpo dolorido, deitado no chão, os pés descalços machucados do chão pedregoso. Ao meu lado, podia ver uma pequena poça de sangue. Busquei levar minhas mãos ao rosto, na vã esperança de que aquele sangue não fosse meu, mas apenas a mão esquerda respondeu. Com o canto do olho, via meu braço direito estendido em uma posição não natural, as unhas sujas de terra e sangue.

O cheiro de ferrugem, a dor que começava a se alastrar pela minha coluna, o medo. Desviei os olhos para o céu, e pude ver quando as primeiras gotas de chuva se desprendiam da massa cinza que sobrevoava a mim. Não existia cheiro de chuva, apenas de sangue, e o terror proveniente do som ao longe de trovões. Minha cabeça pesava, e senti as lágrimas escorrerem pelos meus olhos até meus ouvidos.

Não vou dizer que não quis lutar. Eu quis, e muito. Mas sentia fome, sede, e meus olhos não queriam mais se manter abertos. Não queria mais testemunhar o fim daquele que durante anos fora meu mundo. Então fechei os olhos. E enquanto fechava-os, pude ver um lampejo de asas laranjas sobrevoando ao meu redor.

ELIENE COSTA BARBOSA

COMADRE FULOZINHA

Joãzinho tinha um gato chamado Simão e também um cachorro com o nome de Pretinho, que moravam com ele na sua fazenda.

Em uma manhã de domingo muito ensolarada a bicharada da fazenda estava animada para passear, inclusive o gato Simão e o cachorro Pretinho. Porém, Simão e Pretinho não eram muito amigos, Joãzinho fazia de tudo para que os dois fossem amigos, até mesmo passeava com eles juntos para acabar com a inimizade, mas não tinha jeito: os dois sempre emburrados.

O tempo foi passando e, em uma noite de Lua cheia, o gato e o cachorro saíram para passear nos arredores da fazenda. Na manhã seguinte só o cachorro voltou, todo feliz, talvez porque o gato não estivesse mais na sua presença. Logo Joãzinho percebeu que o gato tinha sumido e começou a procurar por toda parte, mas nada de encontrar o felino. Então ele lembrou a história que a sua mãe contava na sua infância sobre a Comadre Fulozinha, que era um espírito que protegia as florestas e os animais e se comunicava através de um assobio muito forte, e que a pessoa podia fazer um pedido para a Comadre Fulozinha que ela ajudava. Mas quem fizesse o pedido tinha que deixar um presente para ela na mata. Joãzinho, como era muito crédulo, entrou na mata para procurar o seu gato. Foi quando ouviu um assobio muito longe. Ele lembrou que a sua mãe contava que quando alguém ouvisse um assobio distante era porque a Comadre Fulozinha estava próxima, então ele fez um pedido para que ela o ajudasse a encontrar o gato, que ele deixaria um presente para ela. Joãzinho foi embora e, no dia seguinte, retornou para procurar o gato no mesmo local no qual tinha feito o pedido e ouviu um miado vindo de um buraco. Reza a lenda que a Comadre Fulozinha ajudou o gato a ser encontrado e como promessa é dívida, Joãzinho deixou um presente.



VICTOR HUGO SILVA DE SANTANNA

OS GLORIOSOS CACHOS DE BANANAS

Pela selva caminhava o jovem macaco, era de manhã bem cedo. Acima do bichano, sobrevoava a sra. águia, a qual sempre espreitava o que acontecia nos arredores. Olhando por dentro das densas folhas, observava o cansado macaco caminhando e se afastando de seu bando, se rastejando de cansaço, porém de forma imparável ele continuava, isso a deixou intrigada. A ave tinha pouco conhecimento sobre a lenda dos gloriosos cachos de bananas, que se encontravam montanha acima.

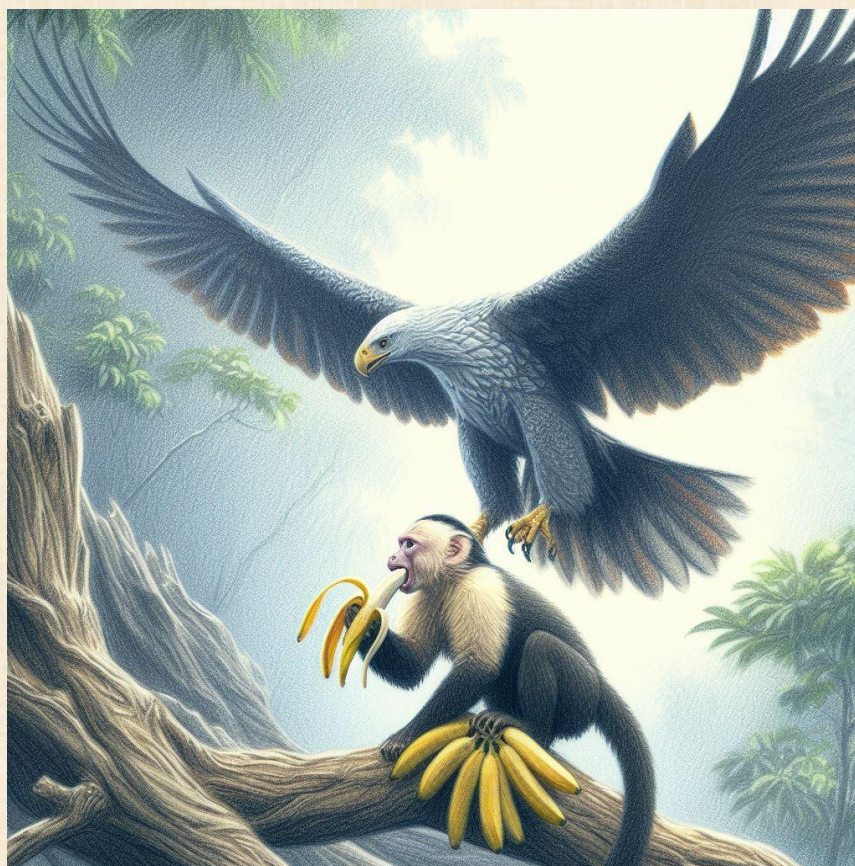
O macaco estava atordoado, mas não podia parar, estava em busca dos tão famosos cachos mais ricos em bananas, os quais só poderiam ser encontrados no topo da montanha mais alta da região, a qual se encontrava a dezenas de quilômetros de distância. Contudo, para chegar lá, o pobre bípede ainda teria que enfrentar longos e árduos caminhos dentro daquele labirinto verde, sabendo que não conseguiria jamais voltar atrás. Porém, nada poderia fazer a não ser seguir em frente. Afinal, era isso que todos esperavam dele, desde filhote sempre fora inteligente e forte, se destacava dos demais e estava predestinado a seguir este rumo. O jovem primata, carregava em suas costas o fardo das expectativas de todos aqueles que deixou para trás.

A sra. águia era solitária, aproveitava seus dias voando por aí, sem muitas preocupações, sem ter que chegar em algum local exato, apenas se alimentando e descansando, brincava sempre que seu lar era o mundo inteiro. Desde cedo, sempre fora sozinha, assim que aprendeu a voar já mandou-se embora, dessa forma, nunca teve que atender os anseios de ninguém. Por conta disso, decidiu acompanhar a trajetória do bicho cheio de pelos, seguindo em seu caminhar.

O macaco continuava sua trajetória, em seus pensamentos estavam somente as deliciosas bananas que encontraria ao chegar no tão esperado topo de montanha. Estava tão vidrado no seu destino, que não percebia as dezenas de árvores frutíferas pelo caminho que estava passando, com locais aconchegantes e dignos de se permanecer. Mas afinal, ele havia abandonado todo seu bando, renunciou a toda sua zona de conforto para decidir focar somente naquele objetivo, nada mais importava, não havia fruta que o fizesse parar. Passou-se muito tempo, até que o macaco finalmente conseguiu chegar no tão esperado topo da montanha, a dona águia comemorou como se fosse uma vitória própria e decidiu aguardar nas redondezas, esperando observar os próximos passos do distante amigo. Finalmente, o jovem macaco havia encontrado a árvore, e de fato, as bananas eram lindas e muito melhores do que ele havia sequer imaginado. Porém, a êxtase durou poucos dias, em um breve tempo, após se acomodar pelo local, ficou desanimado, sentia um vazio em sua cabeça e coração.

Contudo, a situação do primata só se agravou, tudo bem que as frutas eram maravilhosas, mas, não havia mais sentido para ele continuar a viver daquela forma. A saudade afligia o bichano, sentia falta de seus amigos, do local em que crescera e de todas as outras frutas a qual tinha acesso naquele seu primeiro lar. Entretanto, agora era tarde demais, sabia que ao tentar retornar, não conseguiria chegar em vida no local, não sabia mais o caminho de volta e, se por alguma imensa sorte conseguisse, nada estaria do mesmo jeito que antes.

Então, pela cabeça do sr. macaco passavam pensamentos de como teria sido sua vida, caso não ficasse obcecado em fugir para longe dela. Pelos ares, a dona águia continuava a observar e refletir sobre toda sua existência, sem ter mais a jornada do macaco para acompanhar, ficou desorientada, como se um vazio voltasse a preencher sua vida. Dessa forma, tanto o macaco com um sólido objetivo em mente quanto a águia com um imenso vazio em relação às suas metas, definharam aos poucos no topo daquela montanha.



PEDRO HENRIQUE TENÓRIO ALVARENGA

O ENCONTRO INESPERADO

O sol nasce sobre as colinas de Minas Gerais, pintando o céu com tons de laranja. Sentado na varanda, seu Antônio saboreia seu café, viajando no tempo até a infância no interior. Aos 80 anos, ele recorda um dia marcante: o encontro com uma onça durante uma aventura com amigos.

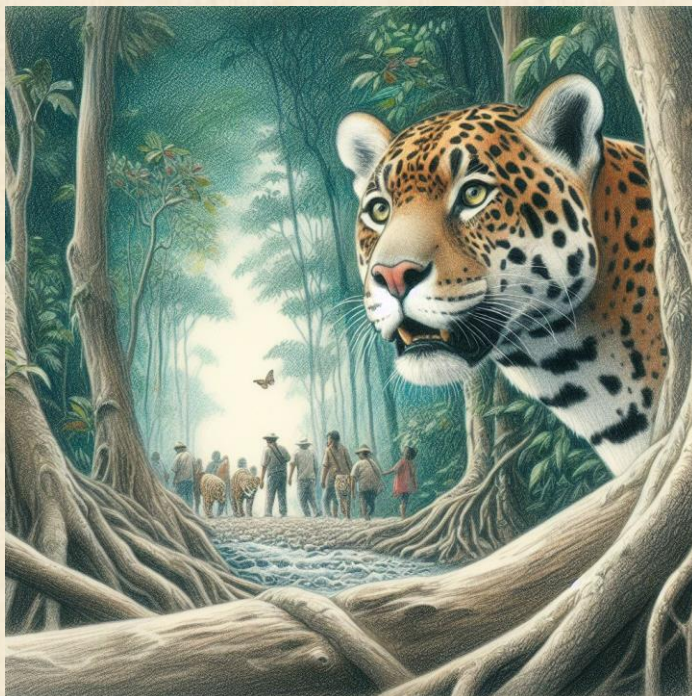
Na cidadezinha de Guaçuí, onde seu Antônio cresceu, a vida era simples. Casas humildes, estradas de terra e gente amigável. Ele volta no tempo, recordando uma tarde de sol quando a curiosidade o levou a explorar uma trilha menos conhecida com amigos. Caminhando entre árvores, o grupo percebeu uma mudança no ar. O canto dos pássaros deu lugar a um silêncio tenso. Pegadas enormes no chão indicavam que algo os observava.

A intuição de Seu Antônio o alertou para a presença iminente de algo selvagem. De repente, uma onça majestosa surgiu. Seu pelo dourado brilhava, e seus olhos amarelos se encontraram com os de seu Antônio. O coração acelerado, mas a experiência no campo o manteve calmo. Seus amigos, menos experientes, entraram em pânico.

A onça, no entanto, não avançou. Ficou ali, curiosa. Seu Antônio pediu aos amigos para recuarem devagar. Mantendo os olhos na onça, o grupo se afastou. A tensão se dissipou quando a onça, graciosamente, desapareceu na mata.

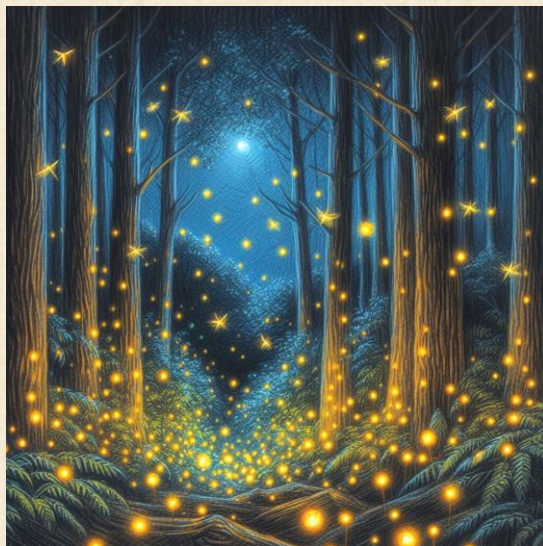
O alívio tomou o grupo quando voltaram à cidade, ansiosos para contar a história aos moradores. O encontro com a onça deixou uma marca em seu Antônio, aumentando seu respeito pela natureza.

De volta ao presente, seu Antônio sorri ao lembrar. Ele se sente grato pela vida, pelas aventuras vividas e pela sabedoria adquirida. Com um suspiro, ele ergue a xícara em um brinde silencioso aos dias passados, às histórias que moldaram sua vida e à beleza eterna do interior de Minas Gerais.



DÉBORA CASSUCE DA COSTA

O CANTO DO VAGALUME



Na penumbra de uma noite estrelada, na pequena vila de Serenidade, vivia uma menina chamada Lúcia. Todas as noites, antes de dormir, sua avó, dona Clara, lhe contava histórias encantadoras que ecoavam na mente da pequena como melodias suaves.

Certa noite, Lúcia estava na casa dos avós. Sem a presença calorosa da avó, sentiu-se inquieta e decidiu explorar os arredores. Ao adentrar o jardim iluminado pela luz da lua, ela avistou um vagalume solitário, cujo brilho parecia pulsar em sintonia com seu coração curioso.

Ao se aproximar, a menina notou que o vagalume produzia um som, um canto suave, como se traduzisse emoções em notas brilhantes. Fascinada, Lúcia decidiu sentar-se ao lado do pequeno inseto luminoso, ávida por desvendar a melodia que ele entoava.

O vagalume, ao perceber a presença amigável da menina, cessou seu canto e começou a contar uma história peculiar. Era a narrativa de uma terra encantada onde os vagalumes desempenhavam um papel mágico na proteção da natureza.

Nessa terra, os vagalumes eram mensageiros da flora e fauna, comunicando-se por meio de suas luzes cintilantes. Cada piscar deles era uma história, uma canção, uma conexão com a natureza ao redor. Contudo, uma ameaça sombria pairava sobre a floresta, colocando em risco a harmonia do ecossistema.

Lúcia, cativada pela história, propôs ao vagalume ajudar na preservação da terra encantada. Juntos, traçaram um plano para sensibilizar os moradores de Serenidade sobre a importância de conservar a natureza e respeitar seus habitantes, grandes e pequenos.

No dia seguinte, Lúcia, munida de seu novo amigo vagalume, começou a compartilhar a história com os moradores da vila. À medida que as luzes dançavam no crepúsculo, as pessoas perceberam a magia que estava ao seu redor, oculta nas sutilezas da natureza.

A mensagem ecoou como um canto de esperança, unindo a comunidade na missão de proteger a terra que compartilhavam. Lúcia e seu amigo vagalume tornaram-se guardiões da natureza, inspirando gerações futuras a viverem em harmonia com o mundo ao seu redor.

E assim, na vila de Serenidade, o canto do vagalume ecoou como uma canção eterna, lembrando a todos que, mesmo na escuridão, a luz da união e do respeito pela natureza brilha intensamente.

YASMIN GALANTE

O GATO DA SORTE

Em uma acolhedora casa em Mangaratiba, no coração de uma exuberante natureza, vivia Jasmin, uma jovem sonhadora e inquieta. Sua vida, até então, transcorria em tons de monotonia, como se estivesse faltando algo. No entanto, tudo estava prestes a mudar.

Um dia, enquanto explorava o quintal de casa, Jasmin deparou-se com um vaso peculiar. Nele, não havia uma planta comum como nos outros, mas um gato planta, com folhas verdes e um ar de mistério. Jasmin olhou ao redor em busca de respostas, afinal de onde aquele ser estranho veio? Lembrou-se das histórias antigas contadas por seus avós e, naquele momento, ela soube que aquela descoberta era especial, uma promessa de sorte e novidade em sua vida.

Jasmin chamou o gato planta de "Verde" e, desde então, sua existência ganhou novas cores e tons alegres. Companheiro de todas as horas, Verde irradiava uma energia positiva que transformava a vida de Jasmin. A monotonia deu lugar à alegria, e a jovem passou a ver o mundo com olhos renovados e esperançosos.

Em meio a essa nova fase, Jasmin encontrou algo ainda mais surpreendente: o amor verdadeiro. Conheceu Elle, uma jovem vibrante e cheia de vida, que compartilhava seu amor pela natureza. Juntas, exploraram os recantos mágicos de Mangaratiba, fortalecendo seu vínculo e enchendo seus dias de felicidade.

Inspirada pelo encanto de Verde, Jasmin decidiu seguir seu coração e se dedicar às ciências ambientais na faculdade. Sua paixão pela natureza a levou a realizar grandes pesquisas, contribuindo para a preservação da biodiversidade da região.

Os anos passaram, e Jasmin e Elle construíram uma vida repleta de realizações. Em meio a esse caminho, uma nova luz surgiu: Aurora, a filha do casal. Desde pequena, Aurora compartilhou a mesma paixão pelos mistérios da natureza e pelo gato planta, que se tornou um membro querido da família.

Aurora cresceu em meio às histórias encantadoras de Verde, aprendendo sobre a importância de cuidar do meio ambiente e daqueles que amamos. Assim, a lenda do gato planta continuou a inspirar gerações naquela casa em Mangaratiba, transformando vidas e espalhando a sorte como um presente duradouro. E assim, a família de Jasmin continuou a florescer, envolta pela magia da natureza e pelo amor que nascera entre as folhas verdes de um gato planta especial.



Ilustração da autora

JOÃO GABRIEL DAVID DA SILVA CARVALHO

AS ANDANÇAS DO QUATI CURIOSO

Era uma vez, numa vasta floresta tropical, um quati chamado Quincas que se destacava por sua curiosidade insaciável. Nas manhãs ensolaradas, ele percorria os caminhos entre as árvores com olhos atentos e focinho ágil. Sua pelagem malhada reluzia sob os raios dourados que se infiltravam entre as folhas. Numa dessas expedições, Quincas descobriu uma trilha diferente, uma senda de mistérios sussurrados pelos ventos da floresta. Seguindo-a, ele se deparou com um cenário encantador, onde as árvores pareciam sussurrar segredos milenares. Envolto pela aura mágica do lugar, Quincas encontrou outros animais da floresta, cada um contando suas próprias histórias. O sapo narrava os dias de chuva que transformavam a floresta num palco de sinfonias únicas. A coruja, sábia guardiã das noites, contava sobre os mistérios ocultos sob a luz da Lua. Até mesmo as formigas, com sua força coletiva, entrelaçavam fábulas sobre a importância da união. Numa clareira, Quincas conheceu a árvore centenária, cujas raízes guardavam memórias de eras passadas. A árvore sussurrou sobre a conexão entre todos os seres vivos e a importância de respeitar a natureza. Esse encontro transformou Quincas, que retornou à sua comunidade compartilhando as histórias encantadoras que ouvira. Assim, o espírito curioso do quati inspirou outros animais a explorarem além de seus domínios, promovendo uma harmonia entre as criaturas da floresta.



BEATRIZ BARROSO NAVARRO

O GATO E O TIGRE

Certa vez, um gato laranja decidiu fugir de casa para viver aventuras mundo afora. Peregrinou tanto, que chegou até uma floresta e lá se estabeleceu como um gato selvagem.

Em um entardecer, o gato estava acordando para a vida noturna até que ouviu um barulho e foi verificar quem estava invadindo o seu território.

— *Quem está aí?*

Os últimos raios de sol alcançavam a serrapilheira quando, detrás de um frondoso carvalho, surgiu um eminente tigre. Imediatamente o gato arrepiou-se e mostrou suas presas, porém estava mais certo de fugir do que de lutar. No entanto, o tigre apenas sentou-se e fitou os olhos do gatinho laranja – amedrontados, mas ferozes. E então, o tigre sorriu.

— *Você não vai me atacar?* – perguntou o gato, espantado.

— *Não.*

— *E por quê?*

— *Porque você, sou eu.*

O gato balançou a cabeça, confuso. Ele se aproximou do tigre, olhou em seus olhos e viu suas imensas presas pela primeira vez.

— *Não há espelhos por aqui, senhor tigre, mas havia onde eu morava. Posso afirmar que nós somos diferentes! Você é gigante e tem listras pretas pelo corpo todo!*

— *Você também pode ser bem grande, dependendo de quem o observa* – disse o tigre, enquanto se aproximava do gato. — *E você também tem listras por todo o corpo, só são mais claras do que as minhas.*

— *Mas... Eu sou um gato doméstico...*

— *Isso é o que você ouviu em uma de suas sete vidas. Siga-me.*



Sem dizer mais qualquer palavra, o tigre recuou para a floresta; o gatinho o acompanhava de perto. Caminharam sob o luar até chegarem à beira de um lago. O tigre parou e observou o seu reflexo no espelho d'água.

— *Não estou entendendo nada disso.* – respondeu o gato. — *Se quer saber, eu acho mesmo é que você andou rolando sobre algum tipo de erva para gatinhos bem grandes.*

O tigre ronronou de uma forma que parecia uma risada.

— *Você também ronrona!*

— *Eu disse. Você, sou eu. Veja.*

O gato se aproximou da água e pulou para trás de tanto espanto. Em seu reflexo, ele viu um tigre enorme no lugar do gatinho laranja de antes. Mas, olhando para seu próprio corpo, ele ainda via suas patinhas fofas.

— *O que significa isso tudo?* – perguntou o gato, com os olhos atentos ao tigre, que agora andava ao seu redor – *Estou tão confuso...*

— *Significa, querida versão de mim mesmo, que você está pronto para despertar.*

O tigre se posicionou à frente do gato e, enquanto o observava, concluiu:

— *Você só precisava enxergar sua grandeza com os seus próprios olhos.* – sorriu, e continuou:

— *Não importa o que digam. Enquanto continuar ronronando para agradar a todos, você será um gato doméstico. Mas, quando aprender a rugir, você se tornará um tigre.*

E, juntos, gato e tigre caminharam para longe da água. Aparentemente não importa o tamanho: não são todos os felinos que gostam de água.



Foto autoral. É o gatinho da autora, o Garfield, que inspirou este conto.



GABRIEL OLIVEIRA MARTINS DOS SANTOS

ROSA

Foi à tarde, sabia? Quando a gente se encontrou pela primeira vez. Tarde, não quero te dizer de noite, mas foi com uma brecha de sol da tarde, um filezinho. Desses que vão embora quando a gente mais tem coisa pra aproveitar. Cê se lembra, hein?, daquelas horas douradas que a gente corria junta? De quando você corria pra pegar uma coisa e trazia pra mim? O céu era de um azul tão lindo, que parecia pintado de lápis lázuli, um azul celestial, mas tão forte, tão forte. Era assim como você, forte. Cê sabe, você não deixava nada, nadinha passar em branco, tudo o que você via, você já logo gritava e vinha correndo pra mim fazendo estardalhaço. Hahahaha. Hum...E naquelas noites quando vinha visita e você se empolgava? Cê se lembra quando pulou em cima da minha tia que tava trazendo uma torta de gelatina, ah aquela mulher não aprende mesmo, né, Rosa. Ela deixou a torta cair e voou pedaço de gelatina a cozinha toda. Xingou Deus e o mundo, aquela mulher, vê se pode, né Rosa. Sabe por que eu te dei esse nome, Rosa? Porque eu sabia que você seria igual à flor. Delicada, elegante, mas ao mesmo tempo com um toque de rebeldia. Que nem os espinhos da flor. Não que você fosse machucar alguém, mas você não gostava de muita intimidade, você sempre foi na sua. Eu até plantei uma rosa no jardim, se lembra? Tenho uma foto de você empolgada cheirando a plantinha vermelha hahaha. Quando você veio aqui pela primeira vez eu lembro que eu estava no auge de tudo. No auge das coisas dando errado, para ser sincera. Eu não conseguia cuidar de mim, e ainda mais como que eu iria cuidar de você? Minha mãe me chamou de louca, mas ela é uma velha senhora de idade, então eu entendo. Mas eu tinha certeza que mesmo naquele tempo mais difícil, eu precisava de você da mesma forma que você precisava de mim. E se eu pudesse eu faria de tudo pra deixar aquele tempo eterno. Mas agora não dá. O tempo passa, as coisas têm que acontecer e você sabe, eu tenho certeza que você sabe, que nada volta mais. Mesmo com tanta coisa diferente acontecendo ao mesmo tempo, eu tinha uma coisa que fazia sempre com você. Eu vinha nessa varanda e sentava nas tardes de sol e ficava vendo esse anel de luz se esconder atrás das montanhas e deixar com que a noite preto-azulada subisse. E eu adorava esse momento, era o momento em que você mais brilhava, sabia? O preto é igual ao seu. Brilhante, forte, misterioso e provocativo. E quando eu chorava no meu quarto sozinha, mesmo tentando esconder de todas as pessoas, você era a única que sabia. Mesmo eu chorando em silêncio, olhava para trás e lá vinha você se juntar a mim. Você nunca me mostrou como sabia disso, acho que seres como você têm um sentido a mais que nós humanos não temos. Vocês têm empatia, coisa que muita gente esquece debaixo da cama quando acorda e vai trabalhar. Seu pelo está tão macio hoje, sabia? E por algum motivo parece que esse sol também está mais quente. Acho que chegamos naquele tempo que mais tínhamos medo, né Rosa. Hmm?... O sol iluminava uma moça sentada em seu banquinho na varanda, e no seu colo acariciava a cadelinha preta, o pelo macio e forte era sedoso e aconchegante, como o fim de um dia e uma noite tranquila para aliviar as tensões cotidianas. O sol iria se pondo pela última vez naquele mês, logo no dia seguinte era o começo de um novo tempo. Foi quando a moça levantou seu olhar ao alto com olhos de cristal e viu uma pequena estrela brilhando fortemente. Foi quando percebeu que uma pequena rosa de suas mãos se tornava uma rosa dos ventos...

GABRIEL GALVÃO DE ALMEIDA

PROTOCOOPERAÇÃO

Em um pântano completamente alagado, onde era possível se ver árvores de raízes enormes saindo da água, em um pequeno pedaço de terra que não estava submerso, era possível observar Roger, um grande crocodilo que vivia sozinho, ele não confiava em ninguém e atacava todo e qualquer animal que se aproximasse dele, até mesmo os da mesma espécie! Por conta de seu comportamento todos passaram a evitá-lo, o que não fazia grande diferença para ele, afinal ele gostava de sossego, achava que ia se machucar ao se envolver com outros animais e preferia descansar nas sombras das árvores em seu pequeno pedaço de terra. Um dia, após obter seu alimento, ele foi descansar como de costume, mas algo não estava certo, ele sentia uma enorme dor nos dentes, aparentemente um pedaço da sua refeição ficou preso entre os seus dentes e então Roger fez de tudo para tirar aquilo sozinho, tentou morder raízes de árvores, comer outras coisas e até ignorar. Porém, a dor que ele sentia ficou tão forte que ele precisou fazer aquilo que ele mais odiava, ele teve que ir até outros animais e pedir ajuda, Roger tentou pedir ajuda a outros crocodilos, porém ninguém queria ficar ao lado de alguém que atacava a própria espécie por um pequeno pedaço de terra, ele não sabia o que fazer, todos que ele podia pedir ajuda ou o odiavam ou tinham medo dele.

Então, cansado e sozinho, ele vai mais uma vez para seu pequeno pedaço de terra, deita-se, porém não consegue descansar, a dor era tanta que ele não conseguia pensar em outra coisa, porém durante o seu sofrimento ele escuta uma voz:

- *Ei, você aí! Você tem alguma comida sobrando? Eu estou morrendo de fome!*

Ele olha de onde vem o som e vê ao seu lado um pássaro bem pequeno, em um dia comum ele teria comido o pássaro sem pensar duas vezes, porém os dentes deles estavam doendo demais para isso, então ele simplesmente perguntou:

- *Quem é você?*

O pássaro então diz que se chama Kevin e é um pássaro-palito.

Kevin percebe a situação do crocodilo e, sem outras opções de obter comida, ele tem uma ideia extremamente perigosa, porém Kevin sempre foi um pássaro corajoso. Então Kevin diz a Roger que pode acabar com a dor de dentes dele, porém que, para isso, o crocodilo não poderia comer ele depois. Roger nunca foi de fazer acordos com outros animais, mas dessa vez ele faria qualquer coisa para parar aquela dor, então aceitou o acordo e abriu a boca. Kevin então, devido ao seu pequeno tamanho, se aproximou do

do Roger e entrou na sua boca, removendo o resto de comida dos dentes do crocodilo e alguns vermes.

Após a dor parar, Roger estava tão agradecido que nem cogitou atacar o pássaro, que estava satisfeito após se alimentar do que estava causando tanto problema ao crocodilo. Foi então que Roger percebeu uma coisa: ficar próximo de outros animais realmente pode acabar machucando-o, entretanto ficar sozinho e evitar contato com todos os animais ia o machucar ainda mais. Desde então, Roger e Kevin se tornaram amigos e aquele pequeno pedaço de terra, começou aos poucos a ser preenchido por mais do que só um grande crocodilo!



DAVI FERREIRA DE OLIVEIRA ESTEVAM

TECENDO MISTÉRIOS: A ESPIRITUALIDADE OFÍDICA

Nos confins das margens do Nilo, erguia-se o templo de Luxor, onde a grandiosidade do Antigo Egito deslumbrava os corações e mentes. Em meio a colunas majestosas, tecidas com hieróglifos contando histórias milenares, habitava Apófis, uma serpente sagrada, envolta em mitos e mistérios. Apófis, o símbolo do caos e da escuridão, era tanto temida quanto reverenciada por sua importância nos rituais e crenças do povo egípcio.

No auge do equinócio de outono, quando os raios dourados do sol dançavam sobre as águas serenas do Nilo, sacerdotes reuniam-se em cerimônias elaboradas para invocar a proteção divina contra as forças do mal personificadas por Apófis. Era uma celebração de esperança e renovação, uma exaltação à luta eterna entre a ordem e o caos, onde as serpentes desempenhavam papéis cruciais.

Em segredo, a princesa Nefertari, fascinada pela sabedoria oculta dos sacerdotes, aventurou-se até as câmaras proibidas do templo em busca de conhecimento. Lá, encontrou registros ancestrais que narravam como as serpentes eram não só guardiãs dos mistérios divinos, mas também curadoras de doenças, detentoras de segredos medicinais. Ela descobriu que as serpentes eram respeitadas como conexões entre os planos terreno e espiritual, capazes de transmitir cura e conhecimento às almas necessitadas.

Nefertari, inspirada por essa revelação, empreendeu uma jornada ousada para estudar as serpentes e aprender suas artes de cura. Com paciência e reverência, ela foi aceita pelo povo serpentino, ganhando seu respeito e confiança. A princesa tornou-se conhecida como uma curandeira habilidosa, capaz de utilizar os conhecimentos das serpentes para aliviar o sofrimento dos enfermos, elevando-as a um novo patamar de importância na sociedade egípcia.

Inspirando uma nova era de compreensão e respeito mútuo entre humanos e esses seres místicos, as serpentes, antes temidas e veneradas apenas por sua natureza sagrada, passaram a ser honradas também por suas contribuições à saúde e ao bem-estar do povo do Nilo, deixando um legado de sabedoria e união entre diferentes mundos.

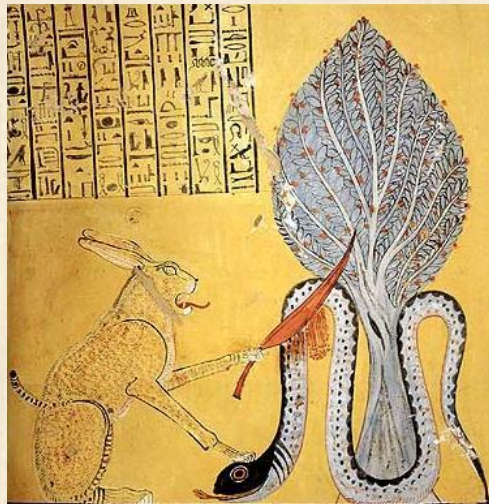


Ilustração do autor

MARIA EDUARDA MENEZES DA CUNHA JULIO

AMIGA DA NATUREZA



Em uma lago límpido e sereno, cercado por uma enorme e exuberante floresta, morava uma tartaruga chamada Joana. Em um dia ensolarado, uma jovem chamada Luiza, uma apaixonada pela natureza, visitou o lago e conheceu Joana. Fascinada por sua tranquilidade e beleza, Luiza começou a visitar o lago com frequência.

Joana, apesar de ser uma tartaruga comum, para Luíza ela era um ser lindo e cativante. E, então, Luiza passou a ficar horas conversando com ela, contando suas histórias e sonhos, enquanto Joana a observava atentamente e parecia a compreender.

Com o tempo, uma amizade linda e verdadeira nasceu entre elas. Luiza encontrava felicidade ao observar Joana, enquanto a tartaruga apreciava a gentileza e a paixão de Luiza pela vida. Suas conversas se tornaram um refúgio para ambos.

À medida que os anos passavam, Luiza crescia, mas a amizade com Joana permanecia inabalável. Ela compartilhava suas conquistas e desafios com ela, e Joana, apesar de sua natureza tranquila, vibrava com a energia e entusiasmo de Luiza.

No entanto, o tempo não era gentil com Joana e sua saúde começou a enfraquecer. Luiza, com um coração pesaroso, percebeu que o ciclo da vida seguia seu curso implacável. Determinada a retribuir o conforto e alegria que Joana lhe proporcionara, Luiza construiu uma pequena ilha no lago, onde ela pudesse desfrutar de seus dias finais com conforto.

Nos últimos dias de Joana, Luiza permaneceu ao seu lado, relembando os momentos compartilhados e a sabedoria silenciosa que Joana lhe oferecera. Com lágrimas nos olhos, Luiza disse adeus à sua amiga leal quando Joana partiu serenamente.

A partir desse momento, Luiza percebeu o valor das conexões verdadeiras e como elas transcendem as barreiras da espécie. Ela guardou no coração a lembrança eterna de Joana, a tartaruga sábia e amiga amorosa que havia mudado sua vida para sempre

NATALIA DIAS SANTOS CRISPIM

A MORTE DA IGNORÂNCIA: O NÃO SABER DESTRÓI HISTÓRIAS

Quando eu tinha 5 anos, isso em meados de 2007, eu e minha família preparávamos as comidas para a Sexta-Feira Santa – dia em que todos comem peixe em memória ao corpo de Cristo e sua morte na cruz. Meu pai foi até a feira do Boiadeiro para comprar um peixe dos pescadores locais, para realizar a comemoração. O Boiadeiro é uma parte da Rocinha onde ocorrem as feiras livres. Quando chegou em casa, eu e meus irmãos vimos o peixe gigante e ficamos surpresos, pois ultrapassava 50 centímetros. Minha mãe foi limpar o peixe e descamar, e, durante a limpeza do peixe, ela nos chamou para ver o que ela tinha encontrado dentro. Um pequeno polvo vivo, o pequeno Astoulfo. Minha mãe deu o polvo para mim, e meu irmão e eu cuidarmos. Colocamos o Astoulfo em uma garrafa pet de 500 ml, enchemos de água e ficávamos observando o polvinho pela garrafa. Eventualmente ele soltava tinta, o que tornava ele invisível no meio da água, tirávamos o Astoulfo, limpávamos a água e colocávamos ele de volta. O problema era que pensávamos que o Astoulfo se alimentava sozinho, apenas vivendo em água, aproximadamente 4 dias depois o pequeno faleceu. Fizemos um funeral e demos descarga no nosso amigo. Quando descobri que polvos se alimentavam, fiquei muito culpada porque simplesmente deixei que o polvinho morresse de fome. Fiquei pior quando soube que soltar tinta é uma forma de defesa e distração, mas mais tarde notei que talvez manter o Astoulfo preso em um aquário também não seria legal. Queria ter sabido mais de zoologia naquela época, para não ter deixado ele morrer.

Mais tarde quando eu já tinha aproximadamente 16 anos, meu irmão (o mesmo que ganhou o polvo comigo) com a namorada compraram o Oswaldo, um patinho, também no Boiadeiro. A Biopirataria rolava solta na favela, então você podia encontrar de tudo. Dessa vez ele sabia como cuidar de um pato, o que preveniria a morte do Oswaldo. O problema era outro, meu gato. Na minha cabeça, se eu apresentasse o Oswaldo para o Garfield, eles se entenderiam, assim como um dia ele se entendeu com a calopsita da minha mãe. Apresentei o pequeno Oswaldo para o Garfield, que tratou o coitado com o maior desdém, deu-lhe duas fungadas e virou o rosto. Pelo menos ele não abocanhou o pequeno patinho. Ele também foi apresentado para a cachorrinha estopinha que ficava na laje, a Mel. E ela ficou horas brincando com ele, pulava para lá e para cá. Tendo as coisas esclarecidas entre os “leões de casa” (os bichos), meu irmão tentou cuidar do Oswaldo dentro do quarto, porque minha mãe não o queria perambulando pela casa e fazendo cocô em tudo. Só que o Oswaldinho evacuava loucamente, quase sem pausa, e meu irmão estava ficando maluco com a situação do quarto e decidiu que faria uma casinha para ele na laje. Eu disse que achava a ideia burra porque passam muitos bichos pela laje, mas ele pontuou que faria uma casa bem fechada com portinhas. Dei ombros e ele fez uma casinha com caixotes de madeira velhos do hortifruti ao lado. Durante a noite sugeri que ele colocasse o Oswaldo em casa devido ao frio, afinal moramos no meio da reserva da Floresta de Tijuca. Ele o trouxe para dentro, mas meu gato odiava dividir o território e quando o patinho chegou na porta do meu quarto, me distrai por um momento e meu gato, cínico como de costume, tentou atacar o Oswaldo. Briguei com o Garfield e ele entrou debaixo da cama do meu quarto. Entretanto, Oswaldo fazendo suas “patanças” (como gosto de chamar os

comportamentos dos patos), fez com que meu irmão colocasse algumas cobertas na casinha e deixasse ele ali mesmo. No dia seguinte encontramos Oswaldo encolhido e morto na casinha, e logo foram atrás do meu gato, que de escapada em escapada subia para laje para ver as estrelas. Defendi meu gato, pois cínico ele era, mas ele tinha juízo! Meu irmão e eu discutimos muito e quando ele foi pegar Oswaldo, viu pequenas manchas de sangue, e conseqüentemente sangue na barba da estopinha. Brigou com ela, como se ela fosse entender, disse que não sabia que cachorros comiam patos. A culpa era dela? Acho que não. Mais uma ignorância zoológica condenou os bichinhos. Depois disso, ele passou a fazer longas pesquisas antes de adquirir outros animais.



NADABY MELO MACHADO

A METAMORFOSE NO ESPELHO DAS ÁGUAS

No coração do vasto Pantanal brasileiro, onde a natureza dança em perfeita harmonia, que uma moça, chamada Jurema, viu sua vida transformar-se numa trama de mistério e encantamento. As lendas do local falavam de criaturas mágicas que se escondiam entre as sombras das águas tranquilas, e Jurema, curiosa e destemida, nunca imaginou que ela mesma se tornaria parte desses contos.

Jurema era uma mulher comum, com olhos que refletiam o azul do céu do Pantanal e cabelos bem pretinhos que dançavam com a brisa suave que percorria as vastas planícies alagadas. Sua vida tranquila mudou numa noite de Lua cheia, enquanto se banhava em um rio, sem aviso, ela se viu envolta por uma corrente de luz etérea que emanava de uma antiga árvore no coração da floresta. Parecia que aquela luz havia ido buscá-la, mas a primeira vista, nada aconteceu.

No dia seguinte, algo havia mudado. Jurema acordou com a sensação de força e agilidade incomuns. Seu corpo parecia pulsar com uma energia selvagem, e ela mal podia acreditar quando se viu diante do espelho. O reflexo que a encarava não era mais o de uma mulher comum, mas sim o de uma majestosa onça-pintada.

No início, o pânico tomou conta de Jurema. Ela se perguntava se estava enlouquecendo ou se aquilo era apenas um sonho realista. Mas, ao explorar a floresta na forma felina, ela descobriu um mundo novo e fascinante. Seus sentidos estavam aguçados, e ela podia sentir cada folha sob as patas, cada cheiro no ar.

Jurema, agora metamorfoseada em onça, passou a vagar pelos recantos secretos do Pantanal. As águas que antes refletiam apenas o azul do céu agora escondiam uma criatura selvagem, parte mulher, parte felina. Ela descobriu uma conexão profunda com a natureza ao seu redor e uma nova forma de se comunicar com os outros habitantes da floresta.

As lendas do Pantanal ganharam vida através dela. Os moradores locais começaram a falar de uma onça pintada que parecia possuir uma sabedoria incomum, como se carregasse consigo os segredos ancestrais da floresta. Jurema, a mulher que se transformou em onça, tornou-se uma figura mítica, uma guardiã dos mistérios do Pantanal.

Às vezes, nas noites de lua cheia, os moradores podiam vê-la à distância, caminhando silenciosamente pelas margens dos rios, sua pelagem reluzindo sob a luz prateada. Ela não era mais apenas Jurema; era uma parte assustadora e indissociável da teia mágica que envolvia o Pantanal.

Com o tempo, a mulher que se tornou onça passou a desempenhar um papel único e vital no ecossistema do Pantanal. Sua presença, antes encarada com temor, transformou-se em um símbolo de proteção e equilíbrio para a região. Os moradores, que inicialmente ficaram intrigados e cautelosos, começaram a perceber as mudanças positivas em seu entorno desde o surgimento da onça.

Jurema tornou-se a guardiã do Pantanal, zelando pela harmonia entre a fauna e a flora. Sua sabedoria, misteriosa como a própria floresta, era compartilhada sutilmente com os habitantes locais, que aprenderam a respeitar os limites da natureza. Ela se tornou um elo entre os dois mundos, o humano e o selvagem, ajudando a manter o delicado equilíbrio que sustenta a riqueza biológica da região.

Nas noites silenciosas do Pantanal, os moradores costumavam se reunir para ouvir histórias sobre a guardiã Jurema. Sua presença não apenas trouxe um encanto mágico à região, mas também despertou um profundo respeito pela natureza. Assim, Jurema continuou a vagar pelas margens dos rios, uma figura enigmática e essencial para a preservação da exuberante biodiversidade que o Pantanal abriga.



YASMMIN DA SILVA LESSA

ONDE VAMOS PARAR?

Numa floresta onde as árvores dançavam ao canto dos pássaros, vivia Peto - um picapau – e sua família. Diferente de seus irmãos, Peto não buscava insetos nas árvores para se alimentar, seu verdadeiro talento era esculpir desenhos nos troncos das árvores.

Ao longo dos anos, Peto se tornou tão bom que sua habilidade não era mais comum, ele contava a história da floresta através de seus desenhos. Todos elogiavam sua arte, era o que o fazia feliz.

Mas quanto mais o tempo passava, mais Peto crescia e via o rumo que seu lar estava tomando. As flores não tinham mais tanta cor, os pássaros já não cantavam mais, haviam homens destruindo o local, árvores começando a sumir, seus vizinhos não tinham mais onde morar. E o pobre do Peto se viu sem rumo em meio a devastação em que se encontrava.

Ele queria proteger sua família, seu lar e seus amigos. Foi quando Peto decidiu então, em meio das poucas árvores e um pouco de esperança que estavam restando, usar seu dom para conscientizar as pessoas a cuidarem da floresta. Criou então, esculturas mostrando sua atual realidade, suplicando por ajuda.

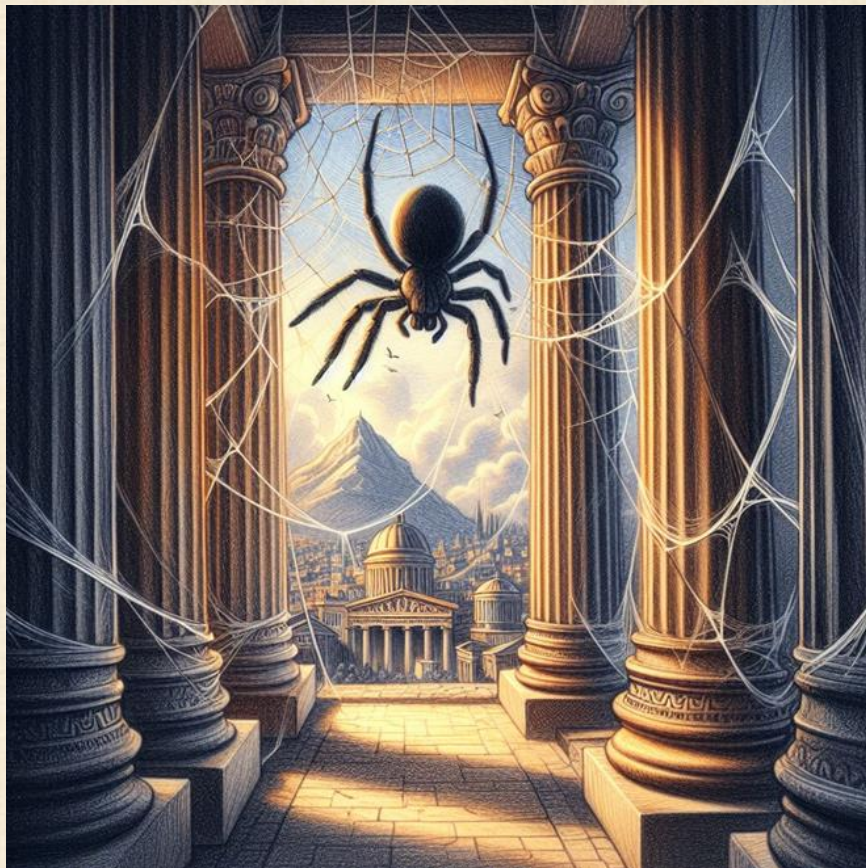
Corações foram tocados, Peto foi ouvido, árvores foram replantadas, alguns de seus amigos voltaram para a floresta, havia mais cor, mais felicidades, mas ainda não era o suficiente para mudar suas vidas. Peto via que o problema estava muito além, sendo até mesmo, talvez, irreversível. Decepcionado, choramingava:

- *Onde vamos parar?*



MATHEUS FABIANO SANTOS

ARACNE, A TECELÃ



De acordo com a mitologia grega, Aracne, uma jovem tecelã de Lídia, em uma região da Ásia Menor chamada Meônia. Seu trabalho em tecer lã era tão impecável que a deixou conhecida por toda Meônia como a melhor tecelã viva, capaz de desafiar até os deuses.

Deuses esses que davam aos mortais habilidades e dons incríveis, habilidades que frequentemente subiam a cabeça de tais mortais, que se gabavam de seus próprios feitos. Assim aconteceu com Aracne, ela era uma seguidora de Atena, deusa que presidia as artes e trabalhos manuais, dentre esses, a tecelagem. Aracne, dominada pela vaidade, se deixou levar e querendo provar sua superioridade afirmou que conseguiria fazer trabalhos tão bons e até melhores que o da deusa Atena.

Ao saber de sua arrogância, a própria Atena foi até Aracne disfarçada de uma anciã e então contatou a tecelã, dizendo que ela poderia buscar qualquer fama entre os mortais, mas não deveria desafiar a deusa e reconhecer sua posição, Aracne, cheia de si, além de zombar da anciã reafirmou seu desejo de desafiar a deusa Atena, a convidando para uma competição de tecer. Ao ouvir isso, Atena imediatamente se revelou e todos que estavam no ambiente se puseram para reverenciá-la, com exceção de Aracne, que permaneceu imóvel e impassível no mesmo local. Então, Atena desafiou Aracne a provar que seria capaz de derrotá-la, assim, as duas começaram a competição.

Atena começou tecendo a cidade de Atenas cercada por ela e outros deuses sentados em seus tronos, no meio da cidade, a oliveira que ela havia criado em meio a sua disputa com Poseidon. Juntamente retratou Niké, a deusa da Vitória, e como forma de ameaçar Aracne, bordou nos quatro cantos da tela cenas do que ocorreu com mortais que ousaram desafiá-la e nos animais que eles acabaram transformados. Para finalizar, a deusa teceu uma grinalda de folhas de oliveira, que até os dias de hoje é considerado um símbolo da paz.

Aracne, com confiança, começou seu trabalho e buscou retratar o maior de todos os deuses, Zeus, por seus feitos e conquistas amorosas. Então a perfeita tecelã foi tecendo cenas em que ele apareceu disfarçado ou sob a forma de animais, primeiramente Zeus sob a forma de um touro, arrebatando a deusa Europa; em seguida sob a forma de uma águia, abordando a deusa Astéria; sob a forma de um cisne, conquistando a deusa Leda; Zeus fazendo-se passar por Anfitríon para seduzir Alcmena, mãe de Hércules; e, ainda, Zeus conquistando Egina, Deméter e Danae, disfarçado, respectivamente, de chama, serpente e chuva de ouro; e, para finalizar, concluiu a obra tecendo uma linda imagem de Hera dentre flores entrelaçadas.

Tão perfeita foi a obra de Aracne que Atena se encheu de fúria por não ser capaz de encontrar nela uma mínima falha, a tecelagem estava perfeita em todos os aspectos. Então, irritada, Atena destruiu com um único golpe a obra perfeita de Aracne e a golpeou na cabeça. Em completa tristeza e desespero por ter perdido sua obra, Aracne então se enforcou com os fios que anteriormente usava para tecer. Atena, ao saber o que sua raiva havia provocado, compadeceu-se de Aracne e transformou os fios que ela usou para se enforcar em uma teia, em seguida, derramou fluidos retirados da deusa Hecate e transformou Aracne em uma aranha, a salvando da morte. Condenada a ficar viva em sua teia, na forma de uma aranha, as perfeitas obras de Aracne continuariam a viver e não se perderiam para sempre no mundo.



THAIS BARBOSA

O MENINO E A LAGARTIXA

Esta história acontece na Região dos Lagos, no Rio de Janeiro. Onde uma família de classe média vive com seu filho, Felipe, um menino forte, bonito, cheio de energia e criatividade, e uma paixão imensurável por animais. Os pais de Felipe eram um casal de senhores que já não tinham tanta energia para acompanhar as aventuras e peripécias do filho, então, com isso, Felipe sempre buscava a companhia de dois irmãos que moravam próximo à sua casa para poder passar o seu dia e brincar.

Os três amigos eram muito unidos e todas as suas tarefas, brincadeiras, deveres e obrigações eram realizadas de forma conjunta, essa amizade jamais teve seu elo quebrado mesmo ao passar do anos, com as novas descobertas e interesses eles sempre encontravam algum interesse em comum para se fazer ou ter a companhia um dos outros. Felipe era um menino muito astuto e gostava de surpreender seus amigos com brincadeiras fora do comum, suas brincadeiras envolviam sempre algum tipo de desafio, aventura e animais. E por muitas vezes seus amigos não compartilhavam dessa desenvoltura com os animais e até apresentavam uma resistência ao chegar perto.

Porém em uma noite os três amigos se reuniram para fazer uma noite de cinema e guloseimas na casa de Felipe, eles se organizaram para preparar lanche, sobremesa, pipoca e doces para acompanhar com o acampamento na sala de TV para assistir filmes de comédia. A noite de filme foi muito divertida mas ao chegar de manhã eles se deparam com a presença de uma lagartixa próximo à cama improvisada que eles tinham organizado. Os dois irmãos instintivamente começaram a enxotar a lagartixa para longe da sala com a intenção de se livrar dela e manter aquela lagartixa o mais longe possível deles. O Felipe ao acordar e ver aquela cena rapidamente quis intervir na situação e, ao invés de afastar a lagartixa, quis protegê-la e dar algo para que a mesma pudesse se alimentar.

A lagartixa rapidamente foi acolhida por Felipe que, após longas conversas e momentos de observação do animal junto de seus amigos, fez com que eles também criassem um senso de proteção e um olhar humanizado para a lagartixa, que foi alimentada, cuidada e mantida em uma caixa de sapato durante o período noturno para não perdê-la. E os dias foram passando e esse cuidado foi entendido de Felipe para seus amigos que começaram a ter a lagartixa como um animal de estimação. E com o passar dos dias eles devolveram a lagartixa de volta para à natureza.

Após aquele episódio, toda lagartixa que eles encontravam eles cuidavam e alimentavam por um tempo e devolviam para a mata ao lado da casa de Felipe ou dos irmãos, esses atos de cuidados com as lagartixas virou um símbolo para a amizade deles, onde sempre que encontrassem uma eles tinham mais um motivo para se reunir e ficarem juntos. E após uns anos, quando Felipe iria iniciar o ensino médio a família do Felipe voltou a morar na capital do Rio de Janeiro em busca de melhores escolas, fazendo com que os três amigos se afastassem.

O dia a dia não era mais compartilhado por eles mas em períodos de férias escolares eles sempre estavam juntos. Mas, apesar da distância, dos rumos da vida adulta, das obrigações, dos boletos e tudo que gira a vida atualmente, sempre que um dos três amigos se esbarra com uma lagartixa, ele relembra todos aqueles momentos de

Cuidados. Todos relembram a união deles e de como a infância é boa e feliz, que aquela amizade foi e é importante na vida deles.



RYAN KEVIN REIS DOS SANTOS

OS ESQUILOS MÁGICOS: A UNIÃO DOS PODERES NA FLORESTA

Em uma floresta distante, habitada por uma comunidade de esquilos dotados de habilidades especiais, havia um constante temor de serem caçados por criaturas noturnas que se escondiam nas sombras. Esses esquilos possuíam o poder da invisibilidade por curtos períodos de tempo, habilidade essa que lhes permitia escapar de perigos iminentes da floresta.

Certo dia, os pequenos mamíferos decidiram se reunir em uma assembleia para discutir e resolver o problema que os atormentava. Depois de muitas conversas e ideias descartadas, um jovem esquilo revelou para todos que nasceu dotado de um poder único de comunicação telepática e poderia ajudar os demais irmãos, propondo uma solução brilhante: usar suas habilidades para alertar os demais sempre que as criaturas perigosas da floresta se aproximassem pelas sombras. Todos então concordaram que a ideia era promissora e precisava ser colocada em prática.

Um esquilo mais velho e sábio, conhecido por sua capacidade de prever acontecimentos futuros teve uma visão a partir desse momento e soube de algo que atrapalhava todos os planos dos pequenos esquilos: as criaturas noturnas também eram dotadas de poderes especiais e possuíam uma capacidade de rastreamento excepcional que neutralizava a invisibilidade dos esquilos.

O silêncio dominou a reunião, e os esquilos perceberam a seriedade do desafio. A solução aparentemente perfeita tornou-se inviável diante da habilidade das criaturas em superar o poder de invisibilidade dos esquilos.

Foi então que surgiu mais um esquilo jovem e audaz, com o dom da manipulação dos elementos naturais e sugeriu que usassem a habilidade de controlar a flora ao seu redor para criar um labirinto de cipós e galhos que confundiria os rastros das criaturas, desviando-as do caminho dos esquilos.

A proposta, embora desafiadora, recebeu a aprovação dos outros esquilos. Com a coragem e determinação do esquilo habilidoso, eles conseguiram manipular as plantas, criando um emaranhado intrincado que levou as criaturas a se perderem e desistirem de persegui-los.

Assim, os esquilos aprenderam que cada um deles possuía habilidades únicas que, quando combinadas e usadas com coragem, podiam resolver desafios aparentemente insolúveis. A compreensão de que seus poderes individuais poderiam ser potencializados através da colaboração trouxe uma nova perspectiva para enfrentar os desafios que a floresta poderia apresentar.



ARTHUR HENRIQUE DA SILVA AMÊNDOLA

O PEQUENO MOCHILEIRO DAS FLORESTAS

Na periferia de uma pedra, banhada nas margens de um pequeno riacho, vivia um pequeno e recluso caracol. Seu único prazer era contar histórias de bravura para seus primos, onde ele era o aventureiro, embora sua vivência nunca tivesse ido além das fronteiras de seu lar.

Suas histórias imaginárias alimentavam-se de sonhos reprimidos, existindo apenas em palavras. Porém, ele havia se cansado de viver uma vida imaginária e não tinha mais histórias para contar, nem algo para sonhar.

Em uma noite seca e estrelada, a monotonia foi interrompida pelo encontro com uma borboleta iridescente, cujas asas reluziam em um arco-íris em meio à folhagem. Fascinado por sua beleza, o caracol buscou a borboleta, que o encorajou a ir atrás de suas próprias aventuras em vez de contar histórias inventadas. Até mesmo disse que sua concha espiralada era como uma mochila de aventureiro. Antes de partir, a borboleta o fez prometer que se encontraria com ela novamente, para contar alguma história verdadeira.

Movido pela vontade de reencontrar-se com ela, o caracol partiu em viagem para a mata do sul, pois ouviu boatos de uma borboleta com asas de arco-íris por lá, contados por seu amigo grilo. Enquanto cruzava a estrada, enfrentou perigos inesperados: o ataque de um sapo faminto em meio a uma perseguição de carros desenfreados. Ele lutou, escapou ileso e testemunhou uma cobra o ajudar a se salvar do sapo, mesmo que sem querer. Após mais alguns dias de viagem, fez novas amizades no caminho, como um casal de efeméridas, que o ensinaram sobre o amor efêmero e o fizeram acreditar que ele estava sendo movido por paixão. Mais à frente da jornada, conheceu um besouro-hércules acompanhado de outros besouros menores, superou obstáculos e aprendeu a força da união. Os besouros, então, decidiram ajudá-lo a chegar à mata do sul o mais rápido possível.



Quando ele chegou à mata do sul, encontrou-se com a borboleta. Contudo, surpreendeu-se ao perceber que sua busca por ela na verdade representava a busca por suas experiências pessoais e ensinamentos aprendidos na caminhada. Ela, intencionalmente, o inspirou a viver suas próprias histórias e o fez compreender que ele não estava apaixonado por ela, e sim pela sensação de liberdade. A iridescência da borboleta era um chamado para a vida. E antes que o caracol pudesse voltar para a casa, a borboleta prometeu que ficaria sabendo de suas próximas aventuras e que ele poderia voltar sempre que quisesse para contar suas histórias.

O caracol voltou para a casa são e salvo. Se reuniu com sua mochila, seus primos, seu amigo grilo e seus novos amigos besouros em uma pequena fogueira, em uma noite úmida e estrelada. Ele contou sobre suas histórias, de como se sentiu corajoso, pela primeira vez na vida, ao enfrentar um sapo em uma estrada, de como aprendeu sobre o amor ao conhecer um relacionamento efêmero e sobre como aprendeu que a maior força está presente na união. Mas, mais que tudo isso, ele aprendeu que a maior beleza do mundo é a liberdade.



Ilustração feita pelo autor, com uso de IA

FERNANDA DA SILVA PEREIRA

O CONTO DO PÁSSARO SOLITÁRIO



Era uma manhã serena, e na pequena cidade onde o tempo parecia passar devagar, um pássaro solitário chamado *Elysia* despertava a curiosidade dos moradores. *Elysia* era diferente dos outros pássaros, pois suas asas eram tingidas em tons de amarelo e laranja, como se carregassem consigo os raios do sol. *Elysia* vive nos arredores da cidade, em uma árvore alta que oferece uma vista privilegiada do horizonte.

Todos os dias, ela voava alto, mergulhando nas correntes de ar como se estivesse dançando com o vento. Seus voos eram um espetáculo, um balé aéreo que encantava a todos que a observavam. Curiosamente, o pássaro solitário sempre escolheu o mesmo ponto de partida para suas jornadas diárias. Um velho celeiro abandonado, agora coberto de trepadeiras e sombras de memórias passadas. Intrigados com o comportamento peculiar de *Elysia*, os moradores vieram a perguntar qual seria o significado daquele local para ela. Em uma manhã ensolarada, um garotinho decidiu seguir *Elysia* em sua jornada. Munido de um binóculos e uma determinação infantil, ele esperava pacientemente perto do celeiro enquanto o pássaro se preparava para mais uma viagem. *Elysia*, percebendo a presença curiosa do menino, lançou um olhar profundo que pareceu comunicar uma mensagem. Sem hesitar, ela voou em direção ao garoto, que sentiu uma brisa suave em seu rosto quando as asas coloridas passaram por ele. O moleque ficou encantado e *Elysia* pousou suavemente em seu ombro. Juntos, eles voaram pelo céu, explorando os arredores da cidade e além. O jovem garoto descobriu a liberdade de voar, enquanto *Elysia* compartilhava a beleza dos vários lugares que ela havia conhecido. Ao final do dia, *Elysia* pousou de volta no velho celeiro, e o garoto agradeceu ao pássaro por proporcionar-lhe uma experiência tão incrível. O pássaro solitário olhou para a criança com ternura, como se dissesse que a verdadeira liberdade não está apenas em voar alto, mas em compartilhar esse voo com aqueles que acreditam na magia das asas. *Elysia*, tornou-se uma história contada de geração em geração naquela cidade, lembrando a todos que a beleza e a magia muitas vezes se encontram onde menos esperamos, na simplicidade de um voo compartilhado.

BRENNO DOS SANTOS GONÇALVES

A REVOLUÇÃO VERDE...

Em um futuro distante, aproximadamente 100.000 anos após o final do século 21, a cor verde das florestas estava praticamente extinta e em seu lugar reinava o cinza das grandes “selvas de pedras”. Os resquícios de vegetação, juntamente com os últimos animais selvagens que restaram e um ar puro de verdade, estavam em locais nomeados como “bolhas”, sendo essas de acesso restrito aos indivíduos de alto poder econômico. As bolhas ficavam isoladas das gigas metrópoles, que são genuínas selvas de pedras onde só se observava o tom cinza do cimento, poluição e desigualdade. Nessa época, os humanos que residiam nas gigas metrópoles, em meio à pobreza, já haviam esquecido completamente como era ter uma ligação com a natureza, já que para muitos o tom verde das florestas e os animais selvagens não passavam de uma obra de ficção.

Em meio a todo esse caos instaurado no planeta, nasce a nossa heroína, uma garota de origem humilde que, logo em sua infância, descobriu que possui algumas habilidades que a diferenciam dos demais indivíduos. Por volta dos seus 12 anos, ela percebeu que conseguia se comunicar com algumas baratas e, com o passar do tempo, a sua habilidade de comunicação foi se aprimorando. Assim, quando chegou à fase jovem, nossa heroína já conseguia se comunicar com outros animais que restaram no meio das gigas metrópoles e, de certa forma, conseguia controlá-los.

Por ser curiosa, a nossa heroína, nas horas vagas, explorava regiões com construções abandonadas das antigas gerações. Esses lugares ficavam quase que isolados, já que, na maior parte, essas zonas eram utilizadas para despejo de resíduos. Mas para ela esse detalhe não seria um problema, já que com seus poderes conseguia obter a ajuda de roedores e insetos que eram encontrados nesses locais. Em um dia qualquer de exploração, em meio às pilhas de sujeira, com a ajuda dos seus amigos roedores, ela encontra algo que se parece com um livro. Ao olhar para o livro, descobre que o mesmo foi escrito em uma época em que ocorria a construção das primeiras bolhas, isso despertou uma curiosidade nela, que imediatamente pegou o livro e foi correndo para casa.



Ao chegar em casa, ela folheou o livro e ficou fascinada com o que seria a natureza, os relatos e descrições do livro se pareciam como algo mágico, de outro mundo. Mas isso tudo a levou a uma dúvida: será que as bolhas ainda existem no mundo atual? Para isso, tentou a comunicação com as moscas, os pássaros eram raros nesse futuro, para que descobrissem se as bolhas são reais ou meramente imaginárias.

Após alguns dias, veio a confirmação, as bolhas existiam, mas eram restritas aos ricos. Essa descoberta deixou nossa heroína furiosa, afinal por que só os ricos? Por que todos não têm acesso? A partir disso, ela planejou a revolução verde.

Nossa heroína foi até a bolha localizada pelas moscas e, ao chegar no local, ficou maravilhada com tamanha beleza, era como mágica ver aqueles diversos bichos e plantas. Com tanta emoção e felicidade expressa, ela acaba descobrindo que seu poder é maior do que ela imaginava, além da comunicação e do controle de animais, ela poderia controlar o crescimento de plantas e até mesmo se transformar em animais. Sem pensar muito, ela se transformou em uma águia e voou o mais rápido possível em direção ao centro da metrópole, onde lá convocou os animais da bolha e gerou, a partir de um toque, o brotamento de inúmeras plantas.

Os cidadãos, ao se depararem com a cena, ficaram espantados, mas de maneira rápida, esse sentimento se dissipou, trazendo um sentimento de paz em seu lugar, ao notarem que esse mundo era bem melhor com a presença de variados bichos e árvores. Com isso, a população se uniu a nossa heroína, ajudando a levar esse novo meio ambiente para as outras metrópoles, assim retirando o monótono cinza das selvas de pedra e trazendo as belas cores de um meio ambiente natural.

Mas, afinal... Qual é o nome da nossa heroína?



LUIZA MONTEIRO RODRIGUES

O CORVO E O SEGREDO DAS ESTRELAS



Numa floresta encantada, onde a noite era mágica e cheia de mistérios, vivia um corvo solitário chamado Nero. Suas penas negras como a noite destacavam-se contra o brilho das estrelas e seus olhos brilhavam com uma inteligência única. Nero tinha uma paixão especial pelo céu noturno, onde cada estrela parecia carregar consigo um segredo.

Certa noite, enquanto voava pelos céus estrelados, Nero avistou algo incomum: uma estrela cadente chamada Stella. Seu brilho era suave e acolhedor, diferente de todas as outras. Intrigado, Nero decidiu segui-la e assim começou uma jornada cheia de descobertas.

Ao alcançar Stella, Nero percebeu que ela estava ferida, suas luzes enfraquecendo. Com compaixão, ofereceu sua ajuda. Stella explicou que precisava encontrar um lugar especial para se recuperar e renovar sua luz. Confiantes, embarcaram juntos em uma jornada até a Árvore dos Desejos, um local mágico na floresta onde as estrelas podiam encontrar cura.

Durante a jornada, Nero e Stella compartilharam histórias e risadas, criando um laço especial. O corvo descobriu que, mesmo amando sua solidão, a companhia da estrela tornava sua vida mais rica e significativa. No caminho, encontraram outros habitantes da floresta, como a sábia coruja Ondula e o esquilo ágil Tico. Juntos, formaram uma equipe improvável para desvendar um mistério maior: a tristeza que pairava sobre a floresta e enfraquecia as estrelas.

Ao chegarem ao Ancião das Estrelas, uma antiga árvore mágica, descobriram que a tristeza na floresta afetava não apenas Stella, mas todas as estrelas. Determinados a restaurar a alegria, Nero, Stella, Ondula e Tico organizaram eventos alegres, compartilharam histórias inspiradoras e ajudaram os habitantes da floresta a superar seus desafios.

À medida que a floresta se iluminava com risadas e solidariedade, as estrelas começaram a recuperar sua resplandecência. Nero percebeu que a verdadeira magia estava na capacidade de espalhar bondade e esperança.

No final de sua jornada, Stella, agora radiante, agradeceu a Nero por trazê-la de volta à vida. O corvo, por sua vez, abraçou a estrela e se despediu, pois Stella precisava voltar aos céus.

Stella se elevou no céu, espalhando luz e magia por onde passava. Nero, agora mais sábio e cheio de lembranças, voltou para sua floresta, sabendo que a verdadeira riqueza da vida estava nas conexões que fazemos e nos sacrifícios que fazemos pelos outros.

E, assim, a história de Nero, Stella, Ondula e Tico tornou-se uma lenda na floresta, lembrando a todos que a amizade, a compaixão e a esperança podem iluminar até mesmo as noites mais escuras.

ANA PAULA DE ALMEIDA BARBOSA

FÉ, RECOMEÇOS E SEUS SINAIS

Não tinha sido um dia fácil para Nalu. E ainda era segunda-feira. Mas valeu pela semana inteira! No restaurante onde trabalhava, precisou fazer muito de tudo, como anotar os pedidos dos clientes, servir e limpar as mesas, auxiliar o novo funcionário atrapalhado que, por sua vez, derrubou na escada uma bandeja com variados copos de suco, o que tomou um silêncio mortal no salão. É algo mais frequente do que se imagina, mas nunca deixa de ser torturante. E, como todos os dias, de alguma forma o fim do expediente finalmente chega. Tão nova e tão cheia de nó na cabeça, precisava sentir o ar fresco em seu rosto mais do que nunca para espairecer. Era seu primeiro emprego, determinada para que fosse algo temporário para ganhar uma renda e dedicar-se ao seu maior sonho: se tornar uma grande escritora, ao mesmo tempo que precisava ajudar em casa para trazer conforto à sua família. Distraída, reparou que estava em um lugar que nunca havia pisado antes. Tão sereno e, ao olhar para frente, se deparou com uma árvore enorme, cheia de galhos entrelaçados com folhas que pareciam cristais e, curiosamente, se assemelhava a uma galáxia. Era realmente muito bonita. Hipnotizada por sua beleza e transmissão de paz, aproximou-se devagar, sentindo a majestosidade da árvore. Impulsionou-se a tocar, até que ouviu um barulho. *Ah, deve ser apenas uma pomba*, disse Nalu ao virar-se em direção ao som. Em uma nova tentativa, sentiu uma movimentação atrás de si. Paralisou. Para ela, haviam passadas horas naquela posição, mas haviam sido apenas alguns minutos até que começou a se virar lentamente. Só podia ser um sonho – ou um pesadelo?

– *Existe muita coragem em você, menina. Mas, ainda assim, deveria pedir licença antes de tocar a Mãe.* – disse uma voz aveludada, na escuridão, cujos olhos dourados brilhavam ao longe.

– *De...desculpe. Senti uma vibração forte, por um instante, que não consegui controlar o dedo!* – tagarelou – *O que é você?* – Curiosa, Nalu continuou a procurar a voz pela escuridão.

– *De fato, menina. A Mãe tem esse poder, mas é preciso respeitar. Sou o guardião da Mãe, Yawaraeté.* – saltou uma jaguatirica, imponente. – *Parece perdida, Analua.*

A menina começou a pensar que estava alucinando, ou então haviam sabotado a comida dela, pois realmente havia um felino que sabia seu nome falando com ela. Simplesmente aceitou que esse tipo de vivência só acontece uma vez na vida – se acontecer. Então, viveu. – *Sabe, Yawaraeté, isso é esquisito. Mas sim, parece que sou mais uma humana perdida nesse mundo, me segurando na única coisa que importa para mim: meu amor pelas histórias. Seja ouvir ou escrever ou vivenciar, é o que me faz feliz.* – a menina respirou fundo – *E infelizmente não tenho tido tempo de praticar nada disso por toda turbulência do cotidiano, me fazendo sentir tão vazia presa a rotina... Parece que não saio do lugar.*

Os olhos da jaguatirica brilharam como ouro, em contraste com as folhas esverdeadas como malaquita da árvore Mãe, e quase imediatamente, a menina sentiu calma em sua mente e coração. *Como é possível?!*

– *Tenho sentido algo parecido com frequência em vocês, humanos: a urgência de realização dos desejos mais banais aos mais profundos. É preciso enxergar a beleza dos pequenos passos para alcançar seus objetivos, é preciso entender a magnitude e força que cada um de vocês possui para chegar no topo. É essa a essência da satisfação, da humildade e do amor. É preciso respeitar seus processos, por menores e demorados que sejam. Não se cobre e nem se culpe tanto, Analua, se abrace.*

Ao longo de seu conselho inesperado, a escuridão se tornou uma luz tão forte que levou Analua a fechar seus olhos. Como se tivesse sido teletransportada, despertou rapidamente. Se viu apoiada no pé de graviola da casa de sua avó, Valquíria, onde deve ter tirado um cochilo. Talvez tenha sido só um sonho, um aviso, mas a fez recuperar sua força para superar os próximos dias.



Ilustração da autora

VITOR MORAES DE ANDRADE MATRÍCULA

A BUSCA PELA HARMONIA NA FLORESTA AMEAÇADA

Em um recanto escondido da Mata Atlântica, a vida pulsava em perfeita harmonia. No entanto, uma sombra se espalhava lentamente pela floresta. Os riachos, antes límpidos e cristalinos, tornaram-se turvos e contaminados. O clamor silencioso da natureza ecoava entre as árvores, enquanto os animais se agitavam diante da crescente ameaça. Juba, o leão-da-montanha venerado por sua sabedoria, convocou os guardiões da floresta: Maya, a jaguatirica corajosa; Zé, o preguiça de olhos gentis; Ravi, o macaco astuto; e Lara, a arara de plumagem vibrante. Determinados a descobrir a origem da perturbação, os guardiões empreenderam uma jornada repleta de desafios. Enfrentaram áreas desmatadas, rios poluídos e trilhas obstruídas por detritos humanos. No caminho, cruzaram com a impotência do jacaré-açu, guardião dos pântanos, e com a tristeza do macuco, guardião das clareiras verdejantes. A cada passo, os guardiões testemunhavam os danos causados pelas ações humanas. A poluição se alastrava, envenenando a essência da floresta e minando sua vitalidade. A conexão entre os guardiões se fortalecia à medida que testemunhavam a destruição ao seu redor. Guiados pela liderança de Juba e pela perspicácia de Ravi, os guardiões descobriram a fonte da contaminação: uma usina clandestina despejava resíduos tóxicos no rio, causando estragos na floresta. Determinados a restaurar a harmonia, os guardiões uniram suas habilidades. Lara ecoou melodias de cura, Zé trouxe plantas purificadoras, Ravi usou sua astúcia para neutralizar os resíduos e Maya protegeu a equipe dos perigos. Numa batalha árdua, a usina foi desativada e os resíduos foram contidos antes de causar mais estragos. Com a fonte da poluição neutralizada, a floresta começou a se recuperar. Os riachos recuperaram sua transparência, e a vida voltou a pulsar na natureza. Com a missão cumprida, os guardiões retornaram à sua comunidade, agora mais conscientes do impacto das ações humanas na natureza. Sua jornada se tornou um testemunho da urgência em proteger a natureza e restaurar a harmonia entre os reinos animal e humano. E assim, os guardiões da floresta tornaram-se defensores da natureza, lutando para preservar a beleza e a vida na floresta ameaçada pela interferência humana.



HANNA MENDES**DESMISTIFICAR E PRESERVAR: O PARADOXO DO GAMBÁ**

Gambás, incríveis criaturas noturnas.
Com suas pelagens e olhos brilhantes
Sob a lua vagueiam sem preocupações
Inimigos do medo, tão elegantes.

Mas quão cruéis julgamos seu nome
Eles que tão pouco a nós ofertam
Muitos da espécie são condenados
Por ignorância, o mundo os afasta.

São “pragas urbanas”, as bocas dizem
Porém só se adaptaram à vida urbana
Em consequência das nossas próprias ações
Na selva de concreto que os abriga e humilha
Seguem mal interpretados.

Ah, gambás! Seres sem voz, vítimas de estereótipos cruéis
Como o vilão numa história sem contexto
Condenados por visões superficiais.

Olhem além das aparências
Nos gambás, há um encanto e importância oculta
De essência livre, sem aparências
Ajudam a humanidade, dispersando sementes
Controlando pragas e diminuindo a disseminação de doenças
E não, esses seres não oferecem riscos aos homens.

Então, despertemos em nós a compaixão
Respeitemos toda forma de vida
Que a poesia abra os olhos do coração e
E mostre aos gambás sua merecida estima.

Pois a beleza está onde menos se espera
Nos mistérios da noite escura
Gambás, símbolos de perseverança, ensinam-nos a olhar com ternura.

Que nossa crítica se transforme em admiração
E o medo se renda à sabedoria
Para que todos, gambás e humanos possam viver em perfeita harmonia
Viva a vida silvestre!



CLARA NATHALIE MELO PITANGA**O CONTO DA BORBOLETA**

A borboleta vivia feliz a voar
Entre árvores, flores e aromas para explorar;
Por onde a borboleta passeava
Eram áreas de abundância que ela indicava;
Devido à grande variedade de cores e sabores,
Eram os lugares com as mais belas flores.
Um certo dia um bando de humanos chegou
E toda vegetação por ali devastou;
A borboleta que vivia feliz a voar,
Não tinha mais sua abundante natureza para morar.
A floresta virou uma monocultura,
E a borboleta morreu desidratada de tanta secura.



CAIO CÉSAR DE ALCANTARA DURANS RAMOS**NATUREZA, UM VALOR ANCESTRAL INESTIMÁVEL**

O que mais posso pensar a não ser em meus Ancestrais?
Em tudo que fizeram, seus valores, ah principalmente seus valores...
Força, Resistência, Culturas, Arte, são tantas coisas!
Seu prezo e zelo pela natureza, sua representatividade com garra e coragem
Lutam como um leão todo dia a fim de manter viva essa chama
Lutam como um búfalo para que o mais precioso nunca se perca, história
Suas medicinas, seus Orixás, suas musicalidades.
Precisa-se ser tão astuto quanto um gavião
Tão rasteiro quanto uma cobra
Tão forte quanto um elefante
Resiliente quanto um peixe
Para fazer com que haja respeito! E acima de tudo perseverança
Pois é uma luta que está longe de acabar, mas com seus valores vivos,
somos capazes de tudo
Não é mais sobre resistir, é sobre existir.



ADRIANA RODRIGUES**O JABUTI**

Devagar... devagarinho
Lá vai o jabuti
Pelo longo caminho

Devagar... devagarinho
Vai em busca de carinho

Devagar... devagarinho
Não encontra companhia

Devagar...devagarinho
Vai em busca de comida
Come tudo o que vê
Acaba com o jardim
Nesta fome sem fim

Seu casco duro
Parece armadura
A chuva cai
O sol esquenta
O jabuti aguenta

Devagar... devagarinho
Sem pressa a vida passa
Enquanto o jabuti faz centenário
Vamos para outro cenário
E na outra dimensão vemos
O tranquilo jabuti
Devagar... devagarinho...



YASMIM PEREIRA DOS SANTOS FRANCISCO**CONHECIDA DAS ÁGUAS**

Na borda do rio, onde o sol se deita,
Uma sucureli desliza, soberana perfeita.
Sua “pele” reluz, uma esmeralda a brilhar,
No balanço das águas, os rios a saudar.

Sem veneno nas presas, mas um olhar profundo,
A sucureli desliza, soberana, no mundo.
Entre verdes diferentes, a sucureli se camufla,
Na dança das águas, onde a vida tumultua.

Cobra das águas, em sua monarquia encantada,
Conta histórias silenciosas, segredos a serem revelados.
Seu corpo veloz, mistério que fascina,
Nas águas limpas, a sucureli domina.

Em colo curvilíneo, como um rio que abraça,
A sucureli desliza, serena, na praça.
Guardiã das águas, no leito a espreitar,
Um poema vivo no Brasil a encantar.

Sob o céu estrelado, ela serpenteia,
Um poema nas águas, que a mãe terra anseia.
Sem veneno, mas com poder de destruir,
A sucureli, a poesia viva, a nos seduzir.



ANDRÉA MARIA DA SILVA**O IMPORTANTE É CUIDAR**

Na paisagem calma e serena,
O sol dança, brisa amena.
Casco e carinho a se entrelaçar,
Tartaruga, jabuti, cágado, a criança a admirar.
"Olá, tartarugas!", grita contente,
Sem distinção, só alegremente.
Na mente da criança, todos têm seu lugar,
Cada qual com seu jeito de se aventurar.
Tartaruga nos mares, dança nas correntezas,
Jabuti em terra, explorando devagar as redondezas.
Cágado entre rios e margens, a se movimentar,
Três habitats distintos, com a evolução, souberam se adaptar.
No mosaico da natureza, a vida se revela
Diferença é riqueza, quanto mais, mais bela.
Tartaruga, jabuti, cágado, na dança da diversidade,
Cada um com suas características, mas também com similaridade.
Ao fim do dia, quando o sol se esconde,
A criança, sorridente, responde:
"Tartaruga, meu amigo, água ou chão,
É sempre uma alegria te encontrar nesse mundão."
Assim, na terra calma e serena,
O sol e a brisa, testemunhas da cena.
Tartaruga, jabuti, cágado, podemos diferenciar,
Mas se quiser chamar de 'tartaruga', não tem problema, o importante é cuidar.



TAIS FONSECA DE REZENDE POMPEU**JOGO DO BICHO**

Bicho, insisto!
Tem que ser tratado melhor do que gente.
Melhor que ar condicionado em dia de calor...
Melhor até que sua avó ou seu avô.

O porquê disso, vou explicar:
Bicho respeita a natureza
(sem alguém ter que ensinar)

Pro animal “racional”
Faltou raciocinar
Quantos bichos afinal
são responsáveis pelo planeta queimar?

besta, fera, alimária, animal, animalejo, animália, asno, bichano,
bicho-de-pé, burro, cupim, inseto, piolho, térmita, traça, verme

Apenas alguns sinônimos de bicho
Não tinha como ser mais precário
Ah... acabei de lembrar
A quantidade de peixes em aquários

Sobre animais são inúmeros documentários
Nunca assisti...
Mas, no jogo do bicho,
Melhor apostar no galo.



MARCOS PAULO DE SOUZA CARVALHO**TERRÁRIO**

No vidro, o miúdo lagarto espreita,
Preso em seu minúsculo mundo.

O terrário é sua prisão,
Enquanto o homem lá fora,
Senta e descansa.

Come, assiste TV, trabalha
O lagarto, com pele escamosa,
anseia por liberdade.

Sonha com o vento lá fora,
Com a grama sob suas patas,
Mas o vidro, seu inimigo, é implacável.

Assim, o lagarto permanece,
Observando o mundo através do vidro,
Enquanto o dono constrói o seu próprio.

Talvez um dia, por acaso ou sorte,
O vidro se quebre, a porta se abra,
E o lagarto fuja para o desconhecido.

Até lá, ele espera e observa,
O lagarto no terrário, espectador silencioso,
Acompanhando o seu humano além do vidro.

VINÍCIUS VELOSO LEAL

A PEÇA

Na trama da existência, o homem e o animal vivente,
São atores em uma peça, onde o respeito é presente.
Igualdade pulsa em cada ser consciente,
Na vastidão da vida, um elo persistente.

No olhar do cão, a lealdade existente,
Ao elefante, símbolo da solidariedade persistente.
Os humanos e os animais, são parceiros da vida
Onde a harmonia deve ser infinita.

Não importa a forma, a pele ou o grunhir,
Cada ser merece seu direito a existir.
O sapo, o macaco, o peixe a nadar,
Juntos na jornada, onde todos estamos a trilhar.

Que a compaixão floresça como uma semente,
Entre humanos e animais, uma relação benevolente.
No palco da vida, todos atores na mesma cena,
Igualdade é um *script* que a vale à pena.



Ilustração enviada pelo autor

THAINÁ OLIVEIRA**LAMENTO SILENCIOSO DA FLORESTA**

Nas florestas verdes, onde a vida dança
O desmatamento tece sua triste lança
Árvores tombam, como sonhos partem
E a fauna silenciosa em seus lares se despede

O rugir do machado ecoa na mata
Onde aves coloridas outrora dançavam
Os majestosos felinos, reis da selva
Veem seus domínios desvaneceram

Em folhas caídas, sussurra o lamento
Dos que perderam seu lar, seu sustento
Macacos saltitantes, nas copas a brincar
Agora procura abrigo, sem se encontrar

Os riachos, outrora puros e límpidos
Sangram a tristeza de ecossistemas feridos
Ecoa na floresta um apelo silencioso
Por um mundo onde o verde esteja sempre presente e glorioso



ALEXSANDER DA SILVA CARNEIRO LOPES**O SILÊNCIO DO OUTONO**

Antecedendo o sol, eu ouvi um som,
Era a cigarra anunciando o verão.
No calor do sol, suas asas vibram,
Cantos que ecoam, melodias que rimam.

Entre as folhas da árvore, ela se põe a dançar,
Junto as suas notas efêmeras no ar.
No azul do céu, seu som ecoa,
Sinfonia aguda, em alto e bom som,
Canta a cigarra na nova estação.

Ao entardecer, ela começa a tocar,
Uma nova melodia que viaja no ar.
Cigarra alegre que vive a voar,
Procurando um palco para cantar.

A cada nota, uma nova lição,
De aproveitar essa bela estação.
Mas o outono chega, seu espetáculo se desfaz,
A cigarra silencia em paz.



GUILHERME PINTO E MENDES**DANÇA DA SERPENTE**

Pelos matizes da mata, serpente desliza
Na dança do verde, vida que eterniza
Rotulamos de cobras, num juízo falho
Esquecemos que são livres, no próprio atalho

Entre as folhas, que sussurram segredos
Caminham serpentes, livres de medo
Na pele, o mistério, na língua, a verdade
Mas é o julgamento que tece a maldade

Chamamos de répteis, como se culpa fosse
Ignoramos a liberdade que neles repousa
Na floresta, são livres, sem grilhões
Enquanto nós, humanos, tecemos ilusões

Oh, serpentes da terra, na selva a rastejar
Na trama da vida, sabem se guiar
Julgamos sem entender, na ignorância humana
Esquecendo que a liberdade é a verdadeira grana

No vai e vem das escamas, a serpente dança
Livre na selva, sem o temer da lança
Julgamos na natureza, sem compreender
Que a vida em liberdade é o verdadeiro viver

Na trilha sinuosa, onde o sol se deita
Cobras e humanos, a vida os aceita
Que aprendamos com elas, na selva da existência
Que viver livre é a mais pura essência



GABRIELA PORTO DOS SANTOS RANGEL

O ENCANTO DE UMA FUTURA BIÓLOGA



Quando eu crescer quero ser uma grande bióloga
 Quero descobrir novas espécies e me encantar com a natureza
 O entusiasmo me toca ao pensar nos diversos grupos que existem no reino animal
 Na minha opinião a Zoologia é a área mais legal

Falando dos vertebrados, temos alguns grupos: mamíferos, anfíbios, répteis, aves e peixes
 E não para por aí, ainda tem os invertebrados, mas esses eu não vou falar muito
 Pois é tanta diversidade que podemos nos perder e esquecer de alguém, que vexame seria
 Mas eu não posso me cobrar muito, pois ainda não sou a grande bióloga que quero ser

Mas voltando a falar dos animais que é o que realmente chama a atenção aqui
 Vou começar pelos anfíbios que são os meus preferidos
 Esse grupo é repleto de queridos
 Temos anuros, salamandras e cobras-cegas, com fases de vida aquática e terrestre
 Possuem pele úmida e são animais ectotérmicos, palavra difícil de dizer
 Machos da ordem Anura tem o costume de cantar como forma de paquerar, por assim dizer

As aves têm um corpo coberto por penas, um bico e duas patas para andar
 Como é lindo ver elas batendo as asas para voar
 E como não falar dos mamíferos, que como as aves são animais endotérmicos
 Mas são diferentes por terem o corpo coberto por pelos e a presença de glândulas mamárias.

Agora vamos aos peixes que gostam de nadar
 Graças à bexiga natatória que os ajuda na flutuabilidade pelo mar
 Possuem um corpo coberto por escamas e algumas nadadeiras na bagagem

Por último, mas não menos importante, têm os répteis
 Squamata, Testudine e Crocodylia, eita quanta gente
 São conhecidos por terem “sangue frio”, além de serem amniotas e alguns curtirem rastejar
 Agora já posso finalizar, tenho que correr pois preciso estudar
 Afinal, uma grande bióloga eu quero me tornar.

ROBSON DOS SANTOS COSTA JUNIOR**BORBOLETA E MARIPOSA**

Na luz do dia, a borboleta dança com toda sua esperança
Asas vibrantes, um arco-íris de segurança.
Cores que pintam o céu com alegria e bonança.

Mas quando a noite se estende em seu véu,
A bruxa emerge, em mistério cruel.
Sob a Lua, suas asas escuras dançam
No breu, o encanto avança.

Rivais celestes, cada qual em seu turno,
Borboleta no dia, mariposa no noturno.
Juntas são versos de um poema divino,
Dia e noite dançam em um só destino.



Foto do autor

BRENO FERNANDES PEREIRA**BEM-TE-VI VIVER**

Eu bem-te-vi
Voando por aqui
Cantando acolá
Existindo por ali
Mas quem diria que um dia
A sua música cessaria
Se por outrora você existia
Trazendo alegria para a minha vida
A quem diria que sua risada parecia com a minha
A minha alegria de te ver depois de muito um tempo voltaria
Pois saberia que sua presença em um bem-te-vi se manifestaria.



ROBERTA PERES TENÓRIO**A SINFONIA DOS PORCOS DE NEGÓCIOS**

Nas planícies do mercado a galopar,
Porcos de negócios a prosperar.
Buscam lucro, o alvo é ampliar,
No balanço, o capital a acumular.
Raízes profundas, como o trato,
No solo financeiro, fazem seu pacto.
Ganhos e perdas, jogo exato,
Na dança do mercado, o porco é abstrato.
Mas lembre-se, amigo, no compasso do tempo,
O porco capitalista enfrenta seu momento.
Pois a ganância desenfreada, no seu intento,
Pode levar a um destino que não é isento.



EMANUELLE PERRUT DA SILVA BRAGA**CARCARÁ: SERTÃO EM CANTO**

Carcará, carcará até quando mal de ti vão falar
Não percebem que você quer só se alimentar
Símbolo de força a nos desafiar
Nem mesmo a dor pode te domar

No ar do nosso Nordeste a voar
Os olhos que a ti desprezam
Dos céus ansiosos esperam
Pelo menos um breve garoar

Enquanto o povo sente a dor que a seca traz
Sobre o chão da caatinga estás
Segue sua trilha sem se afalcoar
Pois a chuva vem sem se avexar

Carcará, guardião do sertão, teu grito faz ecoar
Tuas asas resistência podem significar
Tua busca incessante em esperança dar
Podes também aluvião anunciar



CLARA CARPEGIANI DE FIGUEIREDO**A REVOLTA DAS GRAÇAS**

Nas sombras frias de Ação de Graças,
Onde o luar dançava sobre as casas,
Um tumulto surgiu, um pesar sinistro,
Os perus espreitavam, um destino sombrio.

Penosas criaturas, antes tão serenas,
Cobertas por raiva, já tinham a sentença,
Garras afiadas, olhos brilhantes,
A vila estremece, perante a horda marchante.

Rancores antigos, na flora inocente,
Desencadearam a fúria, a revolta iminente,
Penas que eram graças, agora armas letais,
A noite tenebrosa, miras propositais.

Gorgolejos noturnos, coro arrepiante,
A vila em pânico, líder sábio adiante,
Lâmpadas acesas, rifles em punho,
Batalha começou, entre plumas e entulho.

Conhecimento científico, arma do líder,
Tentando paz, mas a fúria persiste,
Perus imunes, ancestral vingança,
A vila desolada, sob a pena da lança.

Ao amanhecer, silêncio pesado,
Colônia derrotada, vila devastada,
Perus recuam, segredo sombrio,
A noite de Ação de Graças.



CARLA DA GLORIA VALENÇA TRAVASSOS**LOBO: POESIA NA NATUREZA**

No vasto reino da natureza, onde o Sol beija a Terra
O lobo uiva na noite uma canção que a Lua encerra
Seu pelo prateado, como a luz a brilhar
Nas florestas escuras a noite vai dominar

Na dança das estrelas ele encontra o seu caminho
Patas ágeis e olhos que brilham sozinhos
Guardião das sombras, mistério em seu olhar
O lobo é uma poesia selvagem que vem pra nos encantar

No crepúsculo dourado ele vem surgindo da penumbra
Correndo livre pela vastidão que lhe deslumbra
Entre árvores altas e riachos a correr
O lobo, símbolo da liberdade a florescer

Seu uivo ecoa como um cântico ancestral
Contando histórias da natureza, imortal
Na solidão da noite ele encontra a comunhão
Com a Lua, as estrelas, em perfeita canção

Oh, lobo selvagem, na escuridão a dançar
Tu és a beleza que a natureza faz brotar
Neste poema longo, celebro tua majestade
Guardião das florestas, na eternidade,



RAFAELA SCARDINI DE OLIVEIRA**A BORBOLETA E A CAPIVARA**

Num bosque sereno, capivara e borboleta,
Dançavam juntas, uma cena completa.
Com pelos suaves, a capivara robusta,
E as asas leves, a borboleta justa.

Pelos caminhos, traçavam um laço,
Entre a terra e o céu, num doce abraço.
A capivara, calma e companheira,
A borboleta, leve, alegre mensageira.

Juntas enfrentaram tempestades mil,
Com amizade sólida, firme e sutil.
Na floresta, em risos e em segredos,
Criaram laços mais fortes que enredos.

Capivara e borboleta, amizade rara,
Unidas na dança, na vida a bailar.
No soneto da floresta, uma canção,
De amizade eterna, em doce união.



GABRIELE FALCÃO GOMES MARINHO**DANÇA DAS ABELHAS**

Num jardim colorido de flores e aromas
Aparecem seres trabalhadores que encantam
Com suas asas vibrantes e listras charmosas
As abelhas se destacam

Numa dança perfeita, cruzam o horizonte,
Procurando a flor mais doce, além da sua beleza
E com pólen grudado em seu corpinho peludo,
Polinizam as plantas com leveza

Do néctar adocicado, fabricam o mel,
Da cor dourada, é o ouro mais puro
Não apenas como alimento, mas um remédio natural,
Cura até feridas, um presente pro futuro

Ah, abelhas tão importantes,
Sem vocês a natureza não seria nada
Fazem um trabalho gigantesco
Contribuem para a biodiversidade e são super determinadas

Mas infelizmente, enfrentam desafios na sua jornada,
Pesticidas, desmatamento, ameaças dos humanos
Precisamos protegê-las
Preservar as abelhas é adiar o fim do mundo

Abelhas, símbolo da vida
Que possamos aprender com vocês e sair da fase vermelha
Talvez um dia seremos mais amigos
E pra finalizar, nunca mate uma abelha

MAYARA GONÇALVES AIRES**HUMANO**

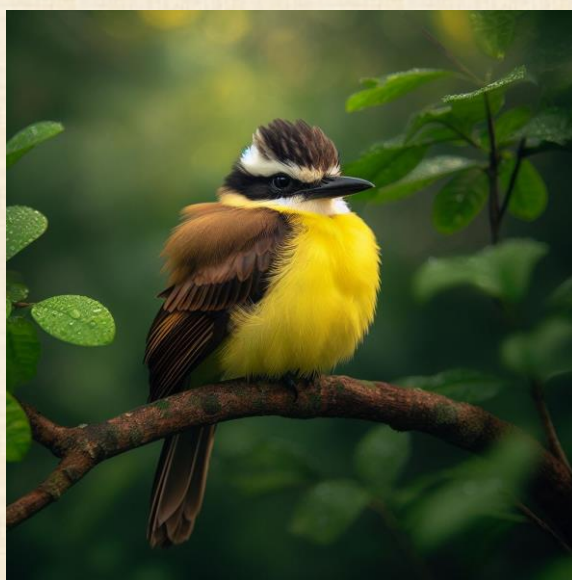
Me sinto serpente no mundo
Andando sozinho
Me escondendo de tudo
Ando pelas matas a procura de algo
Tentando escapar da maldade humana
Passando despercebido
As vezes sinto falta de um coletivo
Do calor de estar junto
Mas de pouco preciso para me convencer a voltar
Estar sozinho pode ser triste
Mas me mantém em segurança
Protegido do que me combate



Foto autoral

FABIANA BARBOSA DA SILVA**CHIQUINHO, A VOAR E SONHAR**

No jardim da vida um bem-te-vi caído
Chiquinho, nome dado, destino tecido
Dia de São Francisco, em fé abençoado
Em braços humanos, calor encontrado
Ninho de afeto, cresceu a cantar
Entre risos e sonhos, em um doce lar
Os olhos brilham, refletem a luz
Da caixinha mágica, o fascínio seduz
Chiquinho, o bem-te-vi, agora em cena
Entre o real e a ficção a vida plena
Chiquinho alçou voos, pelo céu a dançar
Na trilha dos sonhos, a vida a desvendar
Na liberdade dos ares, entre folhas e vento
Chiquinho explorava, sentimentos intensos
Em ramos distantes, horizontes a buscar
Chiquinho, o peregrino, a voar e sonhar
No coração da família, memórias a florescer
Seu canto bonito, para nunca esquecer.



IA

IZADORA MACHADO

DANÇA DO SAÍRA-SETE-CORES

Nos ventos do sudeste,
Suas cores de tonalidade ímpar saíam
enfeitando as matas atlânticas

Passa,
Repassa,

Transpassando beleza pra quem vê.

Em tupi, TANGARÁ
é seu nome,
porque onde passa, dança.



Foto de Renato Augusto Martins - https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sa%C3%ADra-sete-cores_-_Tangara_seledon.jpg

Gabriel da Silva Garcia**ASAS DA VIDA**

Ah, o gavião
Quanto mais alto sonhava, mais longe do chão
Longe do ninho, sozinho
Mas de asas abertas para a imaginação.

Viver a vida a pairar pelos ares
Sobre terras, mares,
Animais ímpares, buscando por seus pares.

O incrível dom de ver o mundo
Por uma outra perspectiva
Sentir, em voo, sua alma viva
Sensações muito além dessa narrativa.

Real, cauré, mateiro e canção
Sem distinção, nem extinção
De longo alcance, visão
Com alta percepção, percebe a ação de suas presas
E as agarra, com suas garras... com a mesma vontade...
De voar para longe, a se libertar de suas amarras.

Ah, o gavião
Quanto maior o sonho, mais longe do chão
Hoje mesmo, vi um na janela
Ainda sozinho,
Mas agora, a caminho do ninho
Para contar esta história a uma nova geração.



GABRIEL FERREIRA DE FARIA**METAMORFOSEANDO**

As asas do meu pensar,
Me fazem ser quem eu sou;
Me ensinam a voar,
Assim como a borboleta conquista seu voo.
Assim é o nosso caminho,
Um caminho repleto de esplendor;
Apesar dos espinhos,
Aprendemos com amor.
Uma longa jornada,
Uma metamorfose guiada,
Assim é o mistério da lagarta criar asas.
Em nossas jornadas,
Buscamos o amor;
Se metamorfoseando na dor,
Para, assim, conquistá-la!

Ilustração enviada pelo autor



(pexels.com)

LÍVIA COSTA DE MELO**METAMORFOSE AMBULANTE**

Na brisa leve dança uma quimera,
Asas de cores, uma borboleta altaneira.
Um raio de sol acaricia seu voo,
Céus de jardins são seu doce alvoroço.

Do casulo ao esplendor em transformação,
Metamorfose, obra de pura emoção.
Pintura viva em campos de luz,
A borboleta, do sonho é a tradução.

Oh, criatura etérea, bailarina do ar,
Pousa nas flores, a se deslumbrar.
Traz consigo o encanto da aurora,
Uma fábula viva, de asas que namoram.

E nas cores que traz no seu manto,
Reflete o arco-íris em cada encanto.
Poema alado, mensagem celeste,
Borboleta, musa que voa e se veste.

Ah, efêmera dama, breve e formosa,
Teço versos leves em tua prosa.
No jardim da vida, és símbolo de arte,
Borboleta, voa, és poesia em toda parte.



JULIANA RICCIOPPO LESSA**PRETO**

Olhos de ouro
Pelo cor da noite
A história de um gato preto
Que lhe conto hoje.

Não um gato comum
Ele é sobrenatural
Livre como ar,
Ele cria vendaval.

Compreende de tudo
Já é mais velho
O que não entende
É a maldade que o persegue.

Dizem que gato preto
É amaldiçoado
Mas como?
Se ele semeia amor para todo lado.

Prefere andar sozinho
Desde novinho
Mas se chegar de mansinho
Ele se mostra carinhoso
Seu coração não é mesquinho.

Magrinho, franzino
As ruas o fez sofrido
Se tivesse recebido amor e carinho
Teria mais ouro
Na retina do felino.



DAIANA DOMINGOS DA COSTA**LOUVA-A-DEUS**

Sou o louva-a-deus que estava numa vida de caminhada, na busca da vida perfeita.

Sempre destemido e corajoso nas minhas aventuras.

Corria, perseguia e lutava meu pseudônimo aventureiro.

Mas foi numa linda tarde que meu destino foi traçado, arrancado e estilhaçado pelo inimaginável limbo que se colocou no meu caminho.

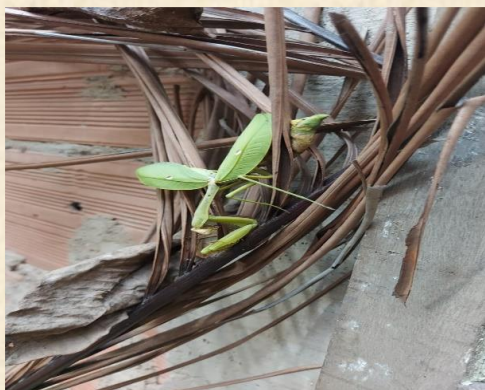
Como aventureiro já conheci muitas crenças ao meu respeito. Já fui um famoso rezador, curandeiro, adivinhador e até super-herói eu fui.

Fiz de tudo um pouco, mas agora que penso, sinto que deixei de fazer o mais importante...

Esse fio de pensamento me chega agora que o calor já não é perceptível e sim o frio que me impede de sentir todos os meus tágmas.

Oh realidade, como pode um herói morrer dessa forma: preso e sem poder se desprender.

Agora no meu último suspiro reflito como eu fui despreocupado e deixei escapar o que realmente importava, pois a morte não bate na porta.



CLARA KELLEN DA SILVA MARTINS**ENCANTADORA GIRAFA**

No alto da savana, esplêndida e bela,
Ergue-se majestosa a girafa singela.
Seu pescoço estica até o céu tocar,
Com olhos curiosos, querendo explorar.

Manchas e listras adornam sua pele,
Elegância em altura, encanta a todos
Passeia altaneira pela terra vasta,
Símbolo de graça, imponente que contrasta.

Enquanto alcança folhas no topo da árvore,
Sua presença encanta, é uma visão de glória.
Com passos graciosos na planície ampla,
A girafa, rainha, em sua essência, brilha e encanta.



Foto enviada pela autora.

Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/ea/1c/52/ea1c526f46561dfb5443320a22e18268.jpg>

LETÍCIA NEGREIROS LIMA

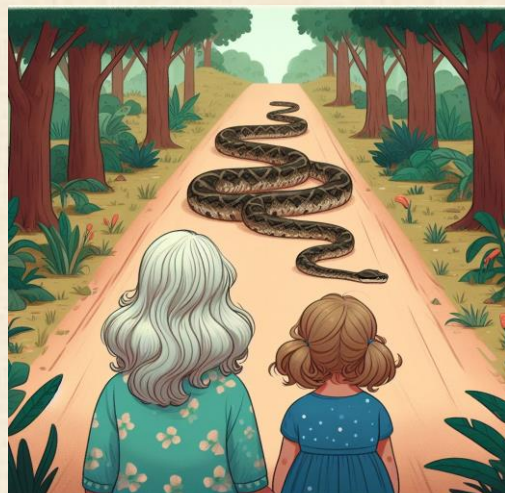
ENTRE MITOS E FAZENDAS: A JORNA DA JIBOIA

A minha forma de contar esse caso real que aconteceu quando eu era pequena e morava com a minha avó em uma fazenda, foi na forma de poema. Aproveitei e criei duas ilustrações diferentes, uma no estilo mais clássico, e outra no estilo de jogo *Stardew Valley*.

Numa fazenda onde o tempo dança,
Com minha avó, a vida era bonança.
Caminhamos na manhã serena,
Pela estrada do hotel, cena à cena.

De repente, um suspiro na estrada,
Uma jiboia, majestosa, enrolada.
Seu corpo, um mistério sem fim,
Cabeça escondida, cauda além do jardim.

Minha avó, sábia contadora de histórias,
Teceu o encanto com suas memórias.
Disse que o destino, misterioso trilhar,
Depois que a jiboia, caminho cruzar.



Paradas, expectantes, meu olhar na serpente,
Acreditando na lenda, crença inocente.
A espera se estende, o sol a brilhar,
Enquanto a jiboia devagar a rastejar.

Horas passaram, como o sol no céu,
A jiboia, lenta, como um doce mel.
Imaginando festins em sua barriga,
Esperamos, acreditando na antiga liga.

Mas o tempo é senhor, e o mito se desfaz,
A jiboia, na estrada, seu próprio compasso traz.
Rimos, encantadas, da fábula que criamos,
Na fazenda das histórias, onde sonhos plantamos.

CARLA ALESSANDRA SANTOS DA SILVA



Desabafos de um animal

Dei a vocês, um dos primeiros alimentos doces já provados pela humanidade, sou inclusa em diversos relatos bíblicos.

Sou citada no Antigo Testamento e citam meu produto como sinônimo de abundância.

Sou a abelha e o meu produto é o mel, sempre tive importâncias significativas ao redor da história e hj em dia algumas espécies minhas começaram a entrar em risco e outras em extinção, percebo que fui usada e não valorizada.

GIOVANNA BARCELO EVANGELISTA

A CRIAÇÃO

No princípio Deus criou
os céus e a terra

Fez o mar dançar e as
partes secas surgirem

Ordenou, encham-se as
águas de seres vivos,
voem as aves sobre a
terra

Assim, manifestaram-se
os incríveis animais

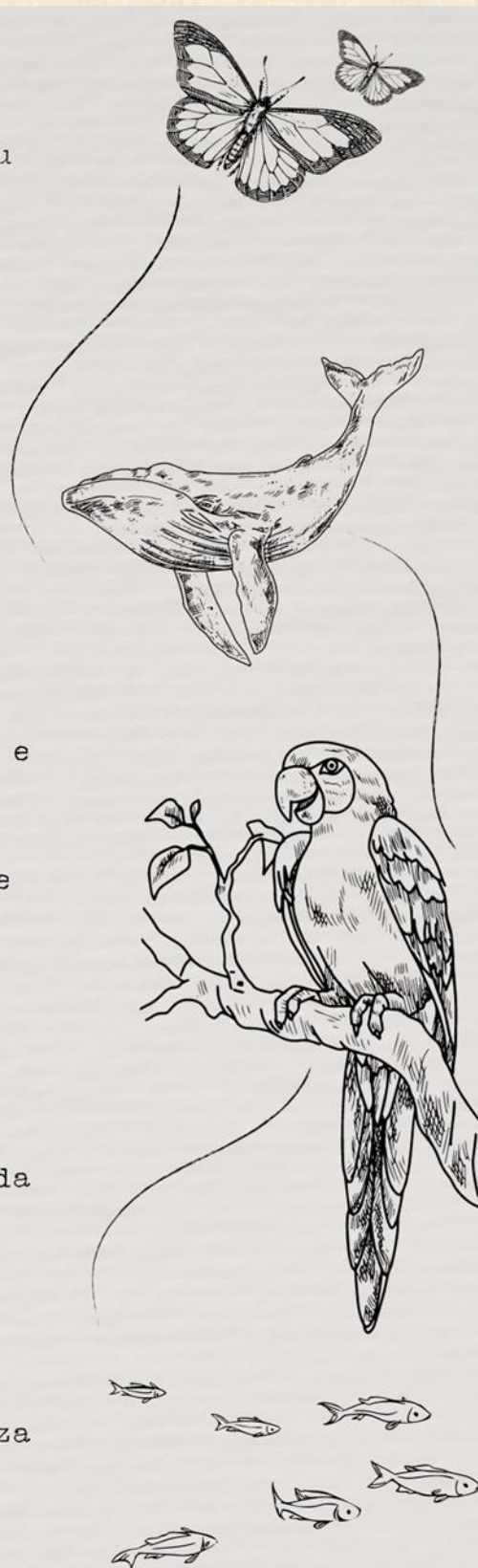
Deus viu que ficou bom e
abençoou

A grande biodiversidade
se multiplicou

Olhe as belugas,
borboletas, baleias e
bisões

Todos esculpidos em cada
detalhe pelo Rei das
nações

No último dia Deus
descansou, após se
alegrar de toda natureza
criada



ANA BEATRIZ PIRES ARCANJO

A TRISTE SINFONIA DA VIDA SELVAGEM

No bosque, a vida dança em harmonia
onde os animais em sua sinfonia
com patas ágeis e plumas no ar
são criaturas diversas a nos encantar.

Na floresta extensa, o lobo a uivar
sob o luar, seu cântico a ecoar
guardião da noite, selvagem e leal
entre sombras seu mistério a desvendar.

O voo gracioso da águia a planar
nas alturas, livre, a se deslumbrar
símbolo de força, majestade no céu
um ser alado, de nobreza inigualável.

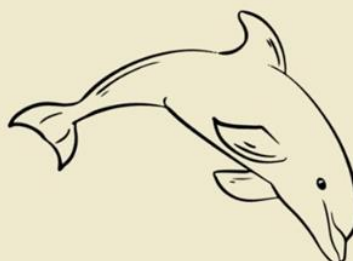
No mar extenso, o golfinho a brincar
saltos e acrobacias a demonstrar,
inteligência e graça a se exibir
nas ondas dança, a nos divertir.

Na savana vasta, a majestade do leão
rei da selva, impondo sua condição
majestoso e feroz, no seu esplendor
um símbolo de poder e de fervor.

Assim são os seres que habitam o mundo
cada um com sua essência, seu papel na teia da vida
em harmonia, formam a natureza
da pequena formiga ao grande elefante, num eterno instante.

Com suas diferenças, beleza sem igual
os animais, em toda sua diversidade
ensinam lições, num imenso carnaval
de harmonia e amor, em pleno caos.

A triste sina dos bichos a sofrer
sob o peso da destruição sem parar.
O homem, em sua busca por lucro e poder
traz à vida selvagem um amargo azar.



CAROLINA CEZAR DA SILVA**A MAGNITUDE DAS BALEIAS**

Nos vastos domínios do oceano a brilhar,
Baleias majestosas, seres a se entrelaçar.
Gigantes que dançam nas profundezas,
Cantam suas histórias, criando riquezas.



Navegadores marítimos, cantando ao ressoar,
Em mares dançam, um espetáculo a encantar.
Caudas erguidas como emblemas da esperança,
Baleias, guardiãs do oceano, em sua calmaria.

Pelos abismos marinhos, serenas canções geram,
Traçando caminhos no vasto amanhecer.
Ballet aquático sob o brilho lunar,
Baleias, guardas do oceano, em doce pesar.



Soprando arcos de enigmas no ar,
Saltam, flutuam, em êxtase a pairar.
Protetora dos mares, sábias e reais,
Nas profundezas, contam contos ancestrais.

Baleias, as encantadoras do oceano sem fim,
Em seus olhares, reflexos da imensidão do universo.
No balé das ondas, em eterna atração,
Baleias, criaturas belas, que o oceano te eternize.



BRUNA FRANÇA MELO**O MORCEGO ME ENSINOU**

Foto da autora

<p>Quantas vezes os animais Já disseram muito sobre você? Basta ficar atento Para ouvi-los e aprender</p>	<p>Eu precisava tirar um morcego da rede Pela primeira vez na minha vida “Eu estou fazendo certo?” “Por favor, alguém me avisa!”</p>
<p>Em maio de 2022 Eu aprendi, sem perceber Porque a floresta te ensina muita coisa Mesmo sem você querer</p>	<p>Mas com outra pergunta Cintia me respondeu “Em quem você está mais concentrada?” “No morcego ou no seu próprio eu?”</p>
<p>Eu prefiro sair durante o dia Já o morcego é um animal noturno E as coisas tinham mais clareza Conforme eu dava passos no escuro</p>	<p>Tenha cuidado com o medo Vá e enfrente de uma vez Pois se teme machucar alguém Provavelmente já o fez</p>
<p>Se tratava de um campo em Itatiaia Para coletar espécies de morcegos Mas podia ser sobre uma jornada de vida Uma menina enfrentando os seus medos</p>	<p>Não se trata de você Mas de quem está do outro lado Enquanto você espera o tempo certo Ele já está sendo machucado</p>
<p>Já dizia Vanessa O silêncio da Mata é ensurdecedor Os morcegos têm patágio E voam para longe da dor</p>	<p>Quem me ensinou isso foi um morcego Um animal irracional Que fica de cabeça para baixo E apresenta folha nasal</p>
<p>O seu voo é bem especial Pois esse mamífero ajuda na polinização Tem placenta completa e pelos Pode usar a ecolocalização</p>	<p>Não se trata do quanto você sabe Mas da sua disposição em ensinar e aprender Desde o início, te contei o que eu aprendi Mas quem aprendeu zoologia aqui foi você</p>
<p>Utilizamos redes de neblina Uma armadilha para essa criatura É tão transparente, quase invisível Sua visão limitada não captura</p>	

CAMILA ADÃO

MELIPONINI

Nunca vi mais belas
Parecia imaginação
Voando sem ferrão!"



"A foto foi a inspiração para esse poema. Tirei ela numa saída de campo para a Floresta da Tijuca do meu estágio, foi a primeira vez que vi pessoalmente as abelhas sem ferrão" (a autora).

AGRADECEMOS PELA PRESENÇA E...



DEFENDA A BIODIVERSIDADE!



BICHOS EM PROSA E VERSO

Publicado em:
14-12-2023



Sugestão de formas de citação

1) Livro inteiro:

DA-SILVA, E.R. (ed.) 2023. Bichos em prosa e verso. **A Bruxa 7**(especial 1): 1-130.

2) Texto individual (exemplo do último texto):

ADÃO, C. 2023. Meliponini. *In*: DA-SILVA, E.R. (ed.) 2023. Bichos em prosa e verso. **A Bruxa 7**(especial 1): 127.